



Volume I

Renata Capitão Laranjeira

**Turismo
na Natureza**

Reabilitação de uma propriedade
agrícola adaptando-a ao Agroturismo

Projeto de tese apresentado à Escola Superior
de Artes e Design de Matosinhos para obtenção
do grau de Mestre em Design

Área de especialização: Interiores

Matosinhos | 2020

Renata Capitão Laranjeira

Turismo na Natureza:

Reabilitação de uma propriedade
agrícola adaptando-a ao Agroturismo

Projeto de tese apresentado à Escola Superior de
Artes e Design de Matosinhos para obtenção do
grau de Mestre em Design

Área de Especialização: Interiores

Orientadora: Prof.^a Maria Milano
Co-orientadora: Prof.^a Ana Sofia Carneiro e Cardoso

Matosinhos | 2020

Palavras-chave

Douro; reabilitação; experiências; turismo; agroturismo.

Resumo

Habitar um espaço reabilitado significa uma espécie de viagem no tempo.

Num processo de reabilitação existem diversos modos de resolver cada situação. Por vezes, é necessária a alteração do programa da preexistência e são necessárias demolições ou construções de novas áreas. Dependendo principalmente do estado de degradação, a reconstrução pode ser executada total ou parcialmente. Cada reabilitação deve ser sempre feita tendo como base o princípio da máxima parcimónia. Alterar o edifício de modo a adaptá-lo a cada programa, diminuindo os custos económicos e de recursos, tendo em conta os valores da sustentabilidade, beneficiando o local onde se encontra, e respondendo às necessidades do cliente e do proprietário.

Estes foram os princípios tidos em conta na reabilitação deste projeto. A adaptação deste ao agroturismo, auxilia os proprietários economicamente, ajudando a divulgar os produtos da região e produzidos na quinta. Principalmente sendo esta parte do património de família, a sua reabilitação é vital. É neste contexto que o principal objetivo passa pela adaptação do espaço preexistente da quinta a um novo programa. Agora, pretende-se fomentar uma atmosfera propícia ao turismo vinícola, com a oportunidade de se assistir às atividades vitivinícolas e ter contacto com a natureza e com o rio Douro.

Key Words

Douro; rehabilitation; experiences; tourism; agrotourism.

Abstract

Inhabiting a rehabilitated space means a kind of time travel.

In a rehabilitation process there are several ways to solve each situation. Sometimes, it is necessary to change the program of preexistence and demolitions or construction of new areas are necessary. Depending mainly on the state of degradation, reconstruction can be executed as a whole or partially. Each rehabilitation should always be done based on the principle of maximum parsimony. Change the building in order to adapt it to each program, reducing economic and resource costs, taking into account the values of sustainability, benefiting the location, and responding to the needs of the client and the owner.

These were the principles taken against the rehabilitation of this project. The adaptation of this to agrotourism, helps the owners economically, helping to promote the products of the region and produced on the farm. Mainly, being this part of the family heritage, its rehabilitation is vital. It is in this context that the main goal is to adapt the farm's pre-existing space to a new program. Now it is intended to promote a conducive atmosphere to wine tourism, with the opportunity to watch wine-making activities and have contact with nature and the Douro river.

Agradecimentos

... À professora Maria Milano, por todo o apoio que me deu em aulas, fora das aulas, no estágio e neste projeto. A minha orientadora de tese e a primeira orientadora do meu primeiro estágio a nível profissional.

... À professora Ana Sofia, que foi um pilar para este projeto ter evoluído. Sempre pronta a resolver os meus pedidos de ajuda.

... A todos os membros da Esad, docentes e não docentes, e também às minhas colegas de turma.

... À Luísa Medina, que me acompanhou em duas fases importantes: na preparação do fim do curso e no começo profissional.

... À minha família - **irmã Marisa**, Matilde, Afonso - porque quando se tem pilares fora do trabalho, este fica mais fácil de se realizar.

... Ao **João**, por tudo e por todo o apoio sempre dado, pelo incentivo para realizar cada trabalho.

... **Aos meus pais**. Os que contribuíram para tudo isto. Não há palavras e nunca vão haver para descrever todo o apoio, sempre! Em tudo. Ajudam todos os dias para que eu cresça mais um bocadinho. Quero agradecer-lhes ... muito.

Índice

Volume I

Palavras-chave e resumo	5
Key words and abstract	6
Agradecimentos	7
Índice	8-9
Glossário e siglas	11
Introdução	13

Capítulo I

Hospitalidade

1.1. Evolução do conceito de hospitalidade	20
1.2. Tipos de empreendimentos turísticos	27
1.3. Experiências oferecidas aos turistas	31

Capítulo II

Turismo

2.1. Turismo em Espaço Rural	45
2.2. Agroturismo	47
2.3. Casos de Estudo: reabilitação e adaptação ao turismo rural	50

Capítulo III

Projeto - Quinta do Bernardo

3.1. Estratégia de Projeto	57
3.1.1. Levantamento da preexistência	
3.1.1.1. Localização	60
3.1.1.2. Levantamento topográfico	61
3.1.1.3. Levantamento fotográfico	62
3.1.2. Distribuição esquemática dos espaços	64
3.1.2.1. Levantamento e mapeamento das patologias	66
3.1.2.2. Levantamento métrico	73
3.2 Imagens de referência	82
3.3 Público alvo	83
3.4. Distribuição esquemática dos espaços	84
3.5. Informação técnica	89
3.5.1. Desenhos ilustrados	109
3.5.2. Perspetivas com mapa de materiais e mobiliário	121

Considerações Finais	158
Bibliografia	160
Lista das imagens	164
Anexos	171
Anexo 1: Relatório do questionário	
Anexo 2: Desenvolvimento do projeto (esquissos)	
Anexo 3: Fotografias maquete estudo	

Volume II

Anexos

Desenhos Técnicos

Glossário

Feudalismo “regime fundamentado na ligação estreita entre a autoridade e a propriedade da terra, e caracterizado por uma relação de dependência entre vassallos e suseranos”. (Dicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 365);

Cruzadas movimentos militares cristãos rumo à Terra Santa com o objetivo de ocupar e manter sob domínio cristão;

Boom desenvolvimento rápido;

Mídia Meios de comunicação social (tais como a rádio, a televisão, a imprensa, a internet, ...);

Erasmus estudantes que se deslocam do seu país para outro para realizarem estudos;

Voyeurista aquele que sente prazer em observar outras pessoas, em cenas íntimas ou eróticas, sem que essas pessoas se apercebam;

Mansarda vão do telhado de um edifício em águas furtadas;

Pérgula suporte com pilares verticais e barrotes horizontais, num jardim, que podem ser ocupados por trepadeiras, criando sombra ao espaço.

Siglas

RDD Região Demarcada do Douro;

RNET Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos;

TER Turismo em Espaço Rural;

OMT Organização Mundial de Turismo;

INE Instituto Nacional de Estatística.

Introdução

No presente projeto é apresentado como objeto de estudo uma propriedade agrícola familiar: a Quinta do Bernardo em Resende, localizada dentro dos limites do que é considerada a Região Demarcada do Douro (RDD).

A Quinta do Bernardo é uma propriedade com cerca de 150 hectares onde se integram o edifício principal, duas ruínas e um vasto terreno em volta, parcialmente composto pela plantação de vinhas. Esta propriedade com data na sua fachada de 1940, pertence a uma família que se dedica à produção vitivinícola e que, atualmente, utiliza parte do edifício principal para o exercício dessa atividade.

Porém, o facto de os proprietários sentirem que o edifício se encontra parcialmente ao abandono, fez que com quisessem conceder a este um novo sentido.

É neste contexto, que surge o objetivo principal desta investigação, que passa pela elaboração de um projeto de reabilitação do edifício principal da propriedade agrícola. O programa apresentado, mais viável, procura moldar a preexistência ao novo negócio familiar: um empreendimento de turismo num espaço rural, com a classificação de agroturismo.

Esta escolha dos proprietários pela alteração do **programa** deveu-se a vários motivos. Contudo, o motivo crucial foi a preocupação em preservar e restaurar o património. Este não se encontra, de momento, num nível muito alto de degradação e quanto mais breve for iniciada a recuperação os custos financeiros e de recursos serão minimizados. Por pertencer à Região Demarcada do Douro este empreendimento leva o turista a conhecer mais um recanto cultural e também na sua estada, poderá observar as práticas que são feitas na produção do tão afamado “Vinho do Porto”. O turista terá o prazer de percorrer a Quinta, aproveitando uma vista privilegiada do rio e, em poucos metros, chegar junto do mesmo. Desta maneira, e com o acolhimento permanente de turistas, esta quinta dedicada ao Turismo Rural, irá auxiliar financeiramente os proprietários, que originaram este negócio, bem como o comércio local.

Quanto ao projeto de reabilitação, é apresentada uma solução de adaptação do terreno e da casa principal da quinta, à atividade de turismo rural. Como defendemos que deve ser o objetivo de todos os projetos de reabilitação, aqui é valorizado um processo de projeto que valorize a identidade arquitetónica. Um projeto com o mínimo de demolições possíveis, reaproveitando ao máximo os materiais da preexistência e consequentemente contendo o valor dos custos e do lugar. Um projeto é diferente de acordo com o contexto onde se insere, pois existem regras quanto à utilização de determinados materiais, cores e técnicas de construção.

Por estas razões, esta propriedade está sujeita a diversas alterações, de forma a responder a diversos requisitos, entre eles: expectativas do proprietário, necessidades dos futuros clientes, legislações e normas em vigor, relação com o lugar e respeito pela identidade arquitetónica.

No que diz respeito à **metodologia** de trabalho, esta é constituída por uma abordagem teórica e uma prática, de desenvolvimento de projeto. Quanto às metodologias teóricas foram realizados questionários (fontes primárias) e consultada diversa bibliografia (fontes secundárias). Essa consulta permitiu o estudo de alguns temas como: os espaços de hospitalidade e a experiência do espaço; o projeto das atmosferas e a relação com o lugar; e as experiências que os turistas podem usufruir. Esta proposta de reabilitação fundamenta-se numa filosofia de conservação tipológica e construtiva, aceitando a introdução de novas funções pedidas e requeridas pelos clientes. O objetivo é o de responder a todas as necessidades e condições que um empreendimento de turismo requer, que o proprietário deseja e o que um turista procura.

Para o **desenvolvimento** do projeto foram efetuados levantamentos métricos e fotográficos do espaço preexistente. A par disto realizaram-se conversas com o cliente, fundamentais na fase inicial do projeto, para compreender as suas necessidades, quais os elementos a manter e opiniões para a nova tipologia da casa. Seguiu-se o desenvolvimento do programa onde para auxílio, foram realizadas pesquisas de arquivo, documentos normativos e legislações em vigor, artigos, revistas, teses, livros, inquéritos, fontes de estatística, etc, metodologias que foram

úteis para o desenvolvimento temático e uma melhor compreensão projetual. Posteriormente foram executados os desenhos técnicos, com enfoque nos vermelhos e amarelos com o objetivo de demonstrar que é possível a adequação de um edifício preexistente ao novo programa apresentado, efetuando o mínimo das demolições e mantendo íntegra a sua identidade arquitetónica. Para uma melhor clarificação e demonstração do projeto foram desenvolvidos desenhos técnicos (plantas, cortes, alçados, pormenores), desenhos ilustrativos, bem como renderings, esboços e maquete.

A **estrutura** da presente tese divide-se em dois volumes. No volume I estão presentes três capítulos. No primeiro capítulo aborda-se o tema a hospitalidade, a história da sua evolução, e são apresentados os tipos de empreendimentos turísticos e diferentes experiências oferecidas a turistas relacionadas com os temas de Peter Zumthor. No capítulo dois, introduz-se uma contextualização sobre o turismo rural, o agroturismo e três casos de estudo. No terceiro capítulo apresenta-se o projeto em todas as suas fases de desenvolvimento. Faz-se o levantamento da preexistência e em seguida apresenta-se qual o programa adotado, com desenhos técnicos, ilustrados, mapas de materiais e mobiliário, renderings, esboços e fotografias da maquete. Por fim, são apresentados as considerações finais, a bibliografia, a lista de imagens e os anexos. O volume II contém em anexo, desenhos técnicos do projeto numa maior escala.



CAPÍTULO I

HOSPITALIDADE

Hospitalidade

A hospitalidade é o “(...) ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de rececionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *habitat* natural.” (Camargo, 2004, p. 52).

Atualmente, quando recorremos ao termo hospitalidade, a associação aos conceitos de turismo e hotel são inevitáveis. Porém, este termo, que é de origem tão primitiva, outrora era entendido de maneira diferente da atual. Quanto à etimologia desta palavra, Cândido e Vieira (2003) afirmam que hospedagem, que deriva do latim *hospitium*, significa hospitalidade e que hospitalidade, originada do latim *hospitalitas*, significa o ato de receber bom tratamento por parte de quem dá ou recebe hospedagem. Este conceito de hospitalidade é adotado pelos serviços de hotelaria, para salientar a função do hospiteiro: a de acolher o hóspede da melhor maneira possível.

Se sintetizarmos o conceito em algumas palavras podemos dizer que rececionar, hospedar, alimentar e entreter, são as atividades principais e as primeiras que o viajante procura. Em tempos remotos, a hospitalidade era oferecida aos visitantes como uma atitude carinhosa em troca de nada. Quem se disponibilizava para acolher alguém, tinha que garantir uma agradável e repousada estada, dentro das suas possibilidades, com a tarefa de defender os viajantes dos perigos exteriores, oferecer-lhes comida e lavagem aos pés.

Esta oferta de hospitalidade permite, por outro lado, a partilha de costumes, histórias, lendas e tradições nunca antes conhecidas. Contudo, o significado do termo hospitalidade tem sofrido algumas mudanças. Pois, com os contínuos avanços económicos, tecnológicos e sociais e das diferentes necessidades sentidas ao longo dos tempos, a definição deste conceito foi evoluindo, bem como as normas a cumprir.



Imagem 1: Pessoas hospedadas numa caverna. Jan Steen, local desconhecido, 1660.

1.1. Evolução da história da hospitalidade

Podemos então descrever, de acordo com Jacques Levy-Bonvin (2003), os avanços sentidos, ao longo da história do conceito de hospitalidade.

O **conceito** de hospitalidade nasceu na Grécia e no império Romano, durante a antiguidade clássica. Durante este período foram aparecendo as primeiras tavernas e estalagens com o objetivo de responder às necessidades que os viajantes sentiam de se abrigarem e serem acolhidos por alguém. Nesta altura da história, grande parte dos gregos, abandonavam o local onde viviam, com o intuito de realizar peregrinações sobretudo religiosas, mas também para assistirem aos Jogos Olímpicos.

A nível da saúde, tal acontecimento multicultural impulsionou as primeiras peregrinações em busca de cura para doenças. Por consequência deste último ponto, começaram a ser desenvolvidos banhos termais para beneficiar a saúde de quem usufruía deles, em aldeias que permitiam momentos de repouso e recuperação. Foram os Romanos os primeiros a desenvolver banhos termais na Inglaterra, Suíça e no Médio Oriente. Por outro lado, os Romanos faziam viagens sobretudo por prazer e lazer. Com as conquistas do Império Romano que trouxeram alguns avanços económicos e sociais, começaram-se a edificar casas, denominadas de *mansiones* que serviam de albergue para receber e tratar dos viajantes em negócios do governo.

Já no período da **Idade Média** e com o feudalismo, o visitante foi considerado um invasor, e por essa razão, o número dos meios de hospedagem caiu, e foram os mosteiros e abadias os estabelecimentos a oferecer refúgio aos hóspedes. Por esta altura, haviam inúmeros peregrinos a enfrentarem o caminho para visitar pontos sagrados. Assim, as ordens religiosas decidiram construir formas de hospedagem mais direta para este tipo de hóspedes, de modo a responder às suas dificuldades. Posteriormente, no século XI, com o início das Cruzadas, os cruzados, enfermos, feridos e peregrinos eram acolhidos pelas ordens reli-

gias. No final deste século nasceram as *hospitium*, nome dado às casas onde os monges acolhiam os peregrinos e viajantes. Devido também ao elevado número de indivíduos, o ato de viajar tornava-se mais perigoso. No entanto, ao mesmo tempo que isso acontecia, na maior parte da Europa, ia crescendo sucessivamente o número de pousadas.

Entre os **séculos XI e XIV** na Europa, principalmente com o desenvolvimento das rotas comerciais, despoletou-se um desenvolvimento económico, aumento do incremento das viagens internacionais e crescimento do número de alojamentos. É então estabelecida uma solidificação na conversão da hospitalidade privada e amigável para uma hospitalidade pública e remunerada.

Na **Idade Moderna**, com o desenvolvimento a nível económico e cultural, as viagens continuavam a fazer parte da rotina das pessoas principalmente a nível profissional. A hospedagem era pensada com o intuito de receber negociantes, cientistas, artistas, arquitetos, entre outros. Surge o chamado *savoir vivre*, a arte de saber viver, pelos pensadores da época. Aumenta a ambição de querer viver, viajar, ver, observar e sentir tudo sobre cultura, arte e conhecimento. Surge então a viagem chamada “*Grand Tour*” (1600), que percorria um itinerário pela Europa, realizada normalmente aquando o término dos estudos, por jovens e artistas, com o propósito de enriquecerem os seus conhecimentos culturais, observando monumentos artísticos e históricos espalhados pela Europa, sobretudo em Itália.

Com a **Revolução Industrial** (iniciada por volta de 1760) foram estimuladas as construções de hotéis, por toda a Europa Continental, Inglaterra e América. Também as deslocações até aos hotéis tornaram-se mais fáceis e cómodas. Esta melhoria deveu-se ao surgimento da máquina a vapor e também das construções de alguns túneis que permitiram criar novos caminhos. Por exemplo, o trajeto da viagem “*Grand Tour*” era feito através dos túneis abertos nos alpes Suíços, capazes de conectar Itália, uma das principais metas, com o resto da Europa. Os hotéis começaram a ser também edificadas nos centros das cidades, inicialmente em Nova Iorque e em seguida Copenhaga.

Foi um empresário britânico, Thomas Cook, que decidiu transformar o turismo numa atividade mais organiza-



Imagem 2: Os mochileiros do século XVII. Autor desconhecido, local desconhecido, século XVII. 1660.

da e comercial, um dos primeiros agentes de viagens do mundo, que organizou a primeira viagem em grupo. Para esta atividade da hospitalidade é muito importante a noção da arte do saber entender as necessidades do cliente que foi implantada por César Ritz. Este, foi fundador de vários hotéis Ritz, em várias cidades como Paris, Londres e Lisboa. Este hoteleiro suíço criou um novo conceito de hotel, pois estabeleceu um serviço completo e personalizado. Os quartos passaram a ser espaçosos e com casa de banho, e a decoração passou a ser mais cuidada, ao nível da iluminação e dos utensílios colocados.

A partir do **século XIX**, com a exploração do poder de compra, surgiu o primeiro hotel considerado de luxo (1829) com o intuito de atender pessoas com poder socioeconómico: o “Tremont House” em Boston, que ofereceu wc interno, quartos trancados para os hóspedes, menu à la carte e zona de receção.

Em 1862, foi inaugurado aquele que foi considerado o hotel mais grandioso da Europa, nas suas dimensões, luxo e instalações: o “Le Grand Hotel” em Paris. Este conceito de “grande hotel” foi apelidado aos hotéis mais luxuosos. Esses hotéis, e tal como o “Le Grand Hotel”, são construídos segundo um estilo arquitetónico particularizado: janelas amplas, de estilo Luís XIV enquadradas no estilo ópera, para uma maior visibilidade para o exterior e o próprio exterior bem estruturado e desenvolvido. Vários hotéis luxuosos deste século e do seguinte receberam inúmeras figuras públicas que ficaram a viver no hotel.

O “Le Grand Hotel” teve o privilégio de ter os maiores nomes da pintura e decoração a contribuir para o seu desenvolvimento. Foi projetado por Alfred Armand com o intuito de fazer ver aos viajantes o progresso feito sob o Segundo Império pelas artes, ciências e indústria. (Lary-Bonvin, 2003).

Cada vez mais o hotel e os elementos que o definem foram evoluindo, disponibilizando aos hóspedes maior conforto e segurança. Fatores que ajudaram a esta evolução foram o aparecimento do elevador (1869) e a criação de hotéis com uma estrutura capaz de resistir ao fogo (1870).

Em Viena, no ano de 1873, foram transformados palácios em soberbas habitações de luxo com uma arquitetura requintada, destinadas às pessoas notáveis da época, tais como a monarquia. Foi na Suíça



Imagem 3: Exterior “Tremont House”.
Isaiah Rogers, Boston, 1829.



Imagem 4: Interior “Tremont House”.
Isaiah Rogers, Boston, 1829.



Imagem 5: Exterior “Le Grand Hotel”.
Alfred Armand, Paris, 1862.

em 1890, criada a primeira escola de hotelaria por J. Tschumi, a fim de ensinar as regras e normas estabelecidas no ramo hoteleiro.

As evoluções continuaram, e foi o “Hotel Netherland” em Nova Iorque, o primeiro a oferecer aos hóspedes o seu telefone exclusivo. É como se a entrada do hotel fizesse parte da cidade, onde as pessoas que passam na rua podem entrar para utilizar os telefones. O hotel torna-se assim uma extensão do espaço público.

Foi em 1920, que se deu o *boom* na indústria hoteleira, com diversos hotéis estabelecidos. Três anos depois, um palácio no centro de Marraquexe é transformado naquele, que por alguns anos, foi considerado o hotel mais maravilhoso do mundo todo envolvido por jardins.

Depois do surgimento da **Segunda Guerra Mundial** (1939-1945), verificou-se o segundo *boom* da hotelaria, graças aos avanços sociais na área da medicina, alimentação, nos meios de comunicação, lazer e transportes. O turismo foi democratizado, e conseqüentemente a hospitalidade deixou de ser apenas de luxo para poucos, passando a ser ao alcance de muitos. Começaram a aparecer os hotéis de casino e as companhias aéreas começaram a criar os próprios hotéis.

Os hotéis passaram a ser maioritariamente procurados por pessoas que pretendiam sair da rotina e procuravam entretenimento fora de casa. Os hotéis localizados na cidade e na praia, abriram portas aos hóspedes, que no verão, queriam desfrutar de sítios perto da praia com o intuito de relaxar o mais possível e apanhar sol. Foram também construídos hotéis, por exemplo na Suíça, nas estâncias de esqui, que recebiam praticantes e visitantes, que posteriormente tinham necessidade de ficar alojados em algum sítio.

Por volta do **ano de 1950**, nos Estados Unidos, foi criado o primeiro empreendimento com o propósito de acolher os motoristas e viajantes que faziam longas viagens. A sua localização era longe do centro da cidade. Foi então dado o nome de motel, uma junção das duas palavras motor e hotel, dando a ideia de uma estada rápida. Hoje em dia o conceito é mais abrangente e, por se situar longe das cidades, deu origem a que fosse também frequentado por casais em busca de anonimato.

O terceiro *boom* nesta indústria, ocorre na década de 1980 e foi marcado por um *marketing* mais inventivo e pelo



Imagem 6: Exterior do hotel. “Hotel Palace La Mamounia”. Al Mamoun, Marrocos, 1923.



Imagem 7: Interior do hotel. “Hotel Palace La Mamounia”. Al Mamoun, Marrocos, 1923.



Imagem 8: Primeiro motel. “Milestone Motel”. Autor desconhecido, Califórnia, 1950.

aparecimento de hotéis mais adaptados a cada tipo de clientela (Lary-Bonvin, 2003). Isto fez com que surgissem mais hotéis e mais específicos como: hotéis perto de aeroportos, hotéis de férias localizados na praia, na montanha, hotéis de saúde, turismo rural, entre outros. Ainda nos **anos 1980**, cadeias internacionais de hotéis (sobretudo nos Estados Unidos), preparavam planos de dilatação pela Europa, voltados principalmente para pessoas de empresas e que participavam em congressos.

Nos **anos 1990**, a tecnologia começou a causar impacto. Devido à Guerra do Golfo em 1991, foi considerado um ano mau para o mundo hoteleiro, pela insegurança sentida pelos indivíduos e por quem realizava os negócios. Para tentar sair desta carência sem deixar desabar os negócios, os donos dos hotéis foram forçados a pensar em métodos que aliciassem os hóspedes, como programas especiais, ofertas, sistemas de reserva de alto desempenho, entre outros. Estes sistemas requeriam aos hóspedes a sua informação com o intuito de ser colocada na base de dados, algo que permitia ao hoteleiro criar fidelidade com o cliente. De 1992 até aos dias de hoje, a tecnologia está cada vez mais presente no ramo hoteleiro, com a simplificação do check-in/check-out. Foi também introduzido o sistema para gerir os quartos mais populares tornando a receção mais eficiente e acolhedora para os hóspedes.

Com a **mudança do século**, grande parte dos grupos principais de hotéis, foram submetidos a renovações, tornando-os mais de acordo com aquilo que os clientes procuravam, com linhas mais modernas e serviços avançados. Para diferenciar a qualidade adquirida por cada um, começaram gradualmente a surgir a atribuição de estrelas aos hotéis, de três a cinco. Estas mostravam ao hóspede o nível do hotel em geral, pelo seu serviço, pela aparência arquitetónica, pelos ambientes interiores, entre outros.

Cada vez mais os hotéis procuram diferenciar-se dos outros, tornando-se progressivamente mais extravagantes. O “Jumeirah Beach Hotels”, é um hotel que foge à regra, pois já falamos em seis/sete estrelas. Este hotel compreende vários estabelecimentos, ambientes e serviços capazes de servir o cliente luxuosamente.

Ao longo de toda a história as pessoas sentiram necessidade de se hospedarem num outro local que não a sua casa, e também nestas quase duas décadas do **sécu-**



Imagem 9: Exterior do hotel. “Jumeirah Beach Hotels”. Atkins, Dubai, 1997.



Imagem 10: Interior do hotel. “Jumeirah Beach Hotels”. Atkins, Dubai, 1997.

lo XXI isso acontece. As pessoas deslocam-se por diversas necessidades: por trabalho, estudos, lazer, atos religiosos, dificuldades sociais e financeiras, refúgio, entre outros.

Um exemplo recorrente hoje em dia são os estudantes universitários. Estes decidem estudar longe do seu local de residência e são obrigados a procurar um novo sítio para viver, muitas das vezes em residências universitárias. Este é também um tipo de hospitalidade, que embora a sua origem remonte ao século passado, é cada vez mais divulgado pelos média, a elevada procura por este tipo de empreendimento.

O programa *Erasmus*, vinculado muitas vezes às escolas, possibilita a troca e aquisição de novos conhecimentos, pela parte de quem recebe o visitante como para o visitante. Aqui, voltamos ao início da história da hospitalidade, pois quem recebe o estudante tem que fazer os possíveis para que este seja recebido da melhor maneira.

Outro conceito com cada vez mais adesão é o “Airbnb”. Este é um motor de busca fundado em 2008, que facilita aos hóspedes a escolha do meio de hospedagem. A diferença é que no “Airbnb”, uma pessoa de qualquer lugar do mundo pode oferecer a sua casa para outra. Pode oferecer a casa ou apenas um quarto ou um espaço dependendo do desejo do cliente. O interesse neste tipo de conceito são os preços mais baixos e a facilidade de ceder / alugar o imóvel sem grandes burocracias. (Garrett, 2017).

Hoje, podemos constatar que o conceito de hospitalidade está diretamente ligado ao turismo. Todas as pessoas que viajam e fazem turismo gostam de se sentir bem recebidas e esse é o papel de cada estrutura hoteleira. Quando falamos em encontrar uma boa hospitalidade num empreendimento referimo-nos à maneira de como somos recebidos, de como o serviço é prestado, às condições físicas e de localização do hotel e às paisagens e gastronomia presentes em seu redor. É por isso que cada vez mais, as pessoas procuram espaços que proporcionem essa boa hospitalidade: a procura de experiências, paisagens de sonho e de relaxamento. Por isso, é elevada a procura dos turistas por empreendimentos de turismo em espaço rural, para encontrar essa paz e o contacto com a natureza desvinculando da rotina do dia-a-dia.

Assim, nos **dias de hoje**, quem tem a oportunidade de viajar, não procura apenas um alojamento para se hospede-

dar, como acontecia originalmente. É por isto, cada vez mais complexo para os projetistas e gerentes de um empreendimento, pela diversidade de opções e diferentes necessidades e exigências. É o papel fundamental destes tentar enquadrar e responder às necessidades, de acordo com a tipologia do empreendimento. É aqui relevante o papel de um designer de interiores, pela preocupação que este tem em estar ocorrente do estado atual das coisas, apresentando novos modos de melhorar a estada do hóspede, fazendo com que este se sinta em casa.

O conceito da hospitalidade, que outrora era visto como um ato caridoso e sem fins lucrativos, é nos dias de hoje, um negócio em grande desenvolvimento. Este reúne não só hotéis, mas também outros tipos de empreendimentos turísticos, como parques de campismo, alojamento local, turismo em espaço rural, entre outros, bem como os serviços a estes agregados e que proporcionam bem-estar ao visitante. De facto, e devido a uma vida cada vez mais frenética e dias de trabalho agitados, o que grande parte da sociedade procura é de uns dias de descanso, com o propósito de fugir à rotina e ir em busca de novos lugares.

Nessa procura, há certamente requisitos que o turista pretende encontrar. Lugares de distração, descanso, oportunidade de conhecer novas culturas, gastronomias e novas atividades e ser levado a usufruir de experiências distintas. Estes são pontos que os gerentes dos empreendimentos turísticos se focam cada vez mais em oferecer aos turistas.

1.2. Tipos de empreendimentos turísticos

Cada turista tem sempre como objetivo ficar alojado num local onde seja bem recebido e onde lhe sejam dispostos os serviços essenciais que necessita no decorrer da viagem. De um modo geral, o que o hóspede procura é receber uma boa hospitalidade. A hospitalidade, como mencionado anteriormente, é compreendida e disponibilizada, em cada tipo de empreendimento, de maneiras diferentes. Essa diferença deriva, essencialmente, do facto de existirem empreendimentos distintos e cada um possuir diferentes características.

Existem variados tipos de empreendimentos turísticos com diferentes noções e que possuem entre si requisitos distintos. O Diário da República, no Decreto-Lei nº39/2008 de 7 de março com posterior correção presente no Decreto-Lei 15/2014 de 23 de janeiro (Diário da República, 2014), mostra-nos que são considerados empreendimentos turísticos, os estabelecimentos destinados a alojar pessoas, mediante remuneração. Dispondo para um bom funcionamento, de um conjunto de estruturas, equipamentos e serviços. Estes empreendimentos turísticos estão divididos em sete tipologias: estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos turísticos, apartamentos turísticos, conjuntos turísticos (*resorts*), empreendimentos de turismo de habitação, empreendimentos de turismo no espaço rural e parques de campismo e caravanismo. Estas sete tipologias são definidas e classificadas pela portaria conjunta dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do turismo e do ordenamento do território, no caso das quatro primeiras e pela portaria conjunta dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do turismo, da administração local, da agricultura e do desenvolvimento rural, no caso das três últimas.

Cada tipologia de empreendimento possui uma definição diferente bem como as suas características.

Estabelecimentos hoteleiros

Destinados a proporcionar alojamento temporário e os demais serviços de apoio, com o fornecimento ou não de refeições, requisito a decidir por cada hóspede. Os estabelecimentos hoteleiros podem ainda ser classificados como hotéis, hotéis-apartamentos ou pousadas. Estes empreendimentos devem ocupar uma parte ou a totalidade independente, constituída por pisos completos de um ou mais edifícios, desde que entre eles haja uma área de utilização comum. Devem dispor no mínimo de 10 unidades de alojamento.



Imagem 11: Pousada. “Pousada de Ofir”. A.d., Esposende, s.d.

Aldeamento Turístico

Empreendimento composto por um conjunto de instalações interdependentes com expressão arquitetónica coerente, com unidades de alojamento situadas em espaços com continuidade territorial. O edifício que integra os aldeamentos não pode exceder os três pisos e deve dispor no mínimo de 10 unidades de alojamento.



Imagem 12: Aldeamento turístico. “Casas da Comporta”. A.d., Alcácer do Sal, s.d.

Apartamentos Turísticos

São constituídos por um conjunto de unidades de alojamento, destinadas a proporcionar alojamento e outros serviços de apoio aos turistas. Os apartamentos podem ocupar parte de um edifício, constituído por pisos completos e contíguos, e/ou a totalidade de um ou mais edifícios apresentando características semelhantes entre si. Deve também dispor de no mínimo 10 unidades para se alojar.



Imagem 13: Apartamento turístico. “Domum”. A.d., Porto, s.d.

Conjuntos Turísticos (resorts)

São empreendimentos constituídos por núcleos de acomodações que funcionam independentes, situados em áreas com continuidade territorial entre si, ainda que atravessados por diversas situações como estradas e caminhos. Estes destinam-se a proporcionar alojamento e serviços de apoio a turistas, sujeitos a uma administração comum de serviços partilhados bem como partilha de equipamentos.



Imagem 14: *Resort*. “Douro Cister Hotel Resort”. A.d., Ucanha, s.d.

Empreendimentos de turismo de habitação

São estabelecimentos de natureza familiar, situados em imóveis antigos e particulares, normalmente ricos a nível arquitetónico ou representativos de determinada época, nomeadamente palácios e solares. Podem estar localizados em espaços rurais ou urbanos. Neste tipo de empreendimento o número máximo é de 15 hóspedes.



Imagem 15: Turismo de habitação. “Casa do Outeiro”. A.d., Arcozelo, século XVIII.

Empreendimentos de turismo no espaço rural

São empreendimentos em espaços rurais, que se destinam a prestar serviços de alojamento a turistas, preservando, recuperando e valorizando o património arquitetónico, histórico, natural e paisagístico dos respetivos locais e regiões onde se situam. São então realizadas obras de reconstrução, reabilitação e ampliação de construções existentes, de modo a ser assegurada a integração na envolvente. Estes empreendimentos podem ainda ser classificados como: casas de campo (imóveis situados em aldeias e espaços rurais que se integrem, pela sua traça, na arquitetura típica local), agroturismo (imóveis situados em explorações agrícolas que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos) e hotéis rurais.



Imagem 16: Casa de campo. “Riba Rio”. A.d., Viana do Castelo, s.d.

Parques de campismo e caravanismo

Empreendimentos instalados em terrenos delimitados e dotados de estruturas destinadas a permitir a instalação de tendas, reboques, caravanas e autocaravanas e demais equipamentos destinados a esta prática. Estes parques podem ser públicos ou privados e podem existir instalações de carácter complementar destinadas a alojamento.



Imagem 17: Parque de campismo e caravanismo. “Parque Cerdeira”. A.d., Gerês, s.d.

Atualmente os turistas antes de selecionarem um destino e realizarem uma viagem já pesquisaram sobre o que poderão encontrar. Estes tem disponível para consulta diversos sites online como: *booking*, *trivago*, *tripadvisor* entre outros. Tais mecanismos aparecem com o objetivo de ajudar durante o processo de escolha. Estes são dotados de

imagens, tipo de classificação e comentários de pessoas que já frequentaram os estabelecimentos. Também para facilitar essa procura é disponibilizado pelo Turismo de Portugal o site do RNET (Registo Nacional dos Empreendimentos Turísticos), onde consta uma lista atualizada dos empreendimentos turísticos com título de abertura válido, da qual consta o nome, classificação, capacidade, localização, informação da entidade exploradora e períodos de funcionamento. Assim, o turista ao pesquisar possíveis locais onde se alojar, pode num primeiro passo, escolher o tipo de empreendimento turístico e ficar esclarecido quanto à oferta disponível no mercado.

Com o aumento progressivo do turismo e consequentemente a necessidade de hospedagem, seja por lazer ou trabalho, foram criadas diferentes experiências em cada tipo de empreendimento, a fim de satisfazer as necessidades de turista, mas também para seu entretenimento e descoberta. Estas experiências oferecidas aos turistas, fazem com que cada alojamento se destaque e seja diferente pela experiência que promove. É de novidades e experiências que saiam da rotina que os turistas mais procuram.

Contudo, por vezes, apenas procuram lugares destinados a negócios ou simplesmente propícios para relaxar, frequentemente enquadrados na natureza. Cada turista procura e sente necessidade de vivenciar experiências diferentes. Por isso, existem distintos tipos de empreendimentos e associadas a estes, variadas experiências que atraem diferentes tipos de turistas, consoante o gosto e necessidade de entrar num outro mundo para fugir ao *stress* e à rotina quotidiana.

1.3. Experiências oferecidas aos turistas

Com a grande variedade de tipos de empreendimentos turísticos há também cada vez mais um aumento da necessidade em capturar a atenção dos turistas oferecendo novas experiências, e assim se diferenciarem uns dos outros. Assim, existem vários empreendimentos que oferecem diversas experiências aos turistas. Conseqüentemente, cada indivíduo ao entrar num espaço sente determinada sensação. Essa sensação é também criada através da Atmosfera ligada a um determinado lugar ou experiência que este promove.

Segundo **Peter Zumthor** o autor do livro “**Atmosferas**”, “a atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver.” (Peter Zumthor, 2006, p. 12). “Existe um efeito recíproco entre as pessoas e as coisas” (Peter Zumthor, 2006, p. 16). Ou seja, a forma como as coisas, as pessoas, os sons, os materiais, e as texturas, etc, nos tocam depende da disposição sentida em determinado momento. (Peter Zumthor, 2006). Posto isto e no sentido de criar atmosferas agradáveis em cada espaço, Zumthor rege-se por alguns temas que considera essenciais, e que aqui fazemos ligação dos mesmos com espaços hoteleiros que oferecem ao turista a oportunidade de usufruir de diversas experiências.

Hoje em dia, com as preferências das pessoas tão díspares resulta num vasto número de opções para o turista. O Hotel “Silken Puerta América” em Madrid (Espanha, 2005), é bastante cativante para pessoas interessadas em Design pois este empreendimento oferece ao turista a experiência de se poder alojar num quarto com um design assinado por um designer/arquiteto de renome mundial. Cada espaço, convida o casal a sonhar e é destacado pela originalidade, luxo, inovação e liberdade formal, despertando assim os sentidos dos seus hóspedes. Por serem projetados por arquitetos diferentes, resultam em díspares situações de hospitalidade. Com estas criações os designers/arquitetos desenvolvem os espaços transmitindo aos hóspedes a sua linguagem. Cada espaço com a sua funcionalidade é diferenciado pelo estilo

do autor, pelas suas cores, formas, texturas e materiais. Esta **“consonância dos materiais”** (Peter Zumthor, 2006, p.22) termo de Zumthor, está presente em cada piso do hotel, pela utilização de diferentes materiais em cada um e consequentemente uma vasta gama de cores. Observando o parque de estacionamento do hotel, desenhado por Teresa Sapey (imagem 18), percebemos pelas cores fortes, pelos símbolos grandes e pela boa luminosidade, que é um local com a finalidade de estimular o visitante e distanciá-lo daquilo que está habituado. Isto porque, regra geral, as pessoas estão familiarizadas em vivenciar espaços de parque de estacionamento com cores na gama dos cinzas e com luminosidade reduzida.

Já noutro piso, o espaço da receção e sala de reuniões, desenhado por John Pawson (imagem 19), muda totalmente o carácter, com a utilização da madeira, como material de tonalidade clara, que torna o espaço mais quente e doméstico. No piso 1, exemplo de um quarto onde foi usado o mesmo material em todo o espaço, material esse totalmente despojado de cor (imagem 20). Aqui, com a presença enorme das linhas orgânicas tornam o espaço mais fluido, linguagem caracterizadora de todas as obras de Zaha Hadid.

No piso 2, elegância e flexibilidade projetada por Norman Foster (imagem 21). Aqui, com os materiais utilizados, couro e madeira, nota-se mais conforto no quarto, pelos menos visualmente, comparado com o do piso 1.

Totalmente distinto dos anteriores é o piso 3 desenhado por David Chipperfield (imagem 22), que se destaca pelo luxo. Aqui, foi utilizado o mesmo material no pavimento, paredes e teto, onde predomina a cor preta que torna o espaço mais intimista. É usada a luminosidade para criar um jogo entre o claro e escuro e a luz e sombra.

O piso 4, desenhado pelos “Plasma Studio” nota-se um autêntico exercício de geometria (imagem 23). Aqui o projetista, já com um material diferente, brinca com as formas triangulares, que quando incide a luz, cria ao visitante uma sensação de confusão e de diminuição da percepção do espaço.

Assim, este hotel espelha a imagem e carácter dos autores que o projetaram, muito caracterizado por diferentes materiais utilizados. Estes “materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único” (Peter Zumthor, 2006, p. 24). Nos andares em diante com



Imagem 18: Piso -1 do hotel “Silken Puerta América”, o parque de estacionamento. Teresa Sapey, Espanha, 2005.



Imagem 19: Piso 0 do hotel “Silken Puerta América”, o espaço da receção e sala de reuniões. John Pawson, Espanha, 2005.



Imagem 20: Piso 1 do hotel “Silken Puerta América”, o quarto como espaço fluido. Zaha Hadid, Espanha, 2005.



Imagem 21: Piso 2 do hotel “Silken Puerta América”, o quarto elegante. Norman Foster, Espanha, 2005

nomes como Jean Nouvel, Richard Gluckman, entre outros, podemos ver, em cada piso, a experiência de viver e estar mais perto da maneira de pensar de cada autor. Sendo todos os pisos destinados às mesmas funções, todos são diferentes o que permite também aos hóspedes sentirem-se únicos e com a decisão de se hospedarem no piso que se enquadrem melhor. Em cada piso é uma experiência diferente pelas suas cores, proporções, texturas, formas, padrões, luzes, sombras, tecidos, pavimentos, objetos, entre outros, resultando em atmosferas diferentes e que criam também ao visitante sensações diferentes (Freshome, 2011).

O tema da “**serenidade e sedução**” (Peter Zumthor, 2006, p. 4) abordado também por Zumthor fala-nos que a arquitetura pode ser feita de modo a seduzir e a conduzir cada pessoa. “Eu bem aqui, mas neste momento ao virar da esquina, ou noutra ponta qualquer, há algo que desperta a minha atenção, a luz que entra duma certa maneira, e eu passo descontraidamente. (...) E assim me encontro numa viagem de descoberta” (Peter Zumthor, 2006, p. 44).

Um exemplo de um empreendimento que retrata este conceito de sedução é o “The Hotel” na Suíça (1907). A gerência do hotel sentiu necessidade de acrescentar ao empreendimento algo que levasse os turistas à escolha pelo mesmo. Por isso, foi no ano de 2000 que os interiores foram redesenhados pelo Arquiteto Jean Nouvel. Este adicionou ao espaço uma experiência nova e diferente que pode ser usufruída pelo turista.

O hotel passou a oferecer “(...) uma antologia cinematográfica de desejo” (Ateliers Jean Nouvel, s.d, traduzido). Isto foi conseguido por Nouvel que manteve a aparência exterior do hotel e redesenhou os interiores que passaram a ter cores neutras e frias a contrastar com os tons quentes das imagens dos tetos. Estas imagens nos tetos de cada quarto, são projeções ampliadas de *clips* de filmes eróticos. Assim, para além de oferecer aos hóspedes uma experiência *voyeurista*, quem transita na rua e olha para cima, pode também apreciar os *clips*, sendo assim seduzido e posteriormente conduzido a visitar o hotel, motivado pelas imagens sedutoras do teto. Ainda para reforçar a passagem destas cenas para o exterior, os quartos não possuem cortinas, mas sim persianas. Aqui, a quantidade de simplicidade e espiri-



Imagem 22: Piso 3 do hotel “Silken Puerta América”, o quarto intimista.
David Chipperfield, Espanha, 2005



Imagem 23: Piso 4 do hotel “Silken Puerta América”, o quarto geométrico.
Plasma Studio, Espanha, 2005.



Imagem 24: Fachada “The hotel”, visão sobre as imagens dos tetos.
Jean Nouvel, Suíça, 2000.

tualidade é tanta quanto a elegância e requinte. Cada casal aproveita o espaço de maneira diferente, sendo o objetivo que este se sinta num sítio mágico, emocionante e inesquecível (Ateliers Jean Nouvel, s.d, traduzido; Riewoldt, O., 2002).

O hotel “The Standard” Hollywood localizado em Los Angeles (1999), é um empreendimento destinado a artistas e expressão criativa. “Ainda que seja especialmente radical, a transformação do edifício realizada por Hausmann lembra o mundo flower-power do espião cinematográfico Austin Powers, pela forma como combina o original pano de fundo dos anos 60 com estereótipos pop e elementos de arte performance e cultura de clube (...)” (Rietwoldt, 2002, p. 38). A grande característica deste hotel é a oferta ao casal visitante da experiência de viver perante cenários de performance.

Trata-se de uma instalação apelidada “The Box” (imagem 26). Esta é uma caixa de vidro localizada atrás do balcão da recepção que tem como elementos: um colchão, lençóis e uma almofada. Perante estes objetos é acrescentado o modelo que pode representar o que quiser dentro da caixa, como ler, dormir, etc., evitando o contacto visual com pessoas exteriores. A ideia principal da instalação é tentar replicar o tipo de cenário do filme “Janela Indiscreta” de Alfred Hitchcock produzido em 1954, onde a história é toda atravessada pela prática do *voyeurismo*. Esta é uma instalação que caracteriza este hotel, e tenta tornar literal o conceito do *voyeurismo* ligado à estada num hotel.

Esta instalação é também uma forma de apelar aos casais a visita ao hotel. Para o empreendimento é uma obra de arte, com o objetivo de ser observada e interpretada pelos hóspedes. Para o artista que faz parte da instalação é um momento de criação e descoberta, pois os seus comportamentos são observados e alvos de críticas (Jocelyn Silver, 2018, traduzido). A instalação foi inclusive ocupada temporariamente pela poetisa Jacqueline Suskin, que a usou como retiro para escrever o seu livro sobre Califórnia (imagem 27).

A forma encontrada por cada ser humano para se refugiar é diferente bem como a sua relação com um espaço. Para alguns o melhor refúgio é um espaço solitário diante da vista dos outros. Contrariamente para Jacqueline, pois encontra-se num lugar onde é obser-



Imagem 25: Interior do quarto. “The hotel”. Jean Nouvel, Suíça, 2000.



Imagem 26: Performance atrás da recepção. “The Standard hotel”. Hausmann, Los Angeles, 1999.



Imagem 27: Performance por Jacqueline Suskin. “The Standard hotel”. Hausmann, Los Angeles, 1999.

vada por todos. Exposta aos olhos de todos e com alguns pertences, encontra o ambiente ideal para se inspirar.

Assim, podemos ter aqui a percepção de um dos temas abordados por Zumthor **“As coisas que me rodeiam”** (Peter Zumthor, 2006, p. 34). Todas as pessoas têm os seus próprios objetos que lembram determinadas situações e que vão compondo as casas habitadas de histórias. Posto isto, Zumthor pergunta-se se **“terá sido tarefa da arquitetura criar o invólucro para receber esses objetos”**. (Peter Zumthor, 2006, p. 36 e 38).

A verdade é que todos os objetos são de qualquer maneira marcantes diante do espaço onde se encontram. Nesta caixa foram os objetos, tal como em grande parte dos espaços habitados, que ajudaram (e ajudam os habitantes em geral) a sentir-se mais no seu mundo, e não num espaço despojado da história de quem o habita. O espaço é repleto de livros, frases na parede, papéis e até folhas a cair, o que traz à caixa mais habitabilidade. A presença dos objetos é importante e cada pessoa identifica-se com diferentes objetos que são essenciais numa casa, e contam a história de cada pessoa.

O tema **“Degraus de intimidade”** (Peter Zumthor, 2006, p. 50) é também abordado por Zumthor. Podemos transpor este tema ao falar do alojamento **“Skylodge Adventure Suítes”** (imagem 28 e 29). Este é composto por três suítes cápsulas situadas numa montanha a cerca de 366 metros de altura. Assim, o casal que aqui se alojar aproveitará de uma experiência única. Porém, devido ao tipo de alojamento, este terá também o sentimento de intimidade, pois o tamanho desta cápsula torna-se pequeno em comparação com o sítio onde está situado.

“O corpo da arquitectura” (Peter Zumthor, 2006, p. 22), considerado o maior segredo da arquitetura pois **“(…) consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar este espaço”** (Peter Zumthor, 2006, p. 22). Podemos observar o **“Hydropolis Underwater Hotel”** (imagem 30), conhecido como a maior construção com instalações de última geração. Este hotel projetado por Joachim Hauser e pelo professor Roland Dieterle foi o primeiro *resort* de luxo subaquático do mundo e está situado 30 metros abaixo da superfície. O hotel está dividido em três áreas diferentes, mas igual-



Imagem 28: Exterior da cápsula. “Skylodge Adventure Suítes”. Autor desconhecido, Perú, 2013.



Imagem 29: Interior da cápsula. “Skylodge Adventure Suítes”. Autor desconhecido, Perú, 2013.



Imagem 30: Exterior do hotel. “Hydropolis Underwater Hotel”. Joachim Hauser & Roland Dieterle, Dubai, 2010.

mente interessantes: uma estação terrestre de recepção aos hóspedes que são transportados até a área principal e o hotel submarino (constituído por 220 suítes). Assim, o corpo da arquitetura descrito como “a presença material dos objetos de uma arquitetura, da construção” (Peter Zumthor, 2006, p. 22) está bem presente neste hotel. Em algumas construções há uma estrutura, que depois é escondida por um revestimento.

Neste hotel, a escolha dos materiais utilizados depende do aspeto final pretendido, da função a dar à construção e também do local. Assim sendo, o corpo da arquitetura deste hotel é reforçado com betão e aço, e as paredes e cúpula em forma de bolha de acrílico, que permitem aos hóspedes a observação de toda a vida marinha. É o material que dá corpo à arquitetura e se fosse introduzido outro material o hotel perdia o conceito. Deixaria de se poder ter a experiência do contacto visual direto com a vida marinha (imagem 31). Também a água tem importância, pois define a dimensão e atmosfera do espaço.

Esta construção é resultado de um projetista que tem grande paixão pela água e pelo mar. Ele diz que sendo o ser humano composto de 80% de água, a terra composta de 80% de água, e assim há vida. O “Hydropolis” reproduz organismos humanos no projeto arquitetónico, resultando numa analogia direta entre a fisiologia humana e a arquitetura. (Charismatic Planet, 2016).



Imagem 31: Interior do hotel. “Hydropolis Underwater Hotel”, Joachim Hauser & Roland Dieterle, Dubai, 2010.

Experienciar uma estada para corajosos e fascinante para os amantes de gelo é possível no “Icehotel” na Suécia (1989). Este é, não só um hotel, como também uma exposição de arte, ambos produzidos com os mesmos materiais: neve e gelo. Aqui, as pessoas podem a cada inverno voltar a visitar o hotel e encontrá-lo com um novo visual. Juntamente a este hotel, foi em 2016 lançada uma nova experiência: o “Icehotel 365”. É uma nova estrutura que permanece todo o ano e que inclui *suítes* de luxo, *suítes* de arte e bar, desenhados por artistas. Com esta nova experiência no hotel, os turistas podem explorar a visita a qualquer altura do ano, pois nos meses de verão a estrutura é refrigerada por painéis solares.

Para além de uma experiência diferente, este hotel tem vantagens ao nível da sustentabilidade. A sua localização é na área intocada do Círculo Ártico, às margens do rio Torne. Assim, é este rio que produz naturalmente todo o

gelo utilizado para a construção do hotel a cada ano. Com estas construções anuais, tentam minimizar o desperdício e emissões, pois o gelo é transportado para o armazenamento e qualquer gelo que não seja preciso é devolvido ao rio. Este hotel está munido de equipamentos para que os hóspedes suportem a **“temperatura do espaço”** (Peter Zumthor, 2006, p. 32). Este é um elemento da arquitetura que caracteriza o espaço, sendo que neste hotel, a temperatura ronda cerca dos -5 a -7°C. Um casal que usufrua da estada num dos quartos tem uma experiência diferente pois há a relação com o frio aparente do material do quarto em contraste com a cobertura de peles de rena e o saco térmico. “O facto de que os materiais retiram mais ou menos do nosso calor corporal é conhecido.” (Peter Zumthor, 2006, p. 34).

Quem habita um destes quartos, sente-se quente, mas sabe que o espaço está gelado, pela temperatura, e também pelo material que vê“(…) a temperatura é física e provavelmente também psíquica.” (Peter Zumthor, 2006, p. 34). Para além das roupas quentes, os hóspedes são acordados pela manhã com uma chávena de chá quente, confortando ainda mais e amenizando o frio do espaço. Um dos quartos do hotel, o “Art Suíte 365 – Dreamscape” (imagem 32 e 33) foi elaborado por Alex Haw&Aditya Bhatt. Como a maior parte das camas são elevadas do solo, aqui os designers deste quarto quiseram que o “Dreamscape” aumentasse esse efeito, criando uma escada imponente que conduz o hóspede para a cama. Assim, esta cama dá ideia que está presa aos tentáculos de neve, permite que o casal que ocupe esta cama, sinta a cama protegida ou por outro lado imagine outros cenários lúdicos. O Icebar é um lugar essencialmente para reunião das pessoas (imagem 34). Aqui, o artista coloca o gelo em foco: “o design minimalista é usado para destacar as variações cromáticas em cada bloco de gelo e deixar os convidados descobrirem os véus na água congelada.” (Icehotel, s.d.)

Em cada parte deste hotel, os materiais frios, a neve e o gelo, são formados de formas icónicas com linhas claras, onde a luz fraca e sonhadora se reflete criando sombras e perspectivas inacessíveis. “A hora de aproveitar é agora” (Icehotel, s.d.). Esta expressão que acaba por definir este hotel, pois o material com que é construído normalmente derrete facilmente, e dá esta sensação de



Imagem 32: Art Suíte 365 – Dreamscape, interior do quarto. “Icehotel”. Alex Haw & Aditya Bhatt, Suécia, s.d.



Imagem 33: Art Suíte 365 – Dreamscape, escadaria. “Icehotel”. Alex Haw & Aditya Bhatt, Suécia, s.d.



Imagem 34: Icebar, interior do bar em gelo. “Icehotel”. Jens Thoms Ivarsson, Elin Julin, Kalle Ekertoth & Hakan Jutblad, Suécia, s.d.

aproveitar o momento e o espaço o mais rápido possível.

A natureza é um dos meios mais procurados na altura de viajar. No Hotel “Kakslauttanan” na Finlândia, um casal de hóspedes tem a oportunidade de poder apreciar a natureza e ter o privilégio de se situarem num dos melhores pontos do globo para se observar a aurora boreal.

Neste hotel, os quartos de cada hóspede são iglus com estrutura de vidro anti orvalho para que o interior se mantenha numa temperatura favorável. Assim, quando o indivíduo se encontra no interior do iglu sente a diferente sensação térmica do quarto em contraste com a visão para o exterior repleto de neve. (Guia Viajar melhor, s.d.). Cada habitante do iglu tem a oportunidade de todos os dias usufruir da luz do sol a entrar pelo seu quarto. Já Zumthor afirma que em qualquer projeto “(...) poder dispor desta luz (luz natural) é mil vezes melhor do que a luz artificial” (Peter Zumthor, 2006, p. 62).

“**A luz sobre as coisas**” (Peter Zumthor, 2006, p. 56) é importante também na escolha de materiais para a arquitetura, pois esta influencia os materiais nos reflexos e tonalidades. A questão da luz deve ser pensada desde do início da obra, para assim se perceber os materiais e o tipo de atmosfera que estes vão criar. No caso deste hotel, a utilização do vidro permite a entrada de muita luz, algo que noutro projeto poderia não fazer sentido.

Ao desenvolver qualquer obra de arquitetura um dos passos é perceber se o corpo da arquitetura se quer diferenciar perante a paisagem ou integrar-se nela. Nesta construção das “Tree Houses” situadas no parque de Pedras Salgadas, projetadas pelo arquiteto Luís Rebelo de Andrade, este quis que estas se integrassem na paisagem (imagem 37). Estas habitações definem uma “**arquitetura como espaço envolvente**” (Peter Zumthor, 2006, p. 64). Zumthor diz “gosto muito de imaginar que este se torna parte integrante do espaço envolvente.” (Peter Zumthor, 2006, p. 64).

Nota-se que a construção está interligada com o espaço em redor e esse com certeza que foi o conceito que o projetista teve como base. Isto porque, a escolha dos materiais como ardósia e madeira foi fundamental para facilitar essa integração. Aqui, o casal visitante terá a oportunidade



Imagem 35: Exterior dos iglus. “Kakslauttanan Arctic Resort”. A.d., Finlândia, s.d.



Imagem 36: Interior de um dos iglus. “Kakslauttanan Arctic Resort”. A.d., Finlândia, s.d.



Imagem 37: Casa na árvore: exterior e interior. “Pedras Salgadas. Spa&Nature Park”. A.d., Borne de Aguiar, s.d.

de voltar ao imaginário da infância, ao sonho de ter uma casa na árvore (Pedras Salgadas. Spa&Nature Park, s.d.). Também a forma da habitação pode lembrar uma libélula, dando assim mais ênfase ao facto da construção se querer parecer com um ser da natureza e integrar-se nela.

Quanto à “**harmonia**” (Peter Zumthor, 2006, p. 66), Zumthor diz que “a arquitetura é para ser utilizada” (Peter Zumthor, 2006, p. 68). O hotel “Giraffe Manor”, localizado no Quênia, para além de poder ser disfrutado pelos clientes, estes tem a oportunidade de fazer as refeições e serem interrompidos por girafas. Este é um hotel situado dentro de um habitáculo de girafas e que permite ao hóspede, no decorrer da sua estada, estar em contacto com os animais. Assim, a cada dia é criada uma experiência inesperada, pois cada abordagem com as girafas é diferente o que torna cada momento de contacto, uma surpresa. (Marcel Vincenti, 2018). Aqui aliam-se momentos harmoniosos entre o casal e o animal, ao mesmo tempo que estes desfrutam dos espaços do hotel.



Imagem 38: Oportunidade de almoçar com girafas. “Giraffe Manor”. A.d., Quênia, 1930.

Quando pensamos num alojamento pensamos, à partida, num local cómodo com alguma privacidade. No entanto, o significado de conforto pode ter várias interpretações e não estar diretamente ligado ao quarto fechado e quente, como habitualmente o descrevemos. Prova disso, é o hotel “Zero Real Estate” situado ao longo dos Alpes Suíços. Este não é um hotel convencional pois dispõe apenas de três “quartos” que estão completamente a céu aberto, sem paredes nem teto (imagem 39). Aqui o casal pode tirar partido de várias sensações e experiências. Pode deitar-se sob as estrelas e acordar com o pôr-do-sol, sujeitando-se ao meio ambiente onde está inserido. Este hotel é ideal para quem pretende estar em contacto total com a natureza e usufruir da vista sobre a paisagem rural.



Imagem 39: Os hóspedes dormem entre as montanhas. “Zero Real Estate”. A.d., Suíça, s.d.

O hotel é dotado de elementos para tentar diminuir ao hóspede a sensação de desconforto térmico. Em termos de objetos para tentar tornar o espaço mais acolhedor, a cama foi colocada sobre uma superfície de madeira, luminárias e mesas de cabeceira. Para além dos objetos, que tentam assim dar ao hóspede maior sensação de conforto, há também pela manhã o pequeno-almoço servido por um mordomo. Este é um hotel ideal para quem quer sentir a natureza ao

máximo, o som, cheiro e mesmo as variações de temperatura sentidas que tornam a experiência única e surpreendente. (Marcel Vincenti, 2018). Aqui, “**o som do espaço**” (Peter Zumthor, 2006, p. 28), é totalmente natural vindo das vontades da natureza e dos seres vivos. “Cada espaço funciona como um instrumento grande, colecciona, amplia e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos” (Peter Zumthor, 2006, p. 28). Assim, o tipo de arquitetura e os materiais empregues nela, são muito importantes para os tipos de sons a reproduzirem-se num espaço. Neste caso, com o quarto ao ar livre, todos os sons feitos pelos hóspedes serão mais dispersados, devido à inexistência de paredes e teto.

A “**forma**” (Peter Zumthor, 2006, p. 70), é também um aspeto importante para a arquitetura. Começa-se por pensar na forma e depois nos materiais, condições térmicas, acústicas, localização, etc. Estuda-se a forma e a maneira como esta se integra no espaço envolvente. É na região do Alto Douro Vinhateiro considerado Património Mundial da Humanidade da Unesco, que está localizado o “The Wine House Hotel” na Quinta da Pacheca (Lamego). Desde 1977 tratava-se de uma quinta dedicada à produção de vinho, e em 1995 a quinta inicia o projeto de enoturismo, com venda ao público e receção de visitas guiadas. Alargando o negócio é criado em 2009 o “The Wine House Hotel”. Para amantes de natureza e de vinho vão poder aqui ter a experiência de se alojarem numa suíte que é uma réplica de um barril gigante, integrado na natureza (imagem 40).

Assim, o projetista alia a forma de um objeto muito utilizado na atividade agrícola, o barril, e projeta uma suíte. Aqui, a forma da arquitetura é importante objetiva e subjetivamente, para o ser humano que permanece no interior. O turista que experimente este barril, sentir-se-á como se fizesse parte da história da quinta e da produção do vinho. É também neste barril sentida uma “**tensão ente interior e exterior**” (Peter Zumthor, 2006, p. 46). Aqui, o interior está diretamente conectado com o exterior, onde poderá disfrutar da vista sobre o Douro (imagem 41). Pois, “desenrola-se então o jogo entre o indivíduo e o público, entre a privacidade e o público.” (Peter Zumthor, 2006, p. 46). Em cada suíte, o casal



Imagem 40: Exterior das habitações em forma de barril. “The Wine House Hotel”. A.d., Lamego, 2009.



Imagem 41: Interior das habitações. “The Wine House Hotel”, A.d., Lamego, 2009.

tem noção do que lhe pertence ou não, ou seja, existe a parte privada que é o interior e a parte pública que é o exterior.

Assim, a plataforma à entrada da suíte é considerada como o “**intervalo**” (H. Hertzberger, 1999, p.32), que é um espaço de medição entre interior e exterior. O intervalo é o espaço entre duas coisas, ou seja, entre um espaço público e privado. A soleira é um dos elementos fundamentais, pois fornece essa transição e conexão entre áreas com demarcações territoriais diferentes e constitui a condição espacial para o encontro das ordens diferentes. (H. Hertzberger, 1999).

Para acrescentar à experiência de poder dormir numa suíte em forma de barril, é possível o hóspede acompanhar e apreciar as recolhas e plantações das vinhas e participar nas degustações e *workshops* promovidos pelo hotel. Com este projeto arquitetónico liga assim a curiosidade de um turista de se alojar numa suíte com uma arquitetura diferente e também ajuda o negocio enólogo a destacar-se dos demais (Viagem, 2019).

Assim, os **doze temas** anunciados anteriormente, e espelhados em diversos casos, são neste contexto considerados essenciais, para criar atmosferas definidas em qualquer espaço. A qualidade arquitetónica de uma obra é muito importante e cada pessoa é tocada de maneira diferente e interpreta também a experiência de cada hotel de maneira diferente. Assim, existe grande variedade de empreendimentos, sejam eles na cidade, no mar, na praia, na montanha ou no campo em espaço rural, que são escolhidos pelo hóspede, consoante a necessidade pretendida. Os sentimentos do ser humano dependem do espaço onde este se encontra, dependem de cada atmosfera e também do estado de espírito.



CAPÍTULO II

TURISMO

2.1. Turismo em espaço rural (TER)

O **Turismo** engloba todas as atividades, nacionais ou internacionais, que envolvem o deslocamento das pessoas por menos de doze meses. Este deslocamento pode ser feito por diversos motivos como: o objetivo de visitar lugares e práticas religiosas (turismo religioso), o objetivo de permanecer num espaço envolvido pela natureza (turismo rural), entre outros. A cada chegada de turistas aumenta o consumo, a necessidade de mais postos de trabalho, a procura por melhores formas de os receber, dinamizando assim, o estado económico e social de cada país. (Carvalho, 2016)

Desde os seus primórdios no século XIX, o turismo tem expandido rapidamente. Em todo o mundo, o total de cerca de 25 milhões em 1950 aumentou para cerca de 715 milhões em 2002 (Organização Mundial do Turismo). De acordo com a OMT cerca de 62% dos viajantes deslocam-se por motivos de lazer, 18% em negócios e os restantes 20% por razões variadas, entre outras, visitas a familiares ou visitas de carácter religioso. (Associação das Mulheres Agricultoras Portuguesas, 2004).

Até ao início do século XX, os espaços rurais eram vistos numa perspetiva agrícola, de modo a dar a produção necessária para a sobrevivência das pessoas. Com isto, as zonas rurais começaram a perder habitantes e a população a tornar-se envelhecida. Com a falta de oportunidades de emprego as pessoas sentiram-se obrigadas a deslocarem-se para as cidades. Assim, dá-se um êxodo rural, pelo abandono das pessoas das zonas rurais para se instalarem em espaços urbanos resultando numa forte urbanização e industrialização.

O TER surgiu no ano de 1957 com o Tratado de Roma e a Política Agrícola Comum. Em meados de 1980, instala-se em Portugal, baseado principalmente no critério da reabilitação de patrimónios. Esta atividade do turismo é das que mais ajuda na revitalização do tecido económico rural. Começaram a ser desenvolvidos novos negócios diminuindo o êxodo rural. Assim, considera-se que o turismo em zonas rurais é benéfico a vários níveis: cultural, económico, ambiental, social e político por potenciar a

história, a gastronomia, os costumes e a cultura da região.

O decreto-lei designa que

são empreendimentos de turismo no espaço rural os estabelecimentos que se destinam a prestar, em espaços rurais, serviços de alojamento a turistas, preservando, recuperando e valorizando o património arquitetónico, histórico, natural e paisagístico, dos respetivos locais e regiões onde se situam, através da reconstrução, reabilitação ou ampliação de construções existentes de modo a ser assegurada a sua integração na envolvente. (Artigo 18º do Decreto-Lei 15/2014, 23 de janeiro, p. 481).

São designados de espaços rurais todas “as áreas com ligação tradicional e significativa à agricultura ou ambiente e paisagem de carácter vincadamente rural” (artigo 3.º do Decreto-Lei 55/2002, 2 de abril).

O aumento da adesão ao turismo rural é o resultado da evolução da sociedade pelo interesse pelo património, pelo aumento dos tempos de lazer, maiores cuidados com a saúde e por isso a procura por ambientes saudáveis, sensibilidade com questões ecológicas, procura de tranquilidade e de sítios diferentes daqueles que estão propostos em massa.

Com o conceito de **turismo sustentável**, quer-se um turismo que possa responder às necessidades de cada um, obtendo um crescimento a nível económico e principalmente respeitando o meio ambiente. Assim, o turismo sustentável visa deixar em vantagem todos a este associado, tanto a pessoa que sustenta o negócio, como o turista que quer um bom espaço para se alojar, como o meio ambiente que precisa de ser cuidado para ser aproveitado por todos.

Assim, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2018 estavam em atividade 1469 estabelecimentos de TER e habitação. A modalidade mais representada foi a casa de campo com 810 estabelecimentos (55,1%), seguindo-se o agroturismo com 248 unidades (16,9%), o agrupamento “outros” com 98 estabelecimentos (6,7%), os hotéis rurais com 87 (5,9%) e ainda o turismo de habitação com 226 estabelecimentos (15,4%).

Os estabelecimentos disponibilizaram de 24 mil camas,

com as casas de campo a concentrar 46,7% da capacidade deste segmento de alojamento, seguindo-se o agroturismo (16,7%), os hotéis rurais (15,6%) e o turismo de habitação (14,9%).

Assim, a região com maior procura por dormidas foi o Norte, com 30,1% das dormidas, seguindo-se o Alentejo com 24,3% e o Centro com 21,7%. (Instituto Nacional de Estatística, I.P, 2018)

2.2. Agroturismo

São empreendimentos de agroturismo os imóveis situados em explorações agrícolas que prestem serviços de alojamento a turistas e permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da actividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável. (Artigo 7º do Decreto-Lei 937/2008, 20 de agosto, p. 5758).

Assim, um empreendimento de agroturismo, deve respeitar todas as regras para um melhor funcionamento, como a instalação de infraestruturas, máquinas e outros equipamentos de modo a não serem produzidos ruídos, fumos, cheiros e não perturbar o ambiente do empreendimento. Os fatores que decorrem do exercício normal da exploração agrícola, devem ser minimizados, sempre que possível. Para os hóspedes devem ser disponibilizadas, de entre algumas infraestruturas, o sistema de iluminação e água corrente quente e fria, sistemas e equipamentos de segurança, sistema de climatização, equipamentos de primeiros socorros e área de estacionamento.

Este tipo de empreendimento deve estar dotado de zona de receção e atendimento, destinada a prestar serviços aos hóspedes. As unidades de alojamento são quartos ou suítes, que devem dispor no mínimo de uma cama, mesa de cabeceira, espelho, armário, iluminação de cabeceira e tomada elétrica. A área mínima dos quartos duplos é de 9m² e por cada duas unidades de alojamento deve haver uma instalação sanitária.

As refeições devem corresponder à tradição da cozinha portuguesa, utilizando sempre que possível, produtos da região ou produzidos no empreendimento. Devem ser disponibilizadas refeições desde que não

exista restauração a menos de 5 quilómetros. No entanto, o serviço de pequeno almoço é obrigatório. É ainda permitida a venda de produtos da região ou produzidos no empreendimento. (Artigo 19º do Decreto-Lei 937/2008, 20 de agosto)

Segundo o INE, foram registados em 2018, 248 estabelecimentos de agroturismo, com maior percentagem na parte Norte de Portugal, como se pode verificar no quadro da imagem 42.

NUTS	Aldeamentos turísticos	Pousadas e Quintas da Madeira	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
				Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	56	46	1 469	248	810	87	98	226	3 534
CONTINENTE	55	33	1 309	238	700	78	82	211	2 027
Norte	3	9	556	106	276	34	39	101	482
Centro	5	8	341	39	198	20	14	70	457
AM Lisboa	6	4	18	4	9	0	1	4	575
Alentejo	5	9	313	70	170	18	22	33	180
Algarve	36	3	81	19	47	6	6	3	333
RA AÇORES	0	2	104	2	76	0	16	10	162
RA MADEIRA	1	11	56	8	34	9	0	5	1 345

Imagem 42: Quadro de dados do números de estabelecimentos. Instituto Nacional de Estatística, julho 2018.

Foram também registados os números de quartos e camas presentes em cada zona do país, a verificar nos quadros das imagens 43 e 44.

NUTS	Aldeamentos turísticos	Pousadas e Quintas da Madeira	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
				Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	8 253	1 931	10 746	1 810	4 904	1 727	682	1 623	31 656
CONTINENTE	...	1 372	9 739	1 741	4 440	1 510	535	1 513	25 725
Norte	...	336	3 916	746	1 555	631	245	739	5 625
Centro	610	330	2 462	258	1 244	381	100	479	5 625
AM Lisboa	525	271	107	...	49	0	...	33	7 479
Alentejo	596	285	2 586	570	1 231	380	161	244	1 871
Algarve	6 224	150	668	...	361	118	...	18	5 125
RA AÇORES	0	...	534	0	147	80	1 203
RA MADEIRA	473	217	0	30	4 728

Imagem 43: Quadro de dados sobre o número de quartos. Instituto Nacional de Estatística, julho 2018.

NUTS	Aldeamentos turísticos	Pousadas e Quintas da Madeira	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
				Agro-turismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	19 968	4 109	23 987	4 009	11 190	3 748	1 461	3 579	78 155
CONTINENTE	...	2 967	21 710	3 853	10 114	3 255	1 156	3 332	65 042
Norte	...	752	8 456	1 590	3 400	1 350	522	1 594	13 835
Centro	1 385	688	5 549	577	2 888	780	219	1 085	13 161
AM Lisboa	1 169	561	250	...	109	0	...	77	20 338
Alentejo	1 095	638	5 872	1 285	2 874	844	351	518	4 553
Algarve	15 729	328	1 583	...	843	281	...	58	13 155
RA AÇORES	0	...	1 217	0	305	178	2 943
RA MADEIRA	1 060	493	0	69	10 170

Imagem 44: Quadro de dados sobre a capacidade de camas. Instituto Nacional de Estatística, julho 2018.

Por fim, foram também recolhidos pelo INE os dados relativos às estadas médias, por regiões em Portugal.

NUTS	Aldeamentos turísticos	Pousadas e Quintas da Madeira	Total TER e TH	Turismo no Espaço Rural				Turismo de Habitação	Alojamento Local
				Agroturismo	Casas de Campo	Hotéis Rurais	Outros TER		
PORTUGAL	4,86	2,25	2,11	2,07	2,26	2,00	2,12	1,92	2,36
CONTINENTE	...	1,80	1,97	1,99	2,13	1,78	1,90	1,84	2,17
Norte	...	1,68	1,90	1,94	2,08	1,68	1,87	1,90	1,85
Centro	2,83	1,59	1,83	1,72	1,98	1,73	1,72	1,71	1,77
AM Lisboa	2,85	2,38	2,00	...	2,17	//	...	1,95	2,30
Alentejo	3,19	1,57	1,97	1,84	2,12	1,86	1,74	1,80	1,76
Algarve	5,55	2,21	2,80	...	2,80	2,15	...	3,15	3,13
RA AÇORES	//	...	3,58	//	3,23	2,86	2,98
RA MADEIRA	4,08	4,13	//	3,58	5,03

Imagem da média. 45: Instituto Nacional de Estatística, de dados de esta- julho 2018.

Posto isto, seria benéfico para todas as propriedades agrícolas, sempre que possível, transformarem as suas quintas em atividades de turismo rural, sendo benéfico para o desenvolvimento económico dos proprietários como para o desenvolvimento local.

Assim, o objetivo principal de um empreendimento de agroturismo deve ser oferecer ao turista experiências diferentes de acordo com o trabalho desempenhado no empreendimento. Também informar o turista sobre a região, para este ficar a par das tradições culturais, gastronómicas e das histórias da região. Assim, o turismo em espaço rural, no caso o agroturismo, torna-se um conceito completo, devido às valências que o completam, como o alojamento, gastronomia, lazer, história, cultura, arquitetura, património, etc.

2.3. Casos de Estudo: reabilitação e adaptação ao turismo rural

O turismo é um sector com muito potencial para o desenvolvimento económico de um meio rural. Este influencia na recuperação das aldeias e vilas do país, garantindo assim uma correta gestão e planeamento do território, diminuindo a destruição, por vezes, associada ao mundo rural. As aparências das casas são típicas da zona, resultado das evoluções das técnicas que passaram de geração em geração (aplicação de xisto ou taipa, rebocada, caiada ou com tosko à vista).

O que realça é o património mantido de gerações passadas que é essencial preservar. A reabilitação destas casas é importante no sentido de se adaptarem às necessidades e ao programa pretendido, mantendo a sua arquitetura tradicional e a sua integração no espaço de modo a não serem descaracterizadas. Nota-se na atualidade, e com os três exemplos que apresentamos, a preocupação na restauração das casas antigas adaptando-as ao turismo.

A Casa da Trigueira

A Casa da Trigueira é um exemplo de uma reabilitação de uma casa de lavradores do século XVIII adaptada ao agroturismo. Localiza-se em Santa Eugénia, no Alto Douro Vinhateiro e no Parque do Vale do Tua. Este empreendimento disponibiliza de uma oferta turística com base nos recursos da região: o património histórico, a riqueza natural, as quintas e as Aldeias Vinhateiras. Os hóspedes podem visitar campos, plantar, ou apadrinhar uma árvore e fazer caminhadas.

Antes da reabilitação, esta casa possuía dois pisos e um quinteiro. Uma cozinha grande, com uma boa lareira que constituía a parte mais importante da casa. Do outro lado ficava a sala. Os quartos eram pequenos. Logo à entrada do quinteiro era o lagar e por baixo da sala localizava-se a adega. Depois de reabilitada, no ano de 2014, com intervenção do arquiteto Eugénio de Sousa, foram assumidas as marcas do tempo e renovados os espaços, de modo

a corresponder às exigências de habitabilidade modernas.

Assim, dispõe agora de uma cozinha, uma sala comum, outra para reuniões e outra com bilhar. Existem agora sete quartos todos renovados com casa de banho privada. O terraço e a varanda são espaços para descansar ou ler. Ir à horta, fazer uma salada para acompanhar uma sardinhada que pode preparar no *barbecue* é outra possibilidade que os hóspedes podem dispor. Há ainda uma zona de degustação de vinho e azeite, típicos da região. (Casa da Trigueira, 2019)



Imagem 46: Conjunto de imagens do antes e depois. “Casa da Trigueira”. Reabilitação: Arq. Eugénio de Sousa, Alijó, século XVIII - atual.

Quinta do Fortunato

Situada na freguesia de Meixedo esta quinta é composta por edifícios que eram destinados ao corte de gado e sequeiro. Nos dias de hoje, esses edifícios estão transformados em duas unidades de alojamento, com modalidade de Agroturismo.

Nota-se que o trabalho de reabilitação, terminado em abril de 2015 com intervenção do arquiteto José Luís Veloso, foi realizado com o intuito de tentar deixar a preexistência integral. Foram acrescentados novos volumes que a completam, resultando numa ligação entre o antigo e o novo em formas distintas. A notável utilização de vidro nos edifícios, garante assim a relação interior/exterior e permite uma vista magnífica.

Contudo, nem toda a preexistência se encontrava em

bom estado, por isso, parte da alvenaria de pedra teve que ser reconstruída. Devido ao orçamento limitado, foram adotadas soluções de baixo custo e utilizados como materiais a alvenaria de pedra e granito da região, o pinho, o betão à vista e o vidro.



Imagem 47: Conjunto de imagens da habitação. “Quinta do Fortunato”. Reabilitação: Arq. José Luís Veloso, Meixedo, 2016.

Quinta Anterronde

O Anterronde agroturismo, foi inaugurado em agosto de 2014, no entanto, a origem da quinta remonta a meados do século XV. Este é um empreendimento em Arouca, inserido numa exploração agrícola de kiwis e mirtilos. O edifício principal da quinta é considerado um ponto de interesse histórico da região, sendo uma casa de família de lavradores.

Com a intervenção do arquiteto Nuno Noronha, esta casa foi reabilitada e transformada num empreendimento com nove quartos com casa de banho privada, preparados para receber mobilidade reduzida e famílias. Dispõe de espaços comuns como a piscina, o jardim com camélias centenárias, a exploração agrícola dos kiwis e mirtilos, a zona de árvore de fruto e horta, a zona do lagar e adega, bem como espaços interiores como sala de estar, biblioteca, cozinha, bar e capela.

Assim, o objetivo principal desta quinta é permitir o contacto direto do hóspede com o meio rural e com as diversas atividades produzidas no espaço agrícola.



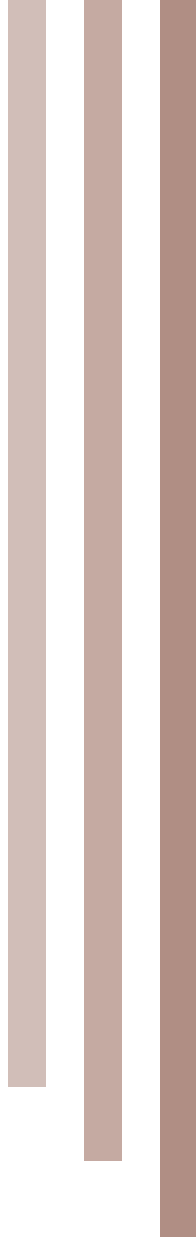
Imagem 48: Conjunto de imagens da quinta . “A Quinta de Anterronde”. Reabilitação: Arq. Nuno Noronha, Arouca, 2014.



CAPÍTULO III

PROJETO QUINTA DO BERNARDO

Reabilitação de uma
propriedade agrícola adaptando-a
ao Agroturismo





Estratégia de projeto

O objeto de estudo deste projeto de tese é a Quinta do Bernardo, uma propriedade agrícola localizada no concelho de Resende. Resende pertence ao distrito de Viseu, considerado dos mais pobres economicamente, mas o mais rico a nível de localização, considerando as suas características paisagísticas. O alojamento neste concelho é bastante procurado, devido à sua gastronomia (conhecido pelas cavacas de Resende) e também por alguns mosteiros, ribeiros e termas. Pertence à Região Demarcada do Douro (RDD) que foi estabelecida para regular a produção do vinho fortificado a que chamamos de “Vinho do Porto”. Este aspeto divulga o nome desta região originando o turismo ligado à experiência do vinho.

Esta propriedade com data na sua fachada de 1940, pertence a uma família que se dedica à produção vitivinícola e que, atualmente, utiliza parte do edifício principal para realização desta atividade. O edifício encontra-se num estado de conservação razoável e por isso, quanto mais cedo se iniciar o processo de reabilitação mais serão minimizados os custos e a necessidade de novos recursos. Juntamente com a preocupação em manter a identidade do património e a sua distribuição original, estes foram os motivos cruciais, pelo que os proprietários decidiram alterar o programa da quinta.

Assim, devido à localização da quinta num espaço rural com cultivo de vinhas, o novo programa prevê a sua adaptação a um empreendimento de turismo em espaço rural com a categoria de agroturismo. Para esta nova modalidade, foi essencial um estudo sobre os vínculos normativos relativos a este tipo de empreendimento. Pelo que se chegou à conclusão que seriam necessários novos espaços, tais como uma zona de receção e atendimento, quartos com o mínimo de 9m² com cama, mesa de cabeceira, espelho e armário. Uma casa de banho privada em cada quarto e uma pública em cada piso. Um dos quartos e respetiva casa de banho privada acessível a mobilidade reduzida e o resto do empreendimento também adaptado com rampas e elevador, para auxiliar a mobilidade. Também foram desenvolvidas zonas de arrumos, salas de estar, zona de refeições, zona de lazer no exterior e parque de estacionamento.

Os desenhos dos vermelhos e amarelos apresentados, demonstram que a base do desenvolvimento do projeto, foi o princípio da máxima parcimónia. Ou seja, o objetivo de minimizar os custos, com a diminuição ao máximo das demolições e construções, aproveitando e preservando assim a preexistência e a identidade do património, e o maior aproveitamento do número de quartos, sempre com uma abordagem sustentável. Muito importante também é a valorização

das vistas para o rio e para as vinhas, valorizando as atividades que permitem experienciar e potenciar a cultura do vinho e a essência da região do Douro.

Com o auxílio do levantamento fotográfico, levantamento métrico e das patologias existentes no edifício, é criada uma nova organização funcional para a quinta, de modo a responder a todas as necessidades. Este novo layout surge de modo a responder ao programa anteriormente apresentado e também tendo em consideração o público-alvo: casais que apreciam a natureza e tem interesse pela atividade vitivinícola, pela cultura e gastronomia da região e que queiram repousar num local rural e tranquilo.

Segundo as premissas já apresentadas, a casa adquire uma nova distribuição dos espaços. No piso 0, a velha adega acessível pela estrada através de quatro grandes portas, é transformada na zona de receção que acolhe um espaço de exposição e degustação de vinhos. Neste piso localiza-se ainda a suíte principal com um espaço de banho ao ar livre, a sala de estar, uma casa de banho pública e zona de arrumos.

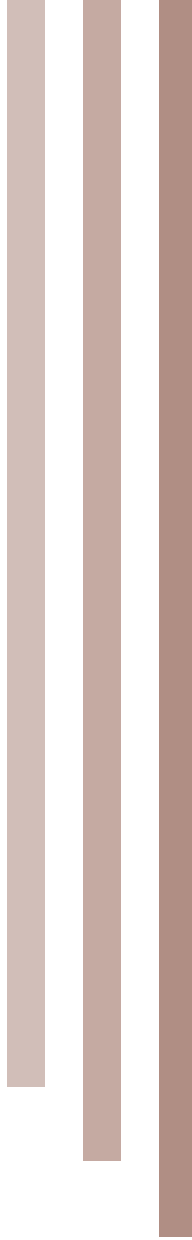
No piso 1, estão localizadas quatro suítes, uma casa de banho pública, a sala de estar, a cozinha e a zona de restauração, conseguida graças ao acrescento de um volume no lado Este. Aqui, já existia um volume, acrescentado depois da construção inicial da casa, onde era localizada a zona de cozinha e casa de banho. O exterior deste novo volume é revestido por soletos de ardósia, cor cinza, em formato escama.

Ao piso 2, acede-se apenas pelas novas escadas em formato helicoidal, que atravessam os três pisos, e introduzem a um miradouro virado para as vinhas. Este novo volume, também revestido com soletos de ardósia, dá acesso à suite, que possui uma pequena zona de estar e vista para o rio Douro, através de duas mansardas preexistentes.

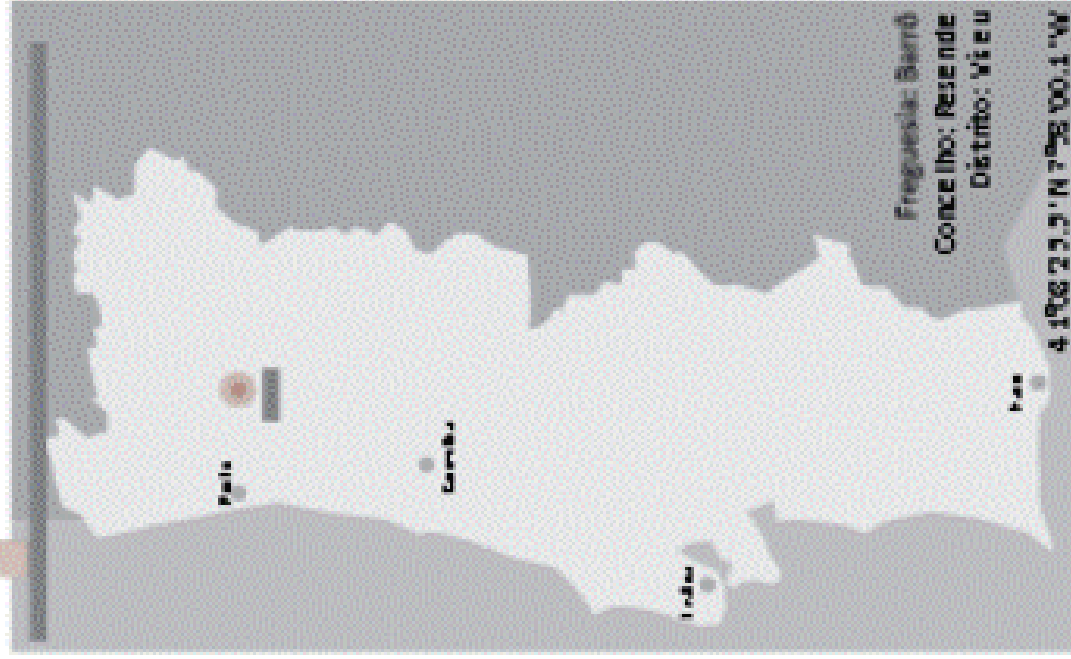
No que diz respeito às caixilharias em guilhotina preexistentes, são substituídas por caixilharias de alumínio de abrir de duas folhas. As caixilharias novas serão também em alumínio de abrir/ correr/ fixas dependendo dos casos, e todas com ral7016. As quatro portas preexistentes em madeira de acesso ao piso 0, mantêm-se, com alteração da cor para ral7016. Todas as grades e portões preexistentes, ornamentados em ferro, algo degradados, serão substituídos por grades e portões em alumínio, com a exceção da varanda do alçado Oeste.

Quanto aos materiais e acabamentos, optou-se por materiais como a madeira, a ardósia, o mármore de Estremoz, o azulejo, o microcimento, e a cor, de modo a criar ambientes confortáveis. Cada cor ou material escolhido foi sempre com o intuito de se integrar com o resto da casa e sua envolvente, potenciando e aludindo à experiência do vinho e de todas as características da região do Douro.

**A Quinta
do Bernardo**



Localização



Levantamento Topográfico

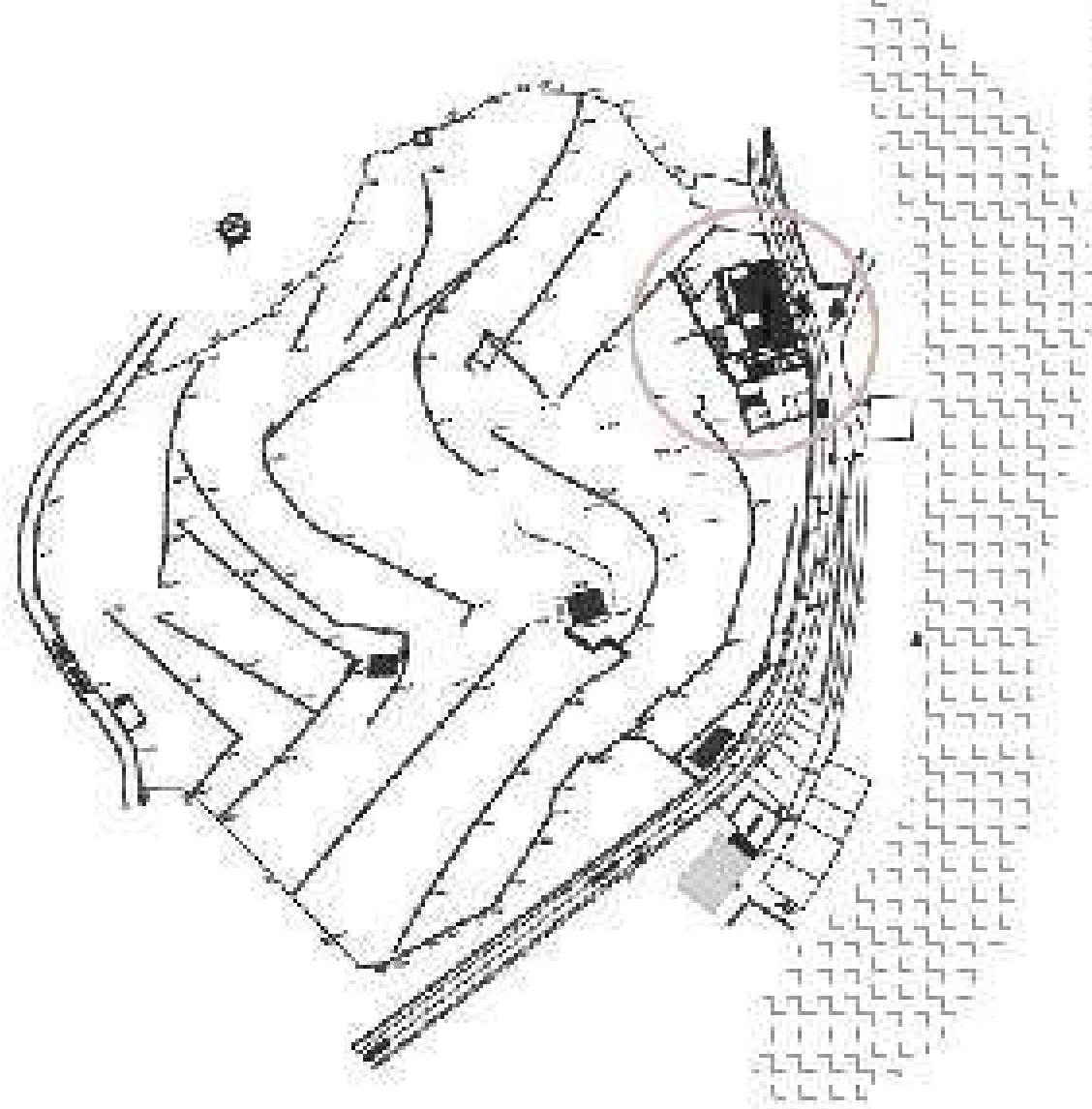
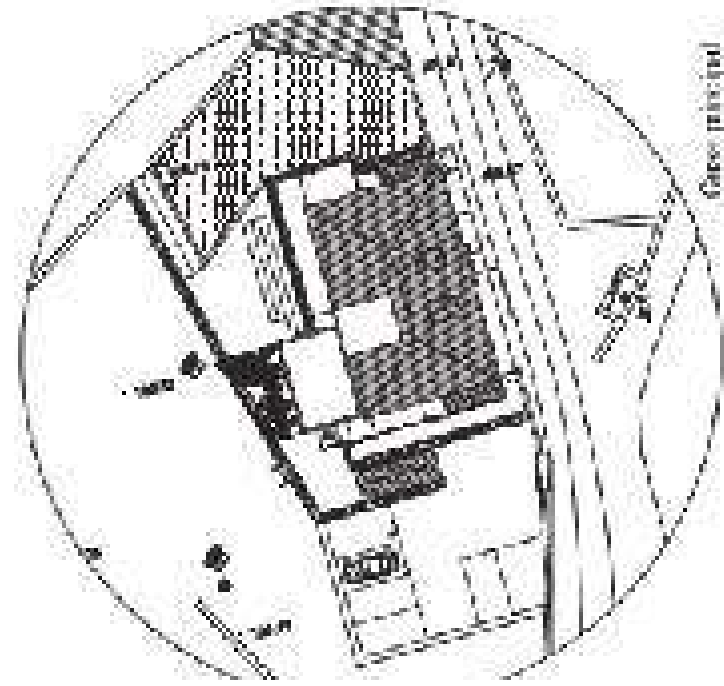
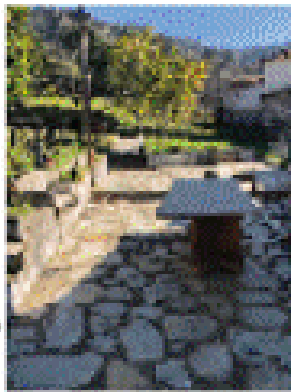
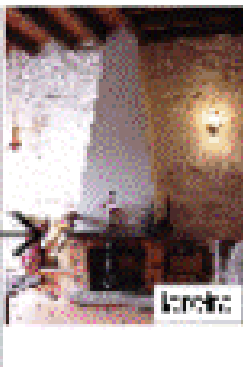
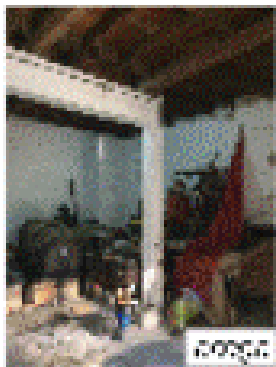
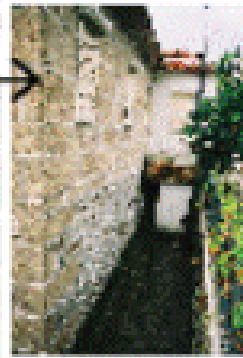


Imagem 51: Levantamento topográfico do local.

Levantamento fotográfico da preexistência



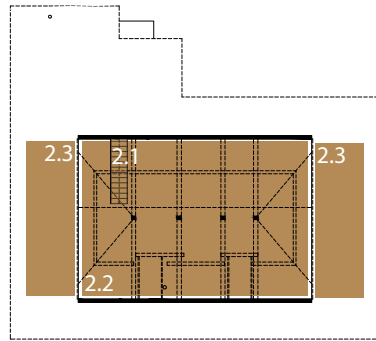


Distribuição esquemática dos espaços (público e privado)

preexistência

 Espaço público

 Espaço privado

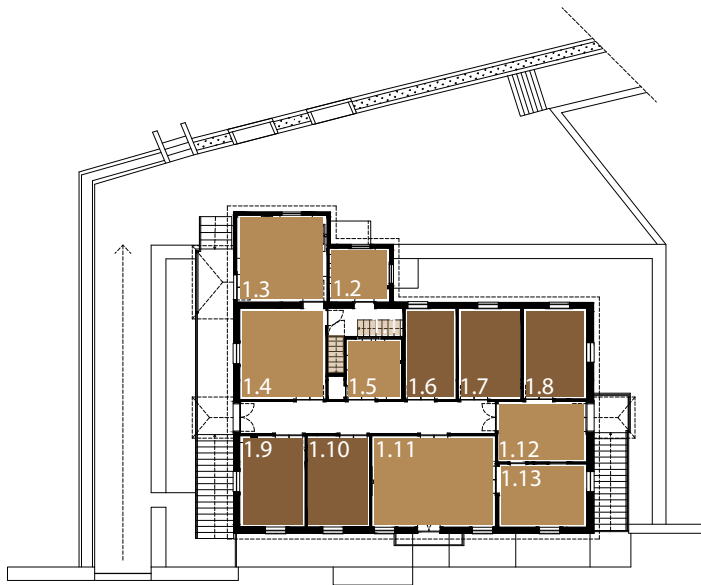


Piso 2
0 1m 3m

2.1| acesso piso

2.2| sótão

2.3| arrumos



Piso 1
0 1m 3m

1.1| acessos piso
1.4| sala de jantar
1.7| quarto
1.10| quarto
1.13| sala

1.2| wc
1.5| wc
1.8| quarto
1.11| sala de estar

1.3| cozinha
1.6| quarto
1.9| quarto
1.12| hall




Piso 0
0 1m 3m

0.1| adega
0.4| sala de arrumos

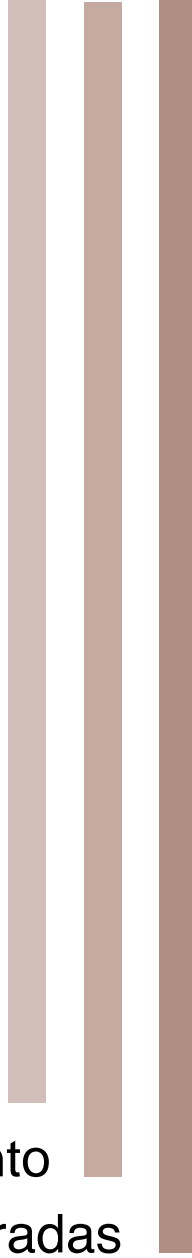
0.2| sala de estar
0.5| arrumos

0.3| acesso piso
0.6| zona exterior



Programa

- Zona de recepção e atendimento;
- Zona de refeições;
- Zonas de estar;
- Espaços de lazer exteriores;
- Parque de estacionamento;
- Arrumos;
- Casa de banho pública em cada piso;
- Seis quartos com casa de banho privada;
- Um quarto com casa de banho privada, com acesso a mobilidade reduzida.
- Quartos com o mínimo de 9m² e possuir: cama, mesa de cabeceira, espelho, armário, iluminação de cabeceira e tomada elétrica.



Levantamento e mapeamento
das patologias encontradas

DESENHO DE LEVANTAMENTO E MAPEAMENTO DAS PATOLOGIAS ENCONTRADAS NO EDIFÍCIO



humidade nas paredes

degradação dos espaços exteriores



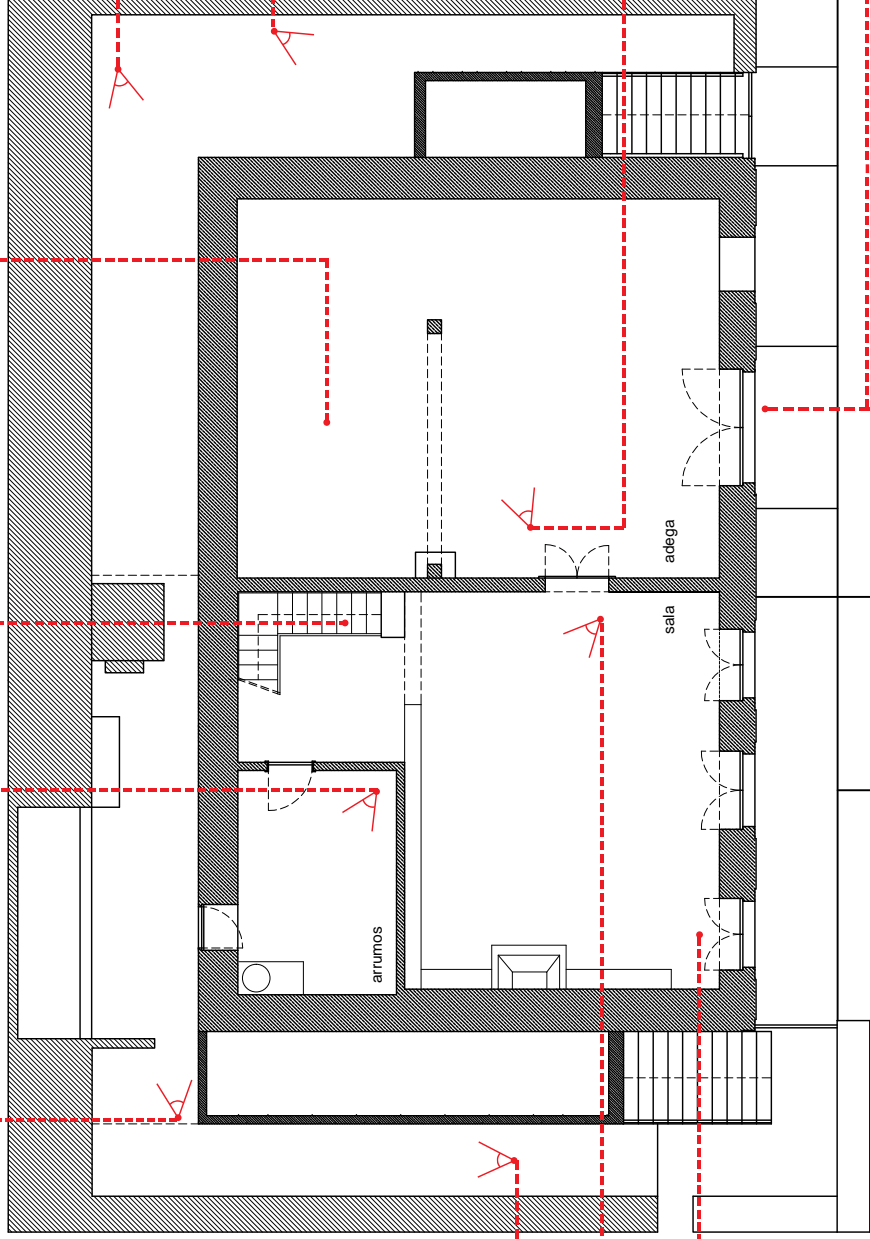
portões e grades degradados



humidade nas paredes

escadas com necessidade de tratamento

revestimento do teto em madeira com aparentes manchas de humidade



Planta Piso 0

Escala 1/100



visível deterioração da telha



arranjos exteriores de redes e pavimentos



pavimento e paredes deteriorados



porta exterior com visível desgaste de pintura



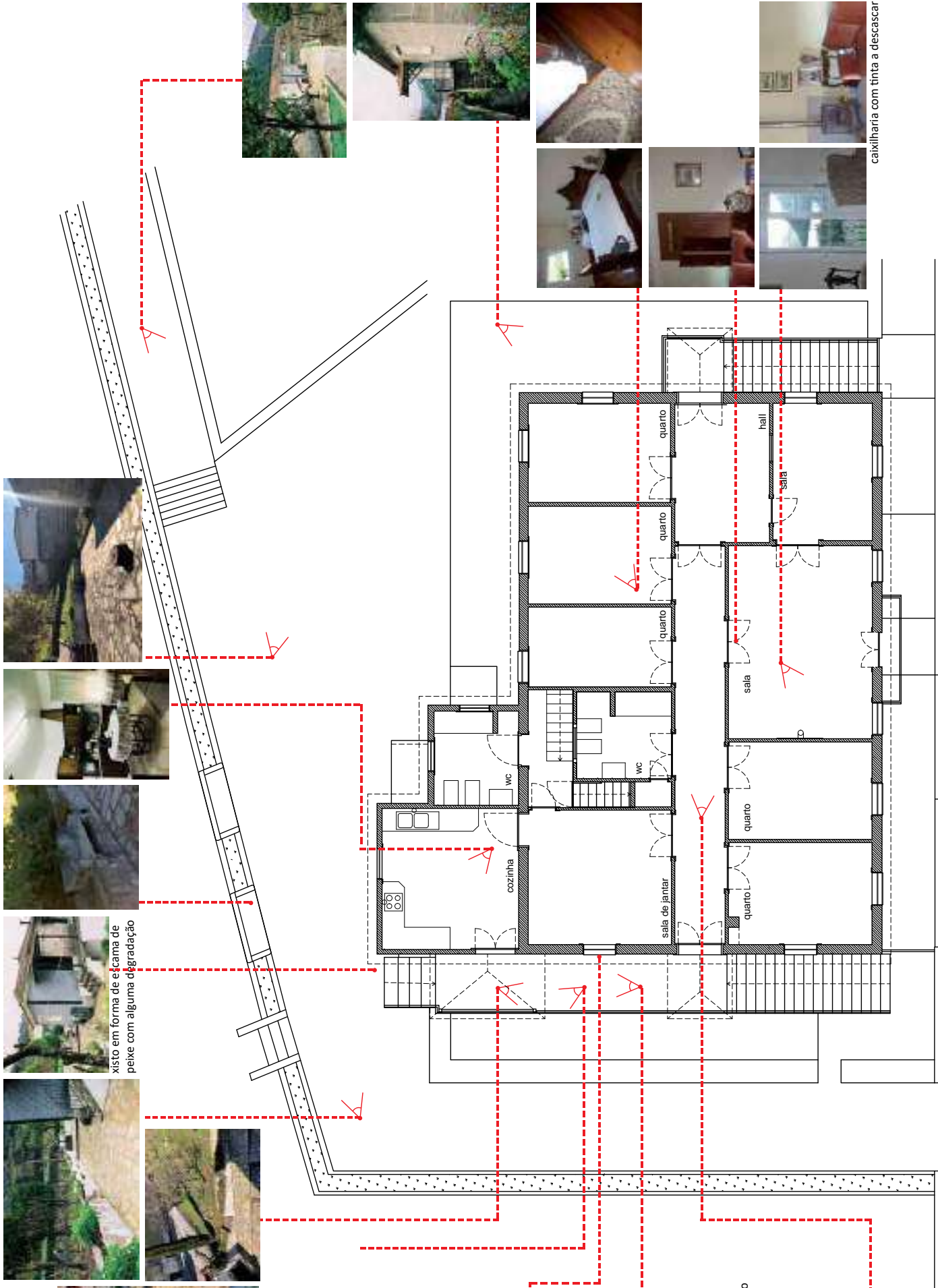
visível degradação da pedra e tinta da fachada



acesso para o interior degradado



muros necessitam de pintura



xisto em forma de escama de peixe com alguma degradação



canteiros degradados



pedra do revestimento exterior com humidade



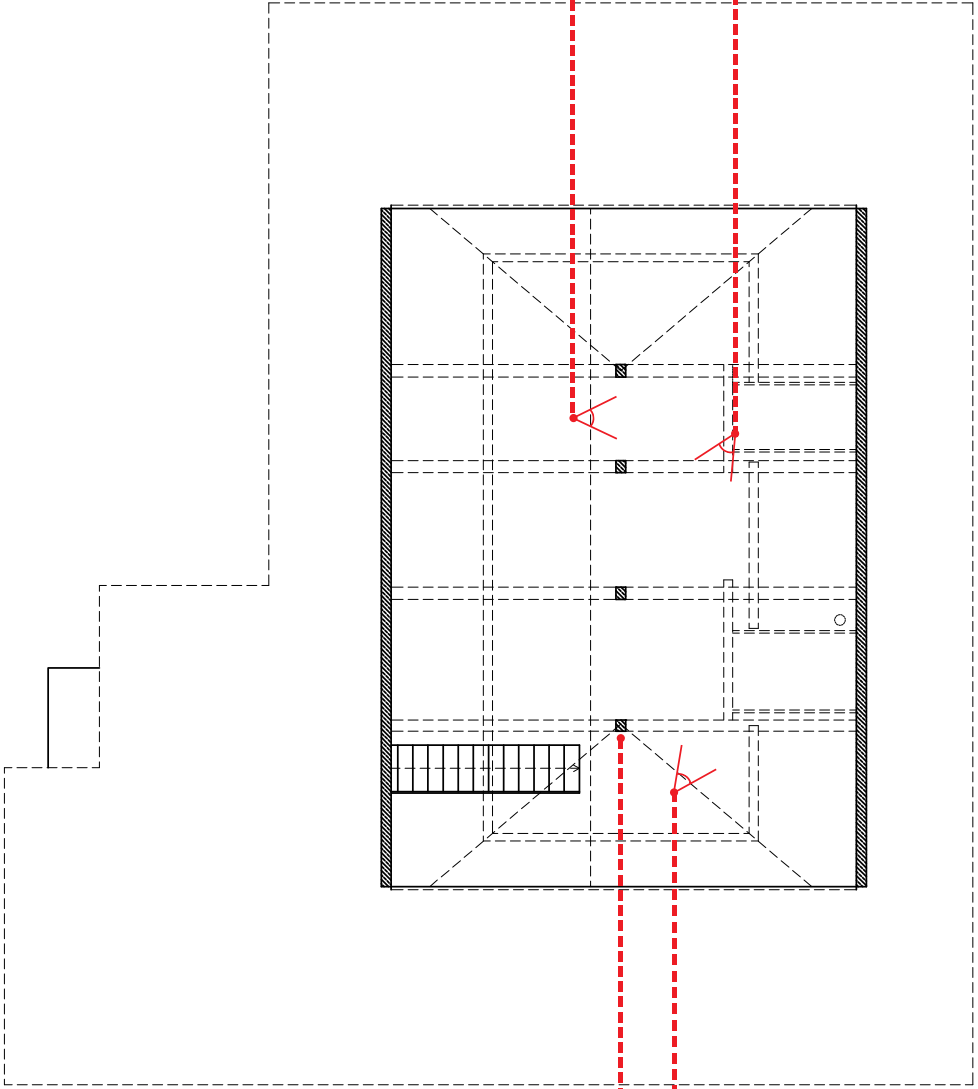
pavimento exterior degradado



pavimento e teto em bom estado de conservação



caixilharia com tinta a descascar



Planta Piso 2

Escala 1/100





Levantamento métrico da preexistência

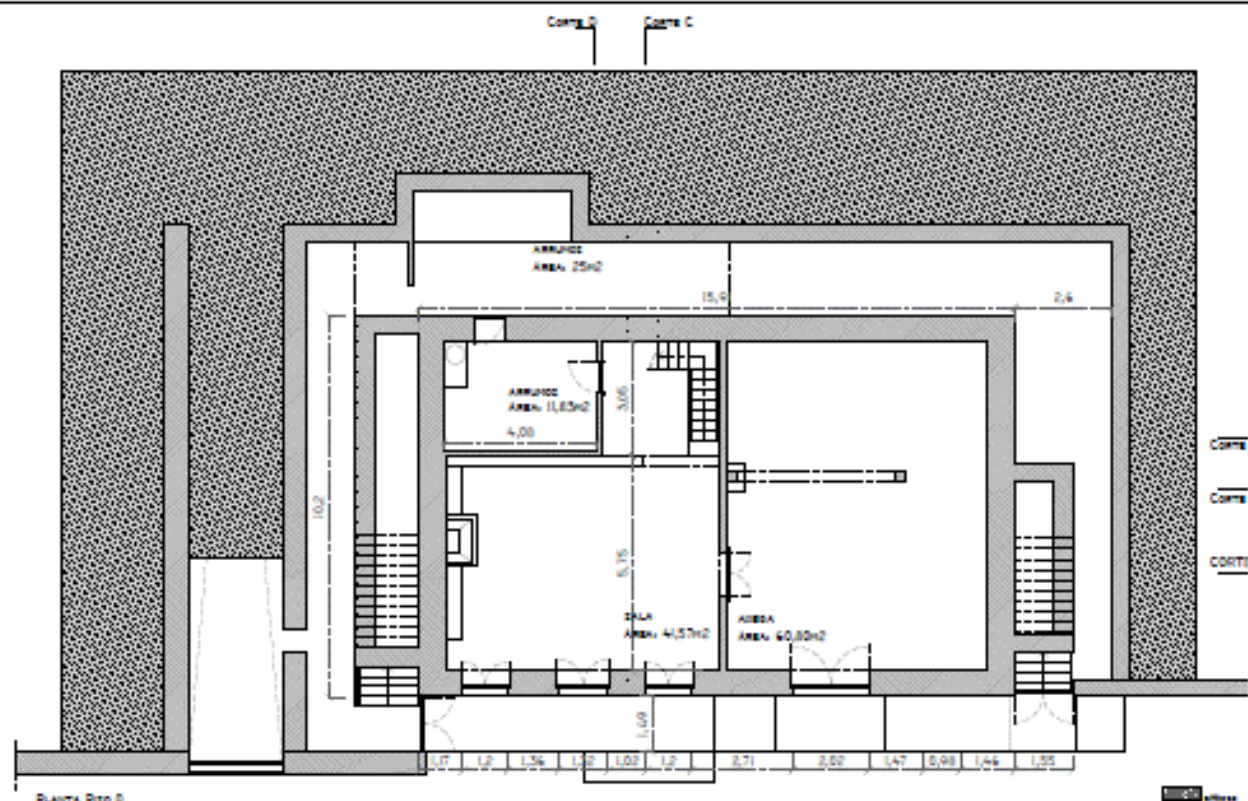
. plantas:

. alçados;

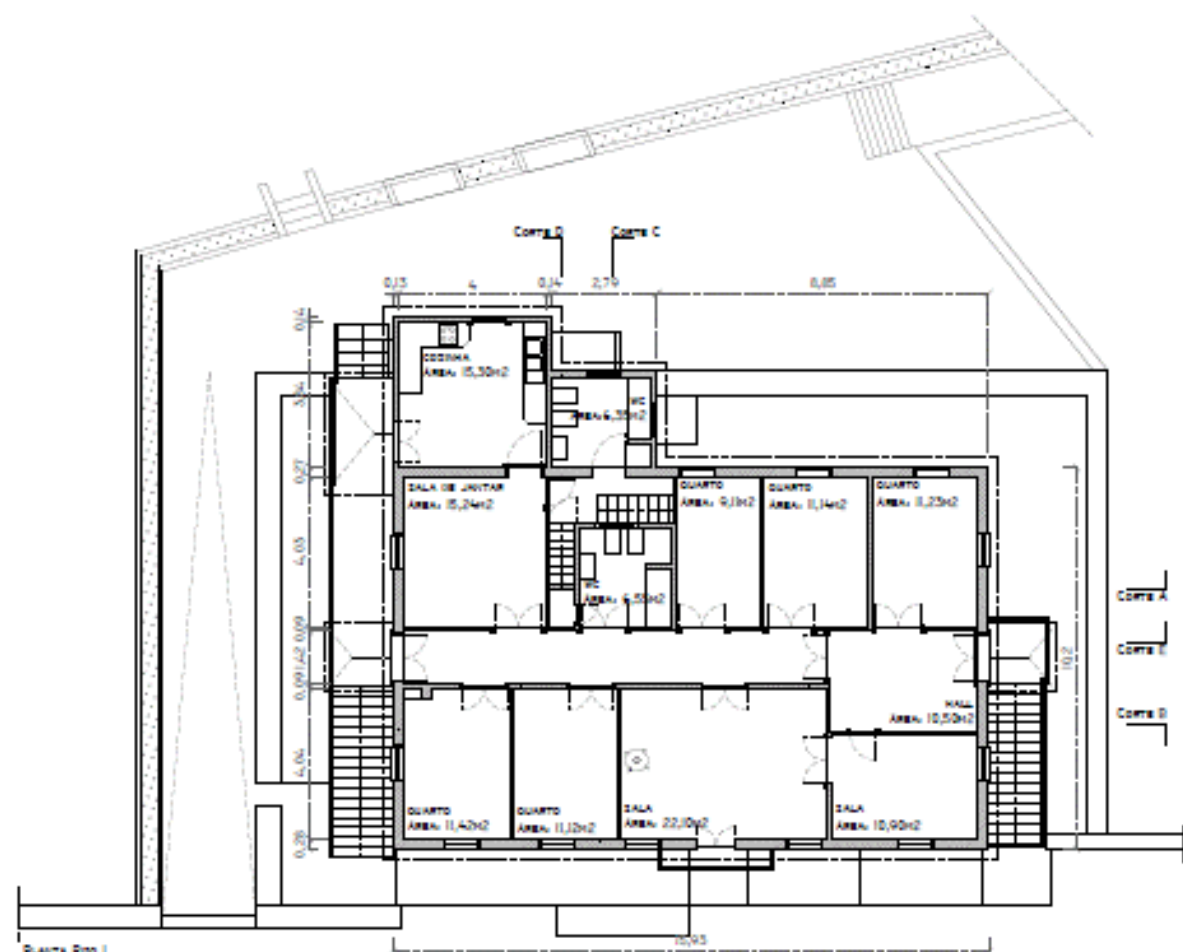
. cortes.



Observação: Os desenhos técnicos do levantamento da preexistência, encontram-se à escala 1:100 no anexo do volume II.



Planta Piso 0



Planta Piso 1

ALVENARIA RENATA CAPITÃO LARANJEIRA

314@ESAD.PT

75

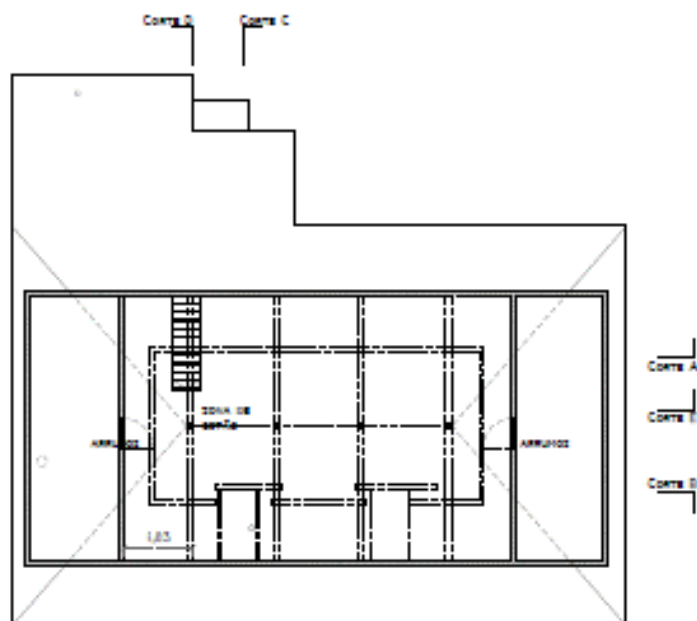
PROJETO PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL

FEBREIRO 2020

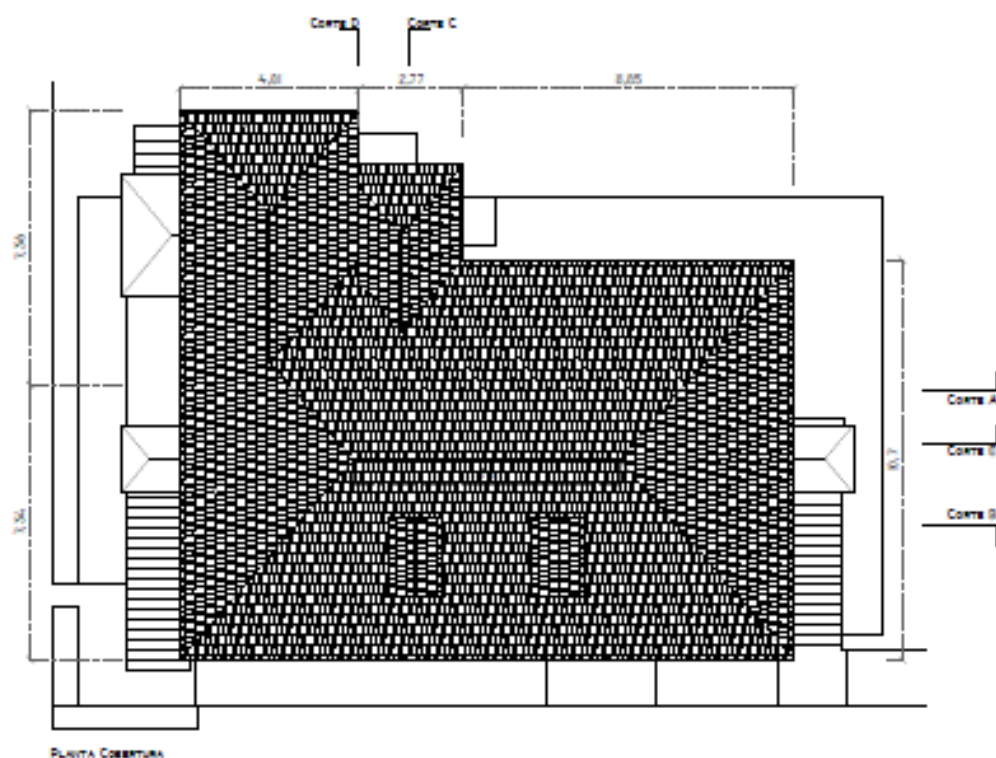
FASE FINAL

OPERAÇÃO LEVANTAMENTO - PLANTA PISO 0 e 1


ESCALA 1:200



Planta Piso 2

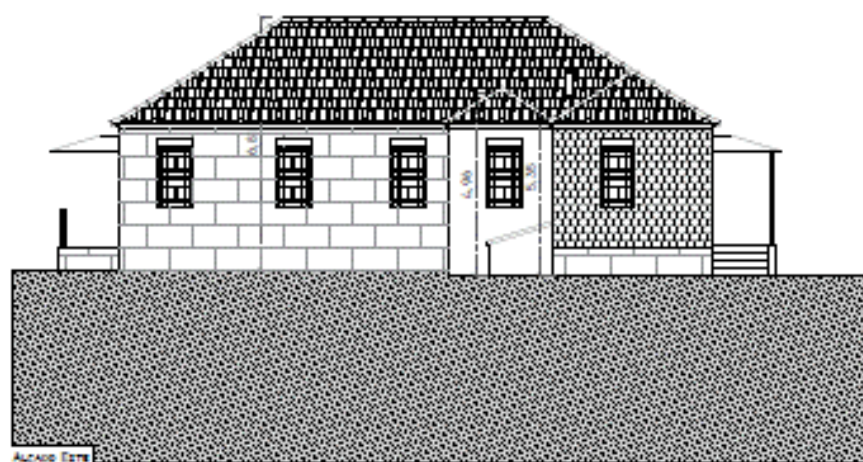


Planta Cobertura

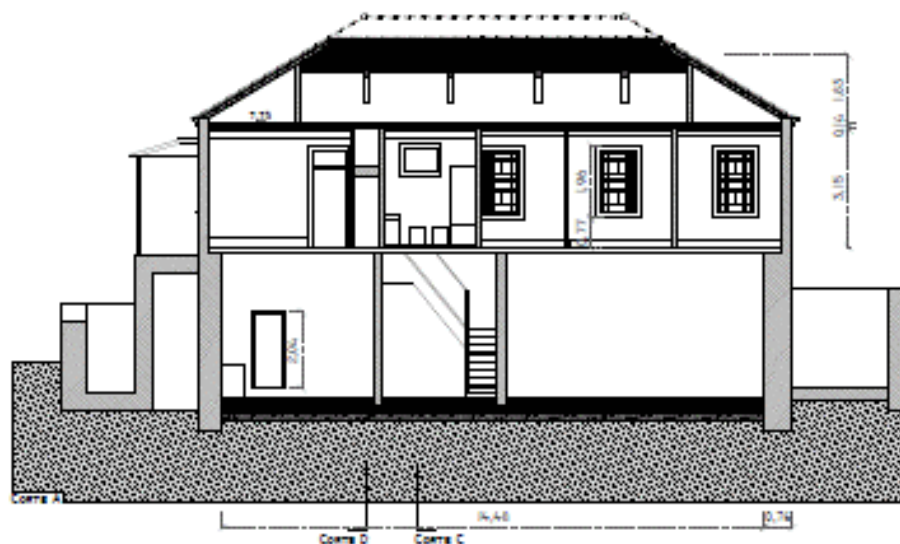
ALUNO	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@EGAD.PT	 76
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVEREIRO 2020
FASE	FINAL	DISCIPLINA	LEVANTAMENTO - PLANTA PISO 2 E COBERTURA
			ESCALA 1:200



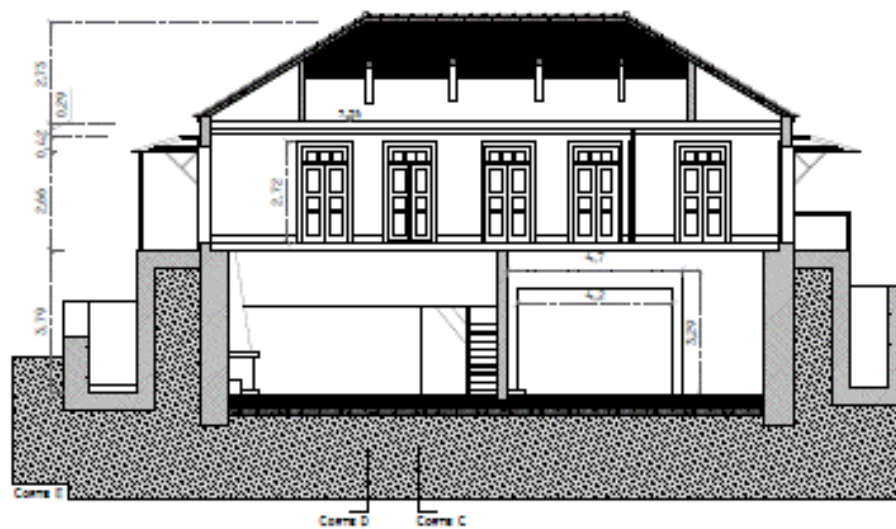
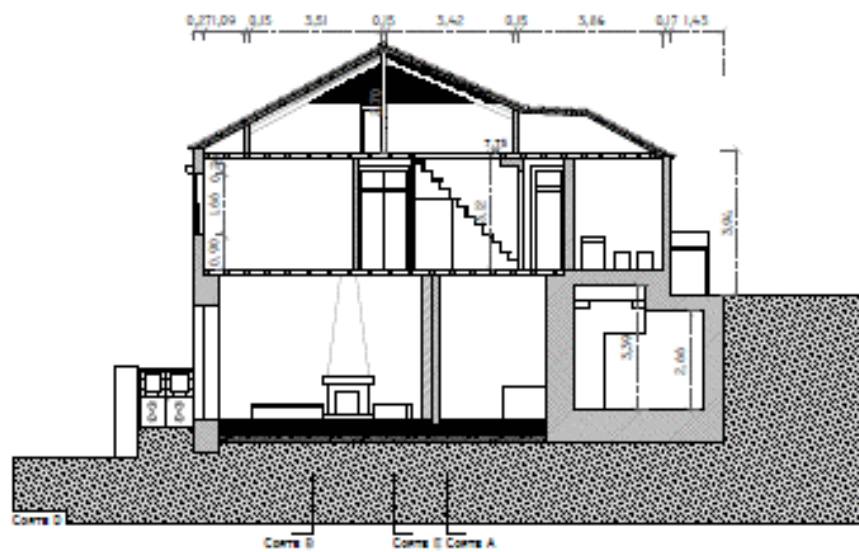
ALMA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	JIA@ESAD.PT	77
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVEREIRO 2020
FASE	FINAL	CONTEUDO	LEVANTAMENTO - ALÇADO OESTE E NORTE
			ESCALA 1:200



ALIA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@ESLAD.PT	78
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEBREIRO 2020
FASE	FINAL	DESIGN LEVANTAMENTO - ALÇADO ESTE E SUL	ESCALA 1:200



ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@es1ad.pt	79
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVREIRO 2020
FASE	FINAL	DESENHO	LEVANTAMENTO - CORTE A, B E C
			ESCALA 1:200



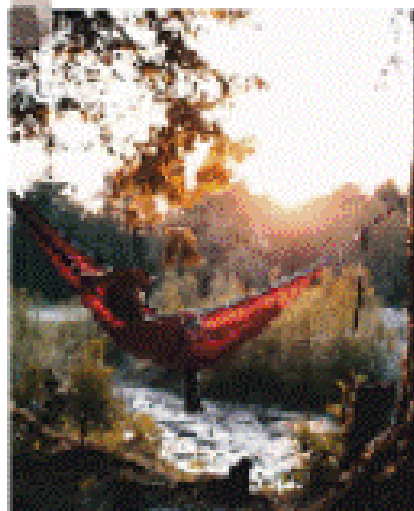
ALMA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@ESAD.PT	80
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEBREIRO 2020
FASE	FINAL	Desenho	LEVANTAMENTO - CORTE D E E
			ESCALA 1:200

Imagens de referência

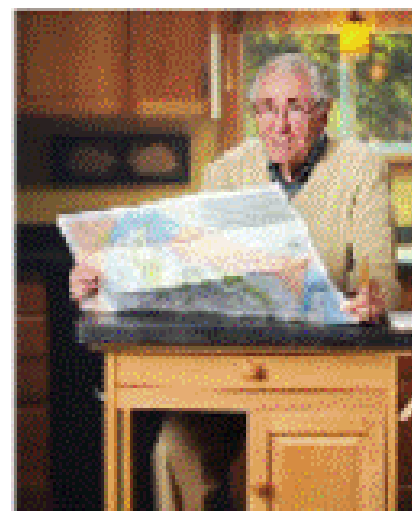


Imagem 54: Conjunto de imagens de referência para o projeto.

Público Alvo

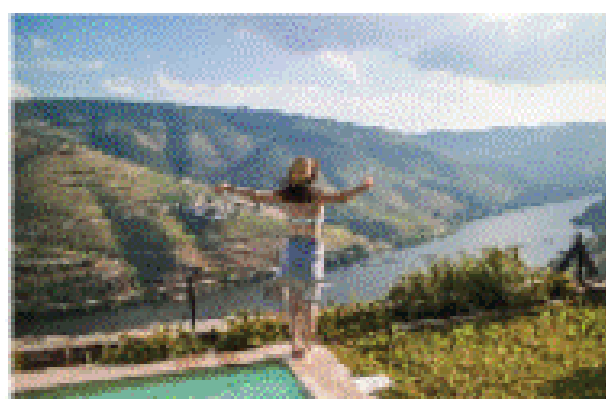
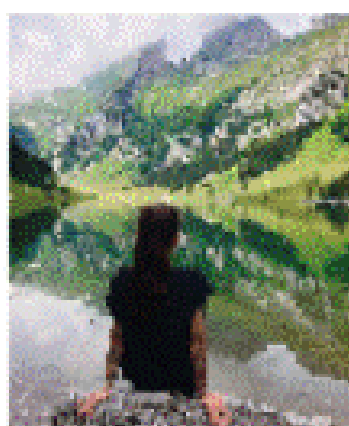


Interesse pela arte de vindimar



Turistas do mundo

Gosto
pela
natureza



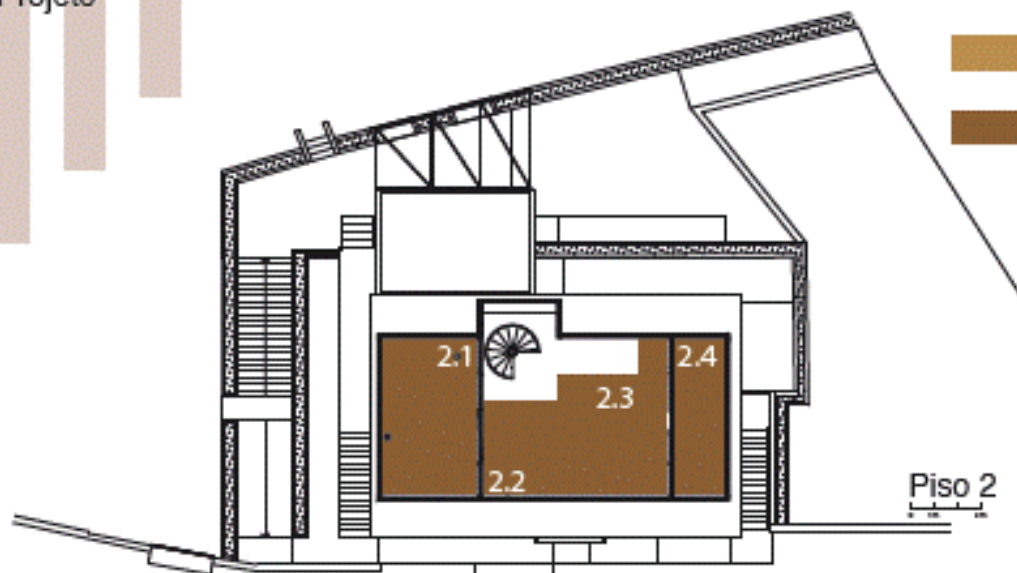
Tempo para relaxar

Distribuição esquemática dos espaços (público e privado)

Projeto

Espaço público

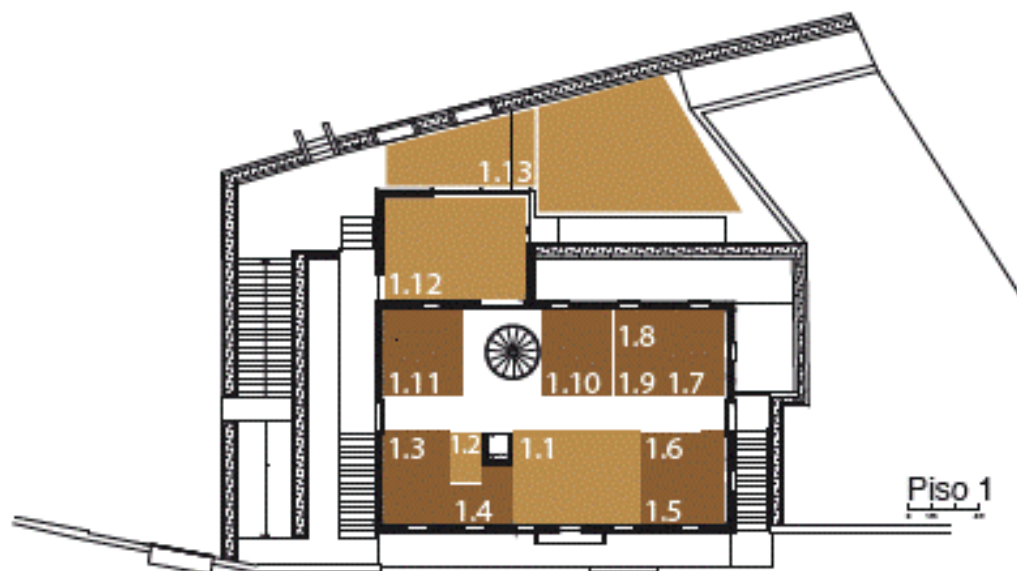
Espaço privado



2.1l arrumos
2.4l arrumos

2.2l quarto 2.6

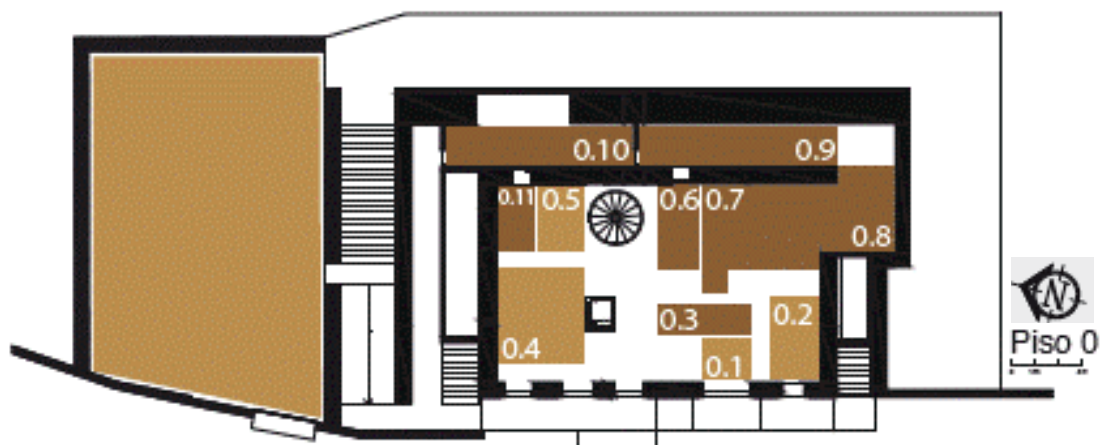
2.3l wc (quarto 2.6)



1.1l sala de estar
1.4l wc (quarto 1.5)
1.7l quarto 1.3
1.10l quarto 1.2
1.13l zona estar exterior

1.2l wc (mob. reduzida)
1.5l quarto 1.4
1.8l wc (quarto 1.3)
1.11l cozinha

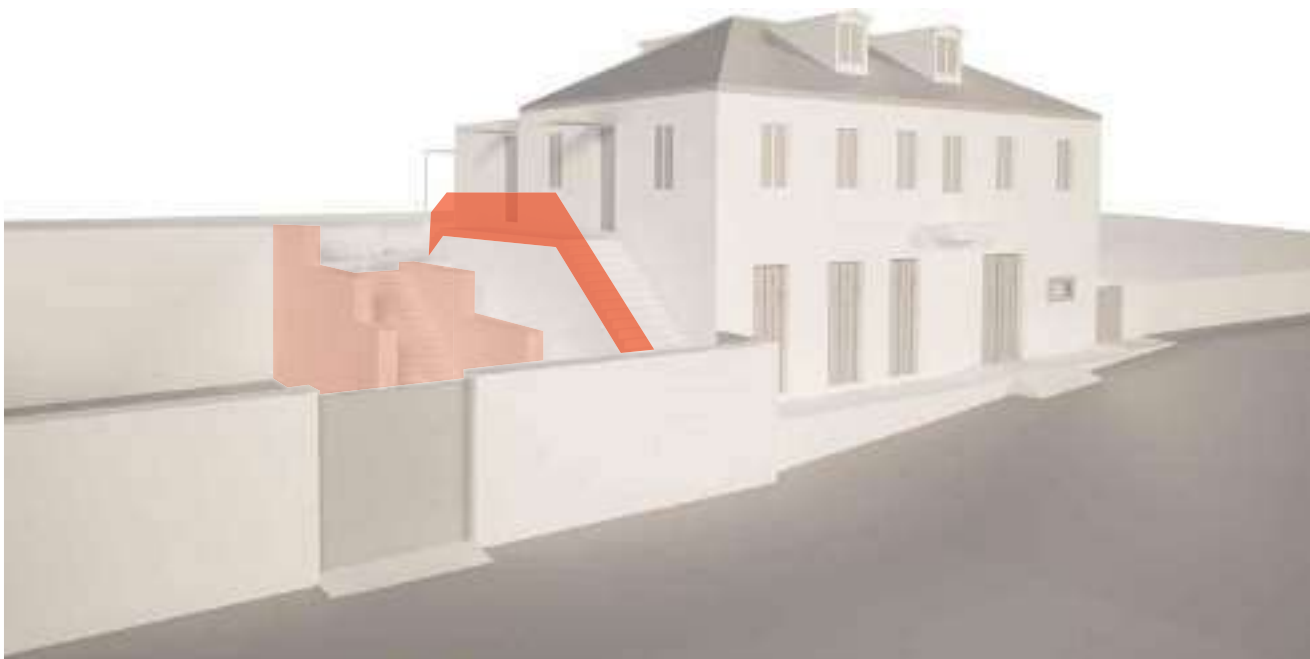
1.3l quarto 1.5
1.6l wc (quarto 1.4)
1.9l wc (quarto 1.2)
1.12l zona de refeições



0.1l hall de entrada
0.4l sala de estar
0.7l quarto 01
0.10l arrumos e armazém

0.2l exposição de vinhos
0.5l wc (mob. reduzida)
0.8l pátio (quarto 01)
0.11l arrumos

0.3l recepção
0.6l wc (quarto 01)
0.9l arrumos exteriores



Maquete virtual da fachada do edifício vista do lado esquerdo
(Acréscimo das grades e portões alumínio).



Maquete virtual da fachada do edifício vista do lado direito
(Retirados todos os estores e alterados os desenhos das caixilharias)

Imagem 57: Conjunto de imagens da maquete virtual _ vista frente



Maquete virtual da parte de trás do edifício
(Acrescento ao edifício de dois volumes a vermelho)

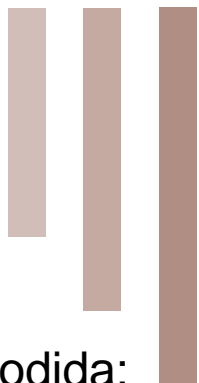


Maquete virtual da parte de trás do edifício
(Acrescento ao edifício de dois volumes)

Imagem 58: Conjunto de imagens da maquete virtual _ vista trás



Informação Técnica

- 
- . perspectiva explodida;
 - . vermelhos e amarelos;
 - . plantas;
 - . alçados;
 - . cortes.

Observação: Os desenhos técnicos dos vermelhos e amarelos e as plantas, alçados e cortes do projeto, encontram-se numa maior escala no anexo do volume II.

Perspetiva explodida

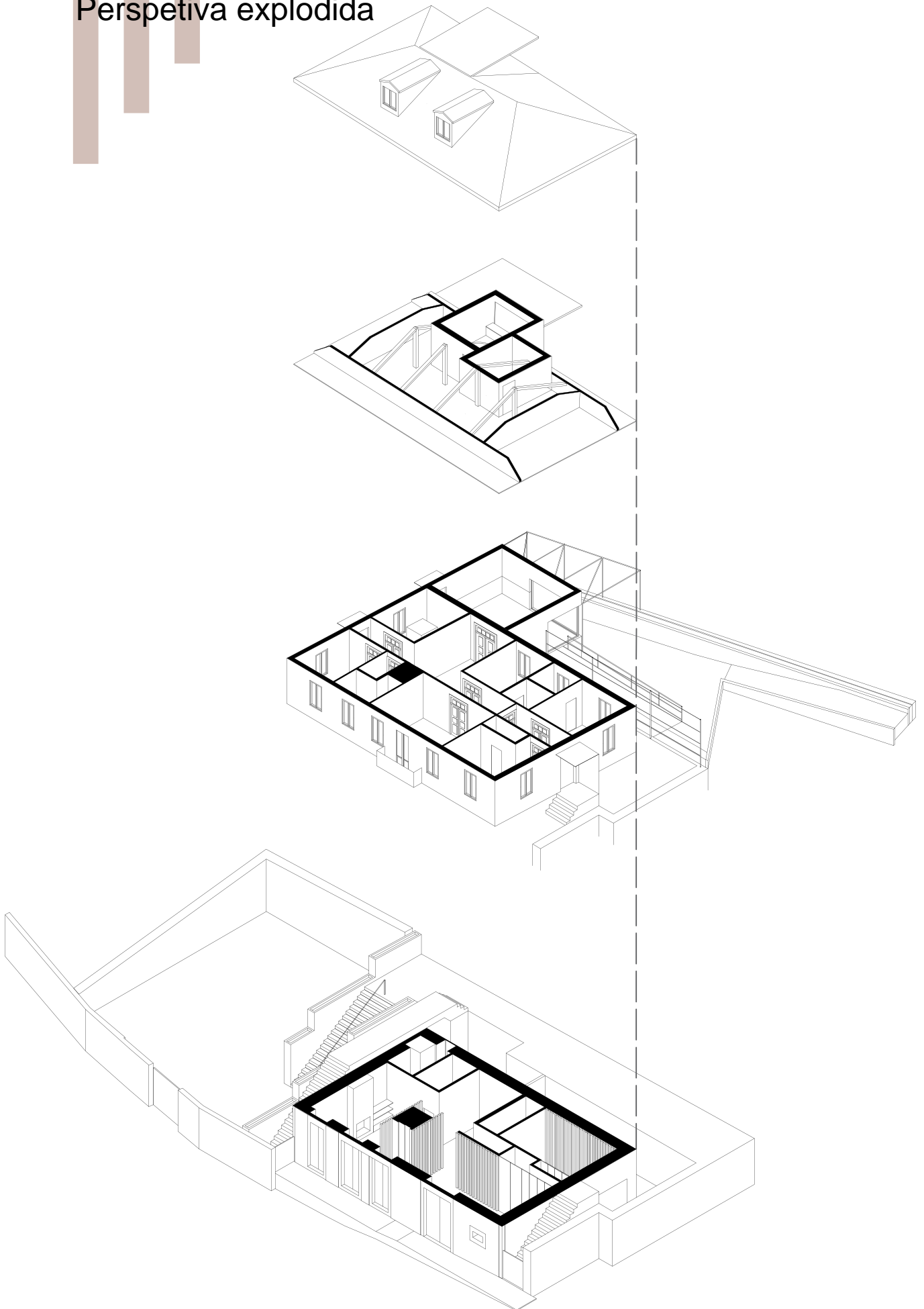
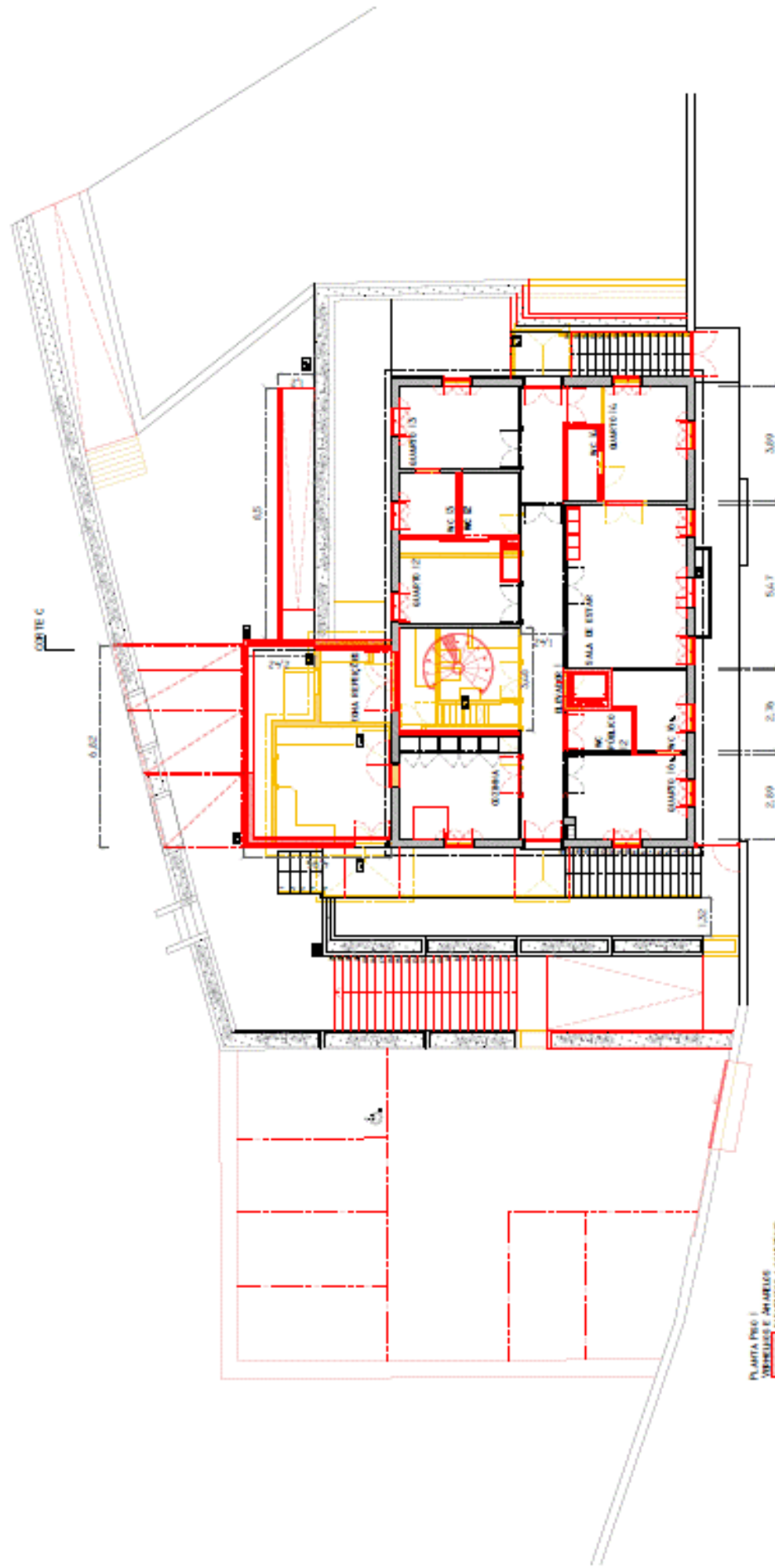
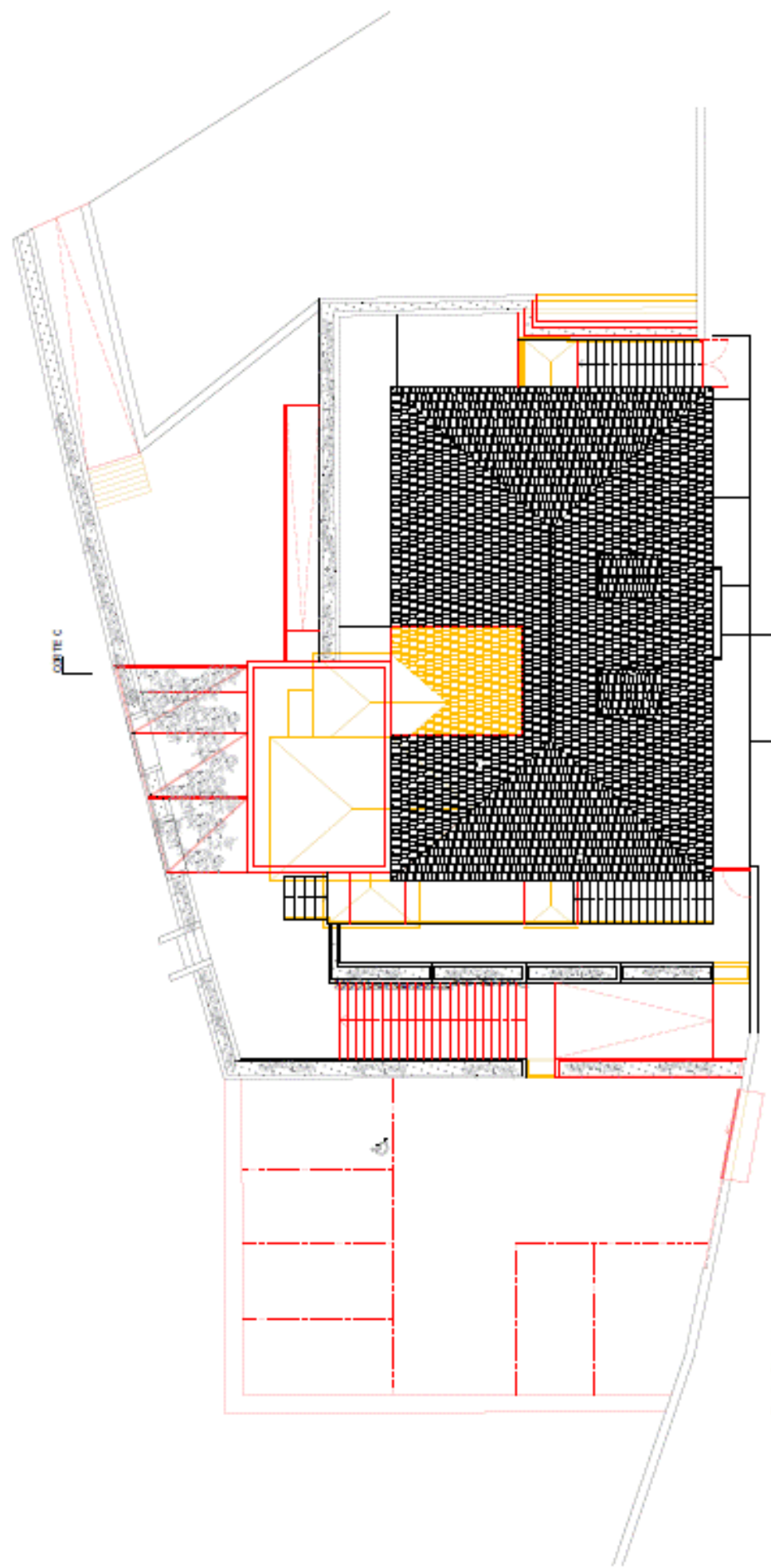


Imagem 59: Perspetiva explodida dos pisos da casa principal.



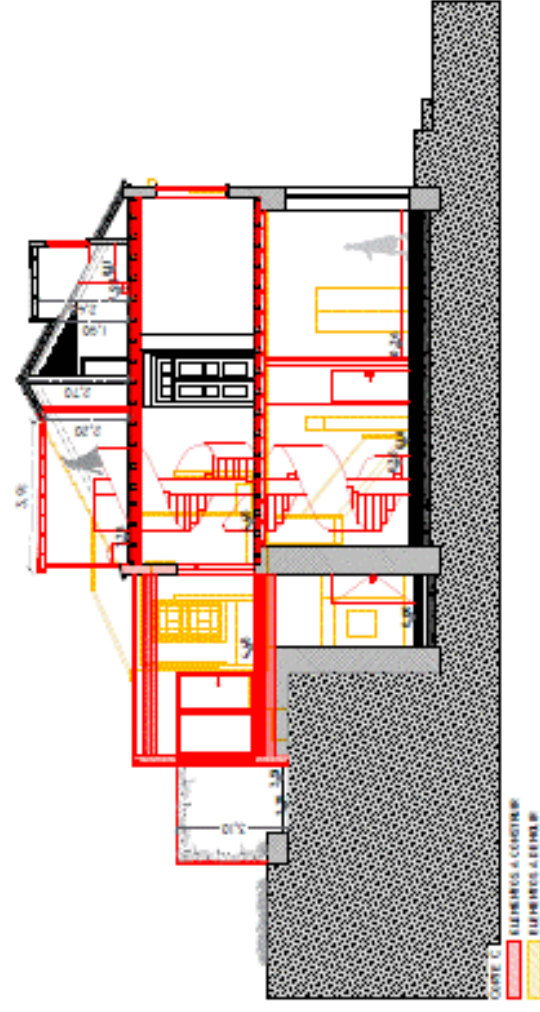
PLANTA PISO I
 VERMELHO E AMARELOS
 ELEMENTOS A CONSERVAR
 VERMELHOS E AMARELOS
 ELEMENTOS A DESTRUIR

ALTA	RENATA CAPITÃO LARANERA	SUARISAD.PT	 93
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVEREIRO 2020
FASE	FINAL	ETAPA	VERMELHOS E AMARELOS - PISO I
		ESCALA	1:200



PLANO COBERTURA
VERMELHOS E AMARELOS
ELEMENTOS A CONSERVAR
ELEMENTOS A ADICIONAR

ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314-08340 PT	95
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL	FEVEREIRO 2020	
FASE	FINAL	VERMELHOS E AMARELOS - COBERTURA	ESCALA 1:200



ALUM:

RENATA CAPITÃO LARANJEIRA

31/05/2014, PT

96

PROJETO

PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL

FEVREIRO 2010

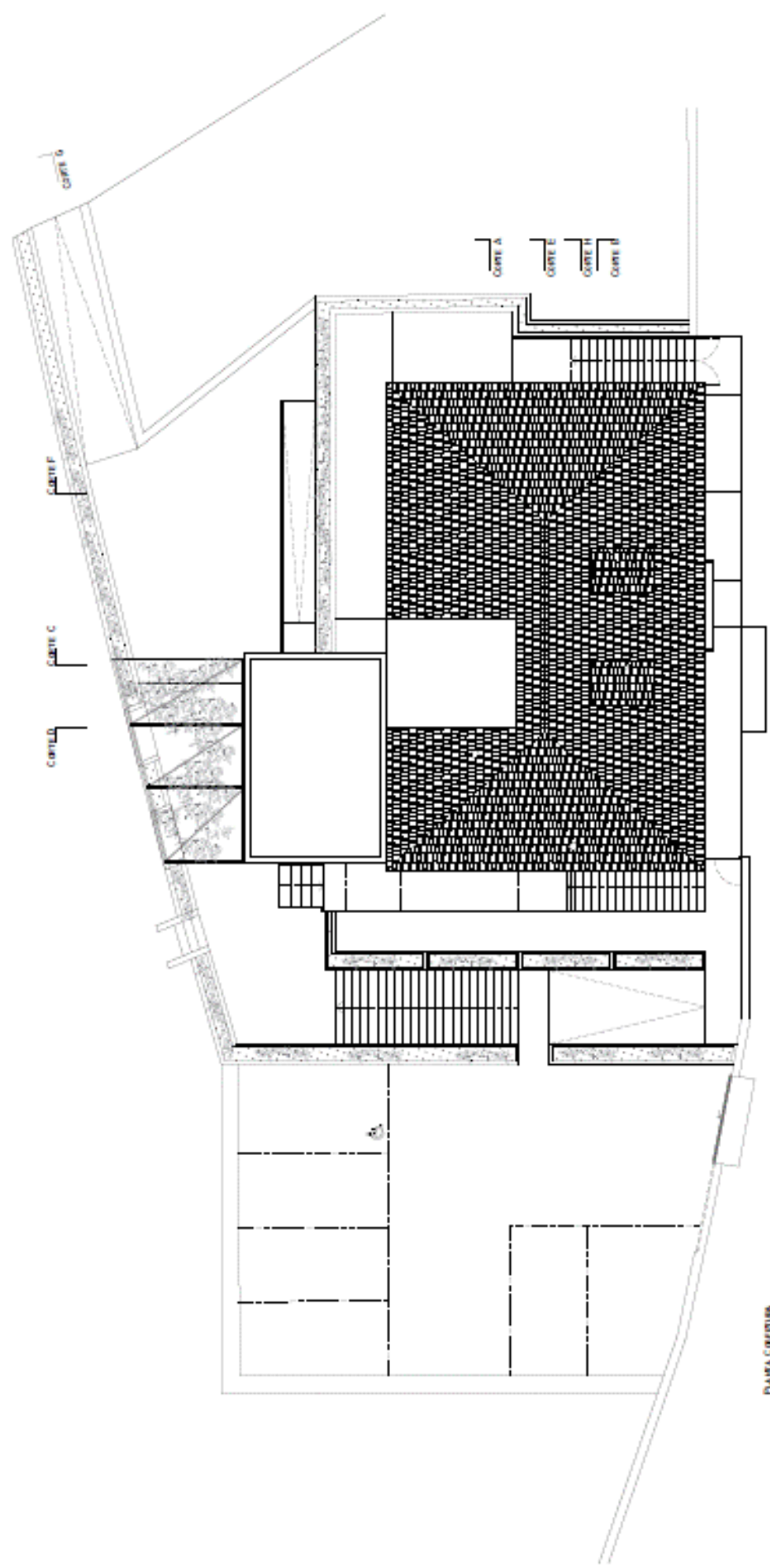
Fase


FINAL

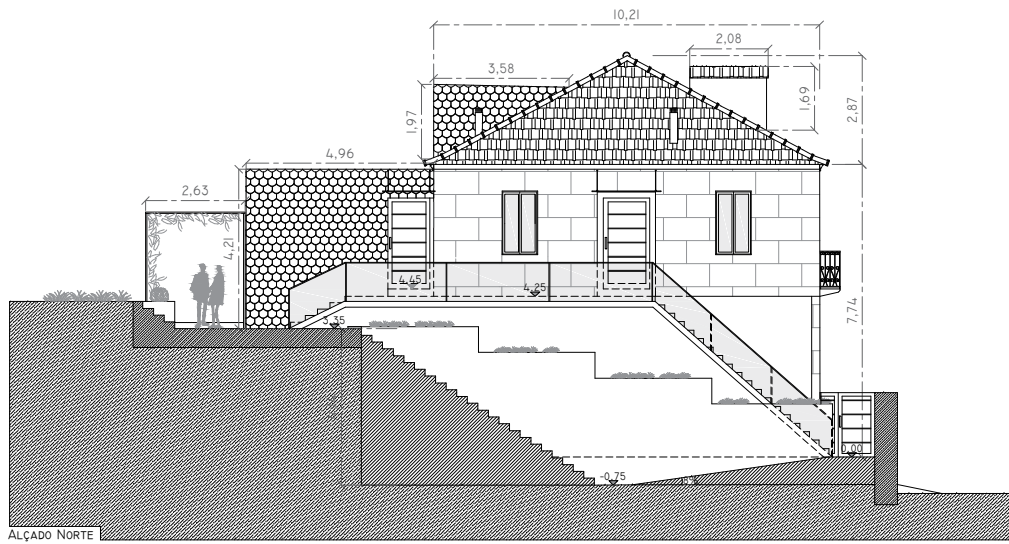
trabalho

VERMELHOS E AMARELOS - CORTE C

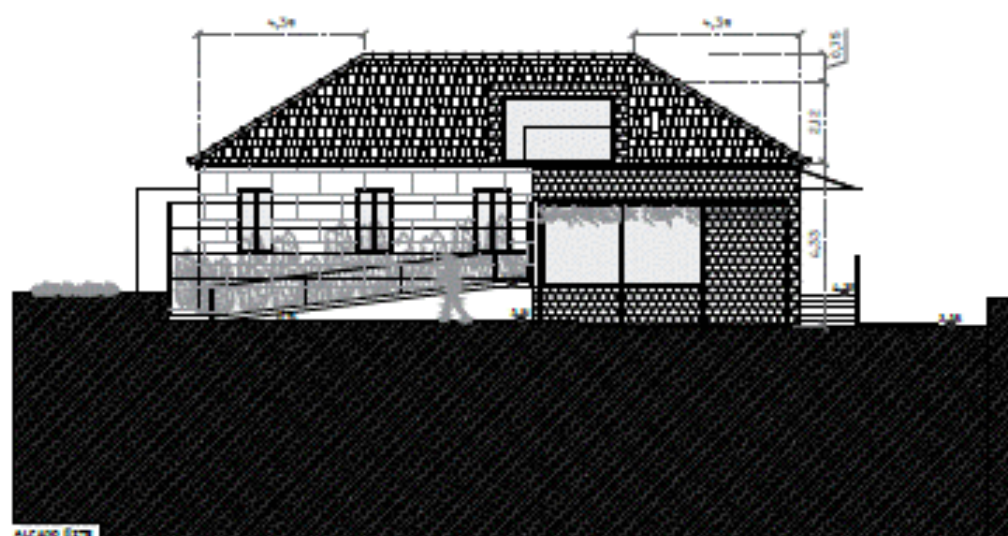
ESCALA 1:200



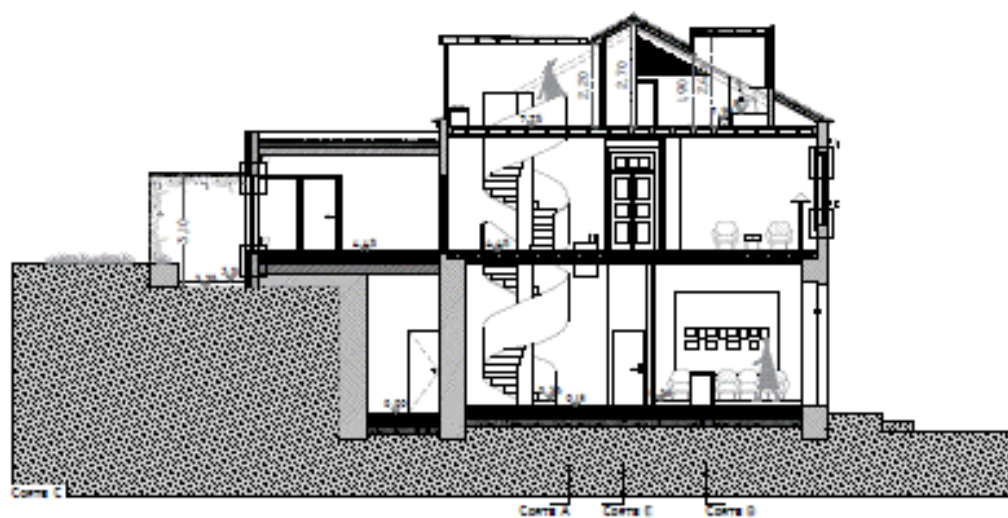
ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	SI LABS040.PT	
PROJETO	PROJETO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL	FEVEREIRO 2020	ESCALA 1:200
Fase	FINAL	Final	PROJETO - PLANTA RSO 0



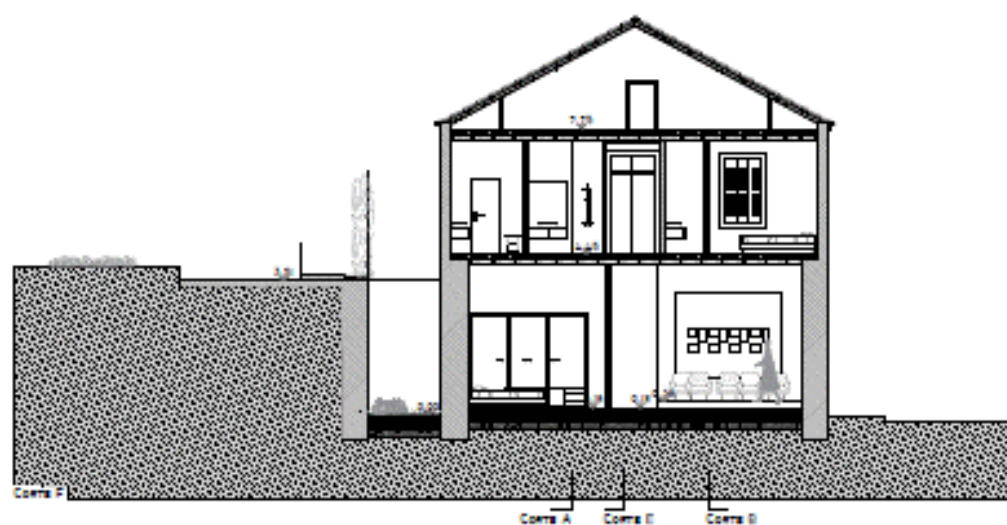
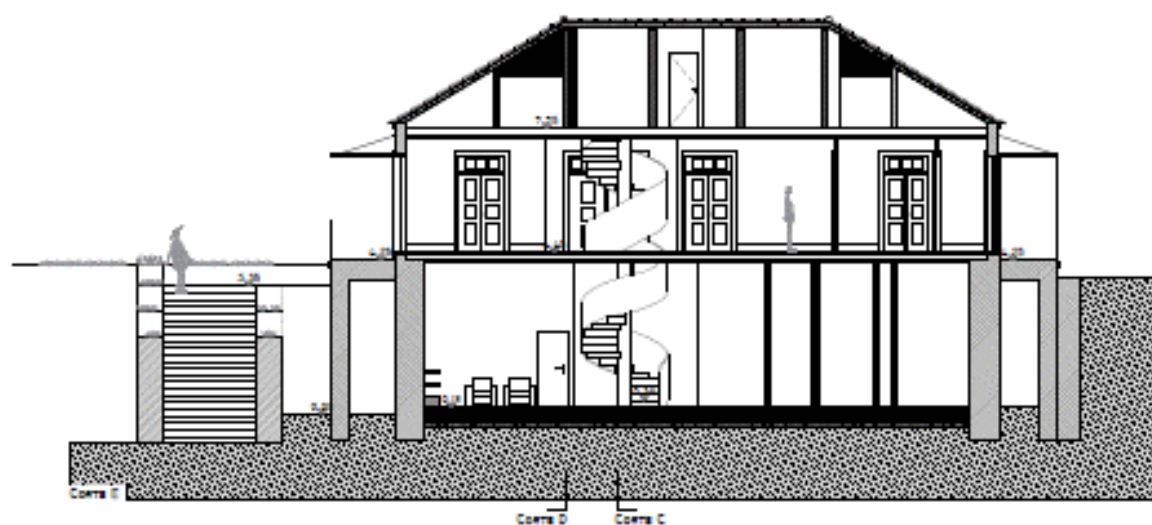
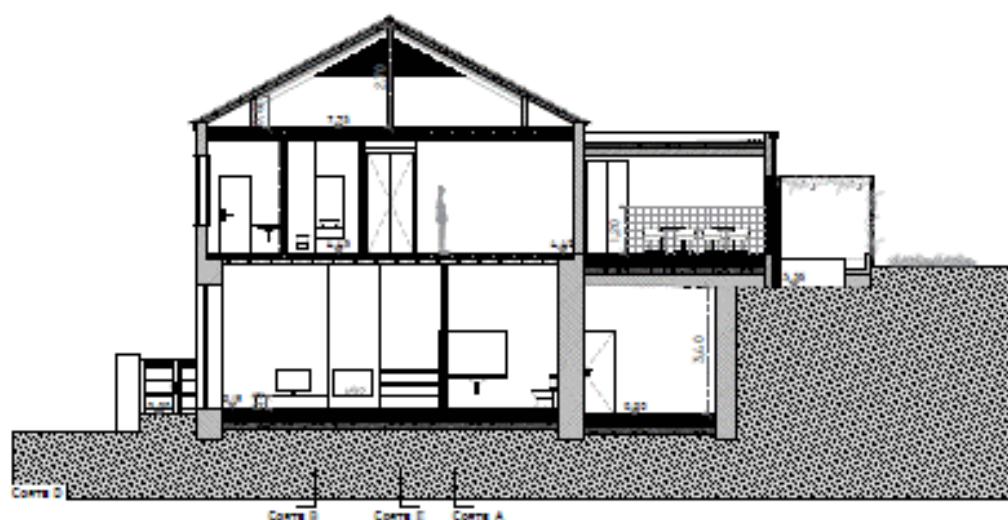
ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@ESAD.PT	102
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVEREIRO 2020
FASE	FINAL	DESENHO PROJETO - ALÇADO OESTE E NORTE	ESCALA 1:200



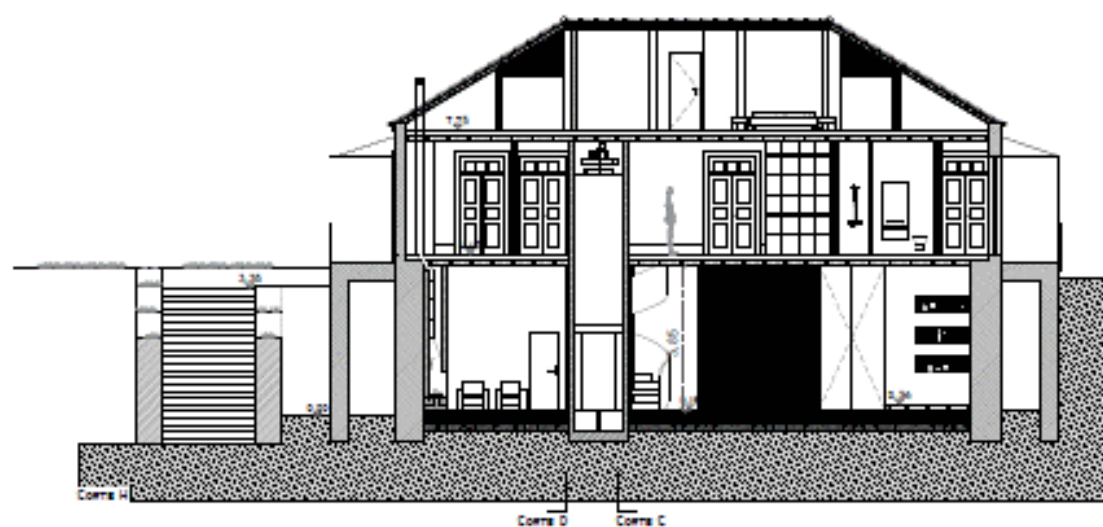
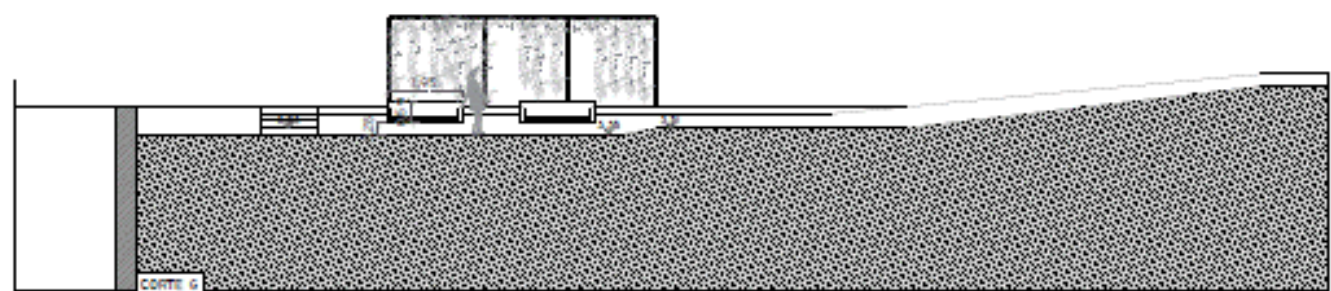
ARQUITETA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@ESAO.PT	103
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVREIRO 2020
FASE	FINAL	PROJETO - ALÇADO ESTE E SUL	ESCALA 1:200



ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@GZAD.PT	104
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEVEREIRO 2020
FASE	FINAL	PROJETO - CORTE A,B,C	ESCALA 1:200



ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	316@ESAD.PT	105
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEBREIRO 2020
FASE	FINAL	PROJETO - CORTE D, E, A	ESCALA 1:200



ALUNA	RENATA CAPITÃO LARANJEIRA	314@EGAD.PT	106
PROJETO	PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE UMA QUINTA ADAPTADA AO TURISMO RURAL		FEBREIRO 2020
FASE	FINAL	PROJETO - CORTE G , H	ESCALA 1:200



Desenhos Ilustrados



Plantas;

Alçados.

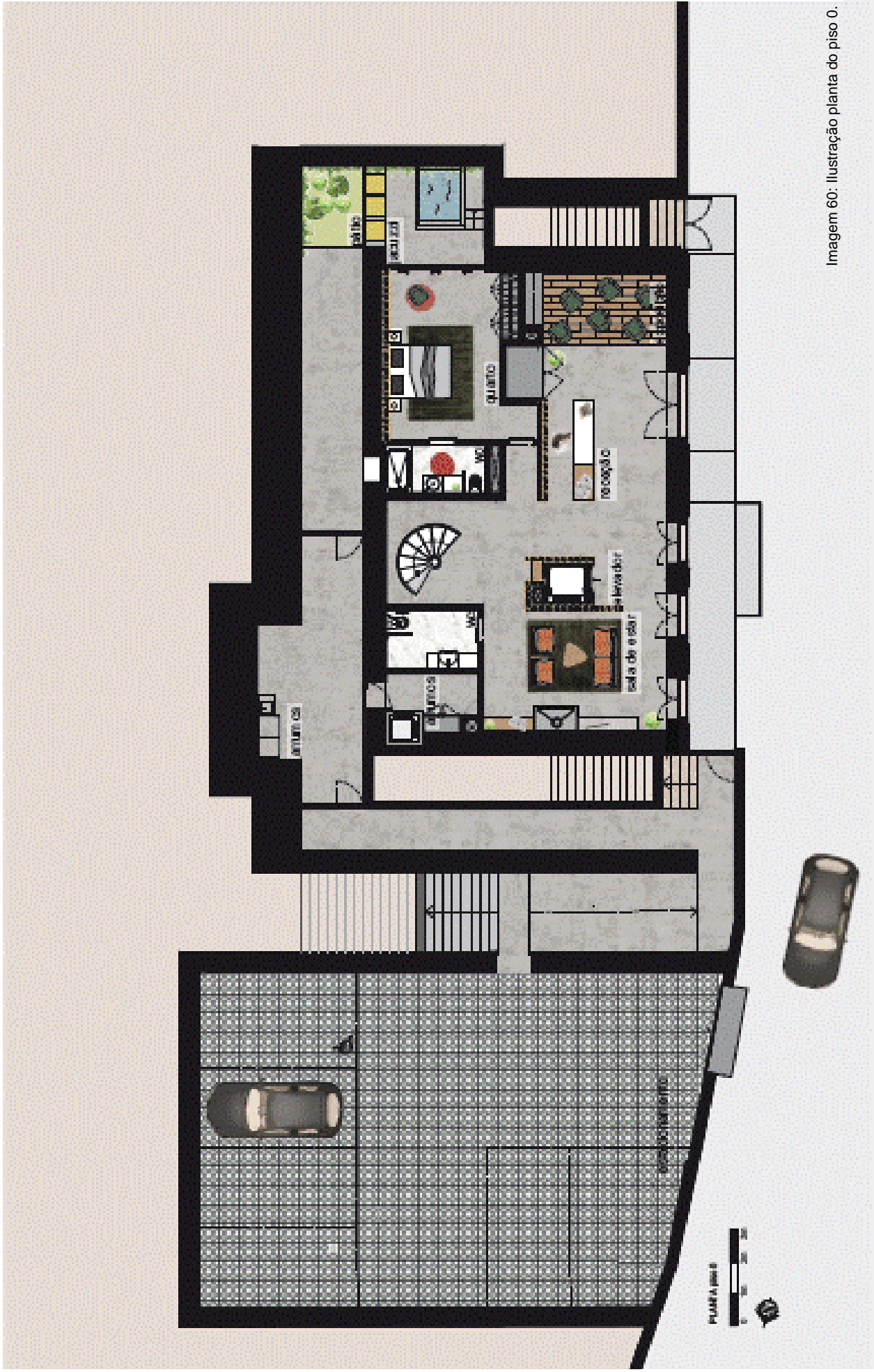


Imagem 60: Ilustração planta do piso 0.

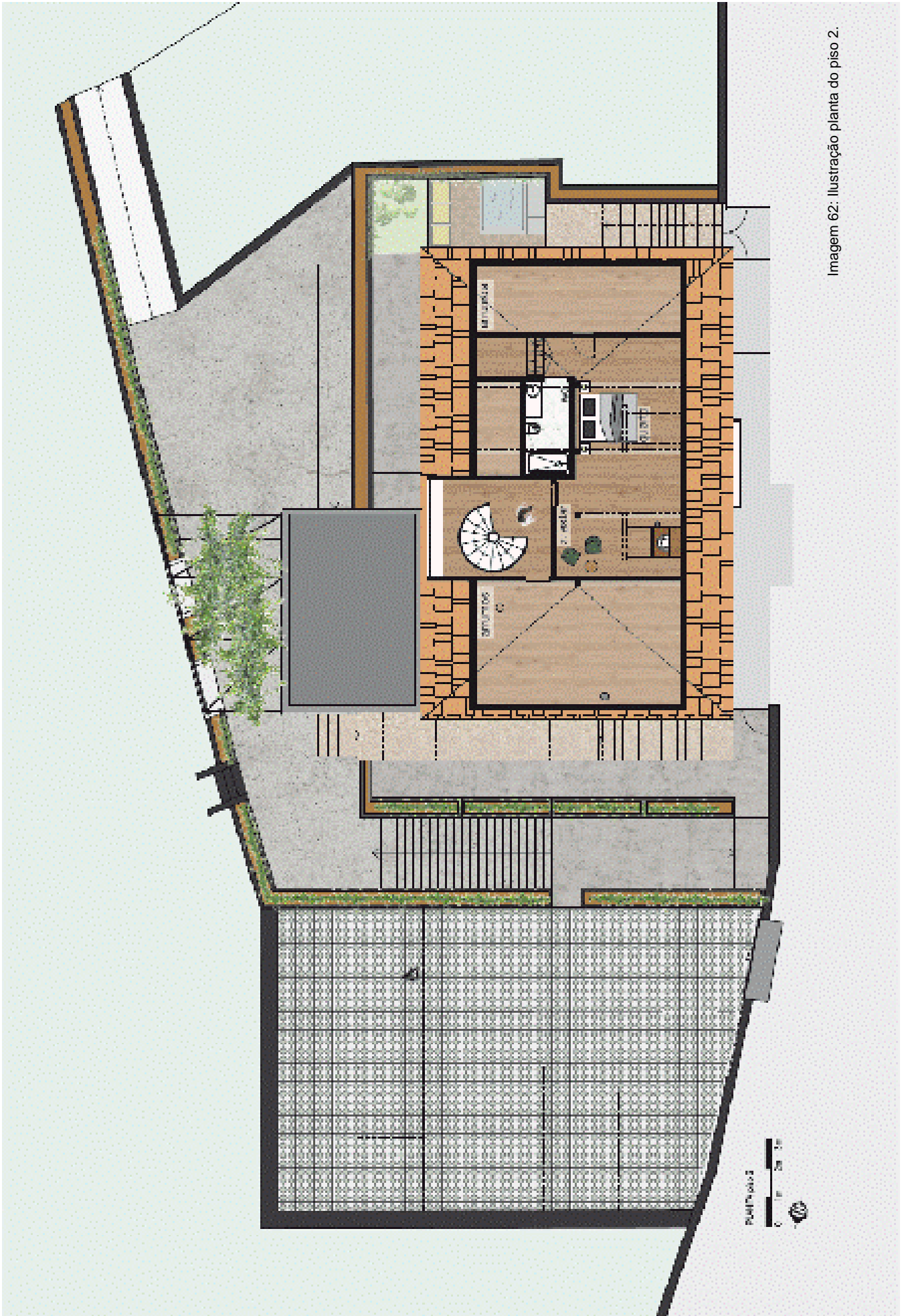


Imagem 62: Ilustração planta do piso 2.

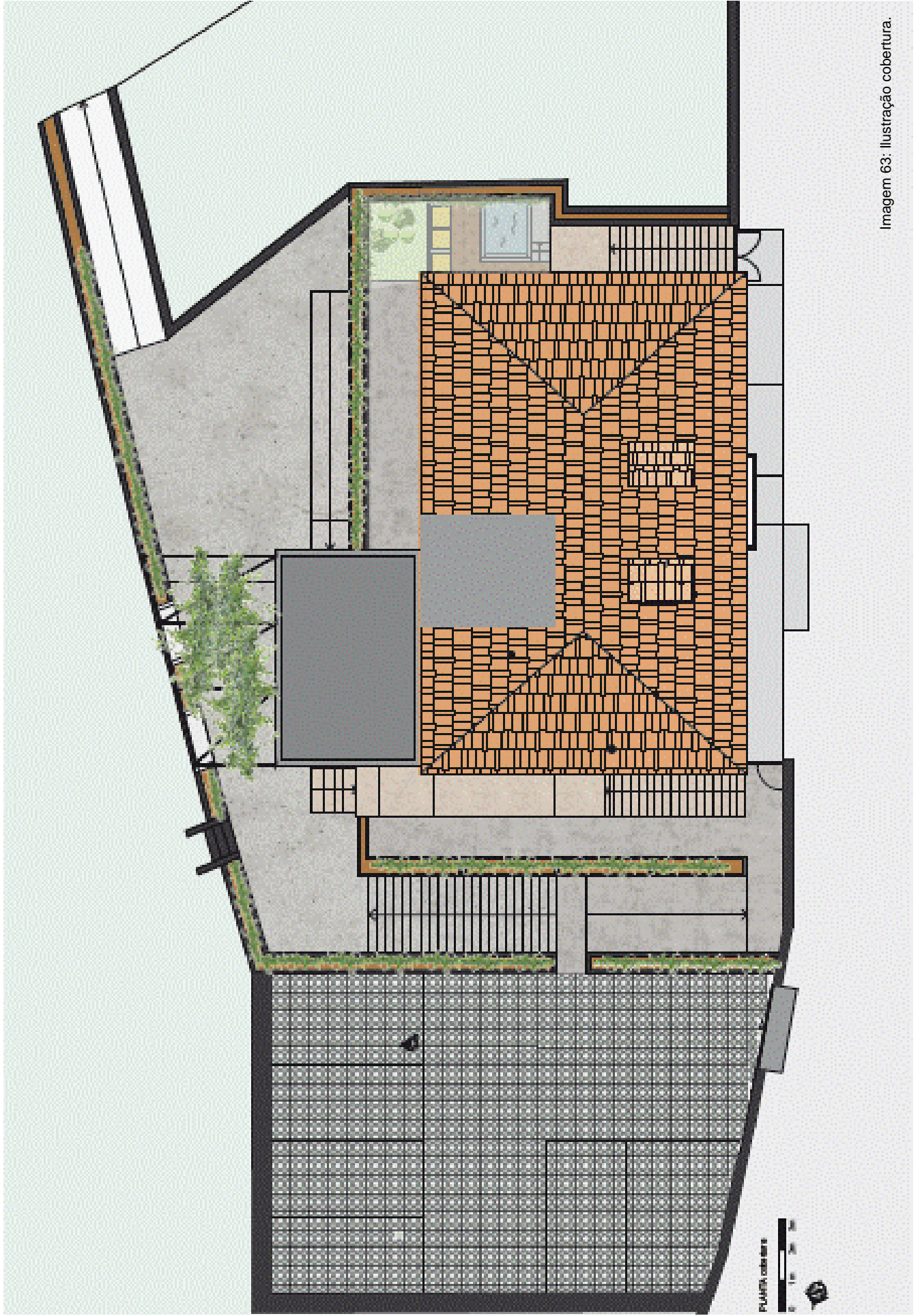


Imagem 63: Ilustração cobertura.



ALÇADO OESTE





Imagem 65: Ilustração Alçado Norte.

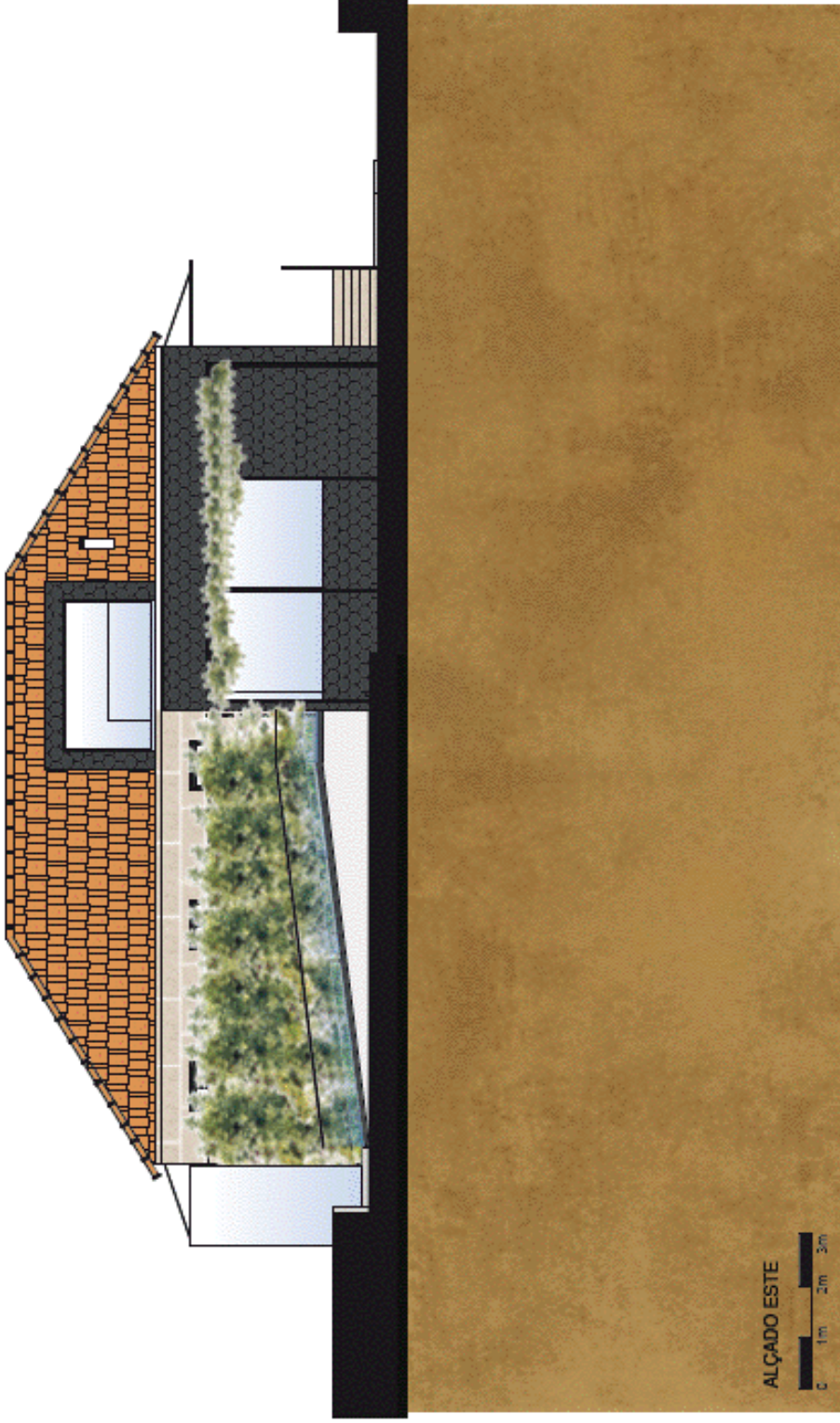


Imagem 66: Ilustração Alçado Este.



Imagem 67: Ilustração Alçado Sul.




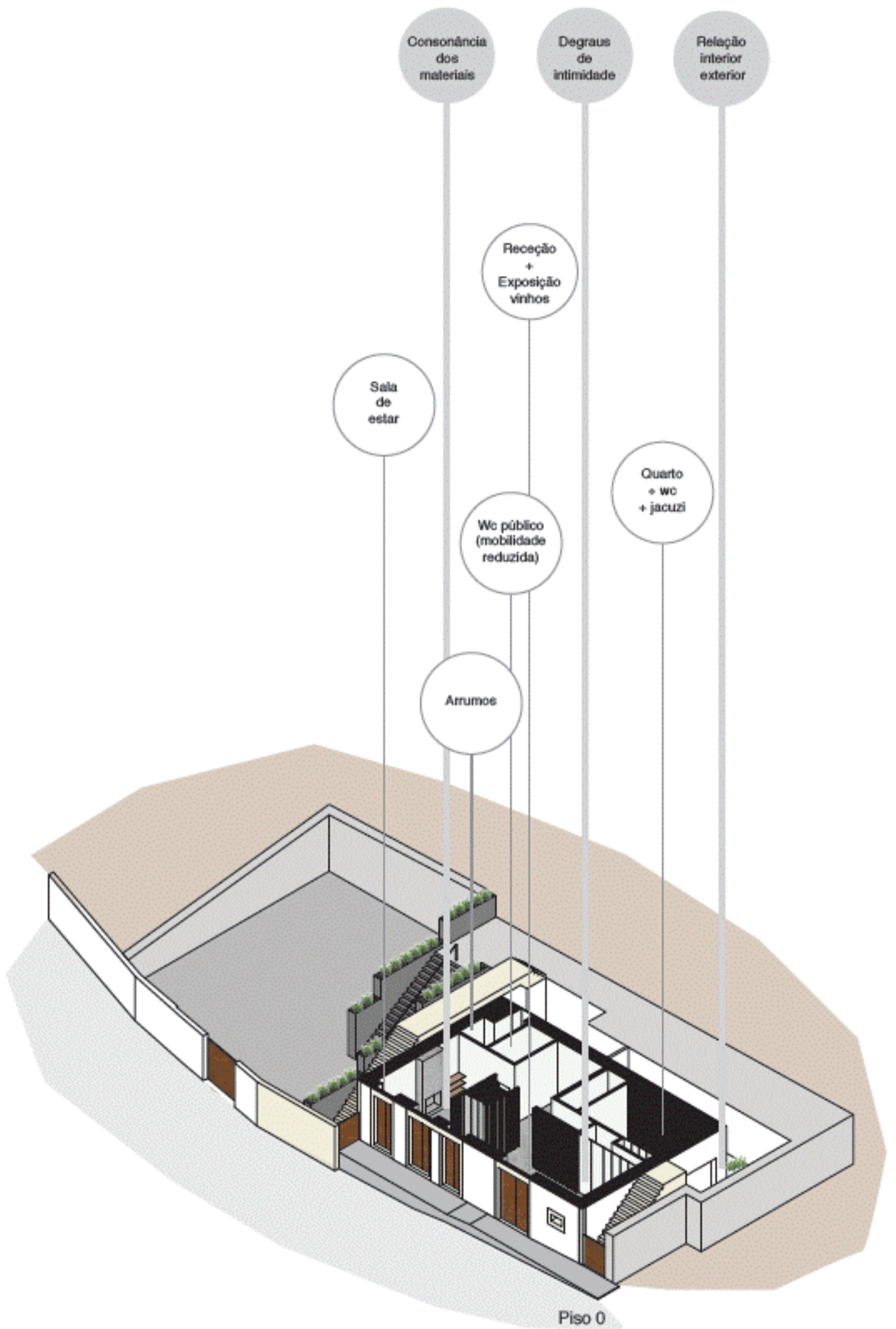
Imagem 68: Rendering Alçabo Oeste.



Imagem 69: Rendering Alçado Este.

Perspetivas dos espaços da casa
com mapa de mobiliário e associação
aos temas de Peter Zumthor





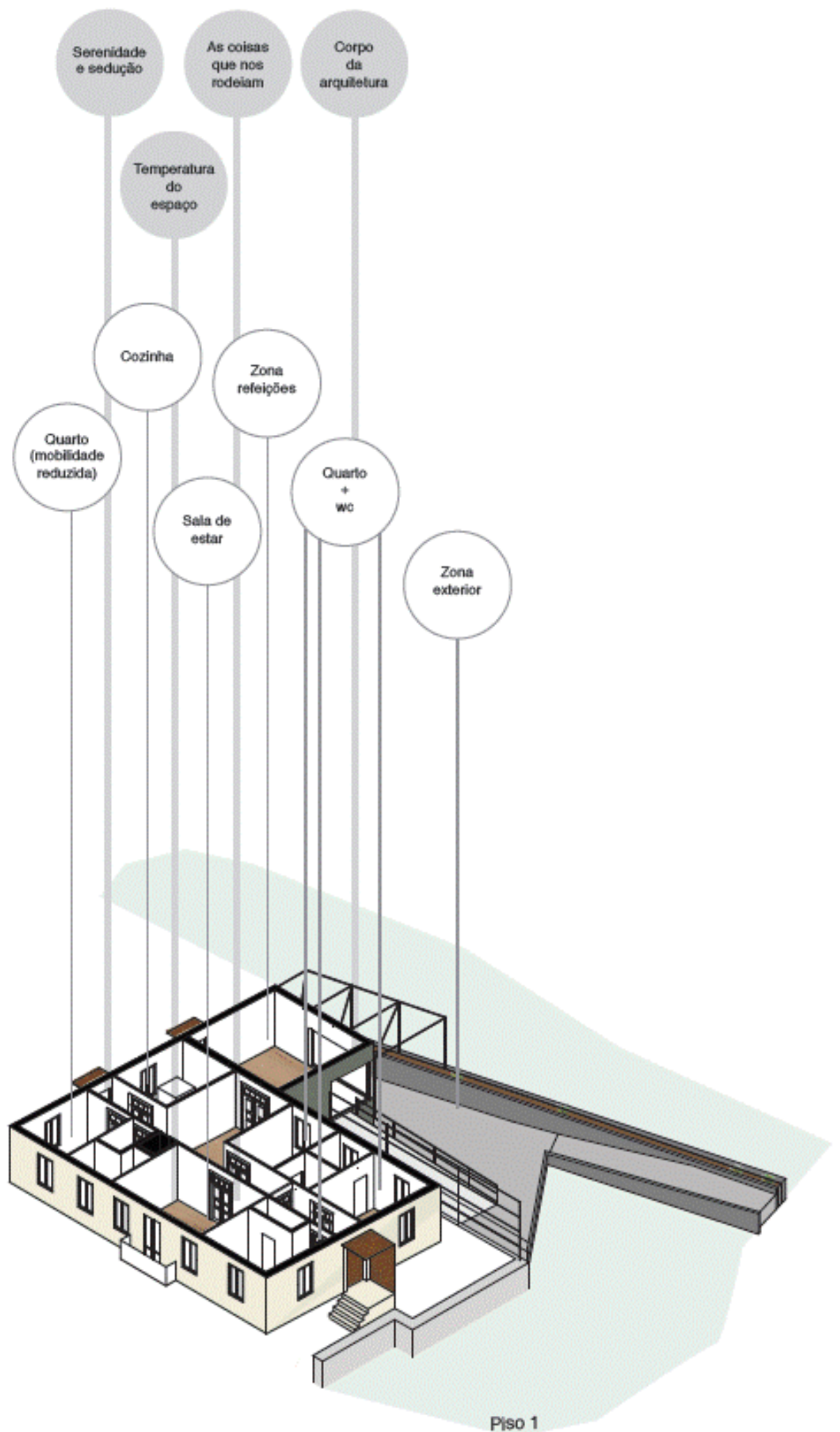


Imagem 71: Ilustração da perspectiva do piso 1.

Harmonia Arquitetura como espaço envolvente O som no espaço

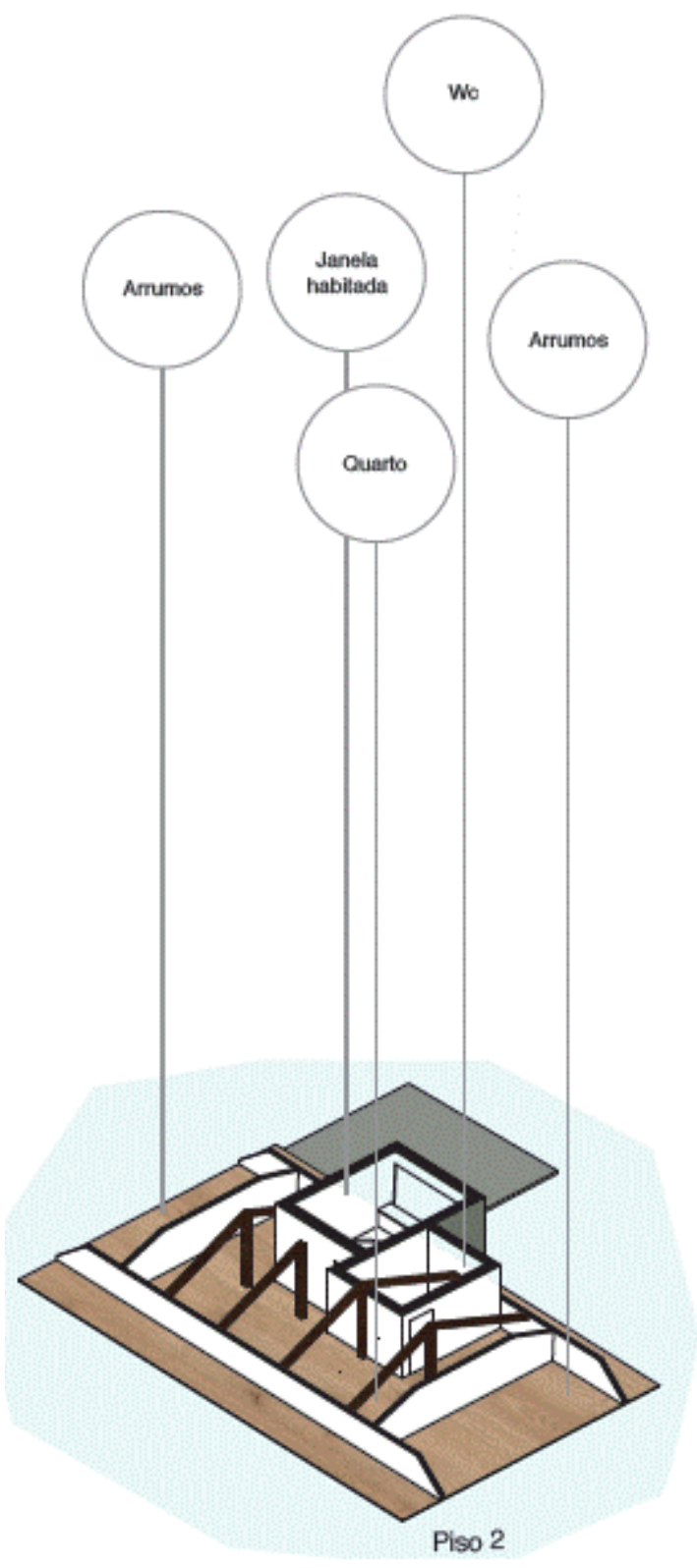


Imagem 72: Ilustração da perspectiva do piso 2.

A luz sobre as coisas A forma

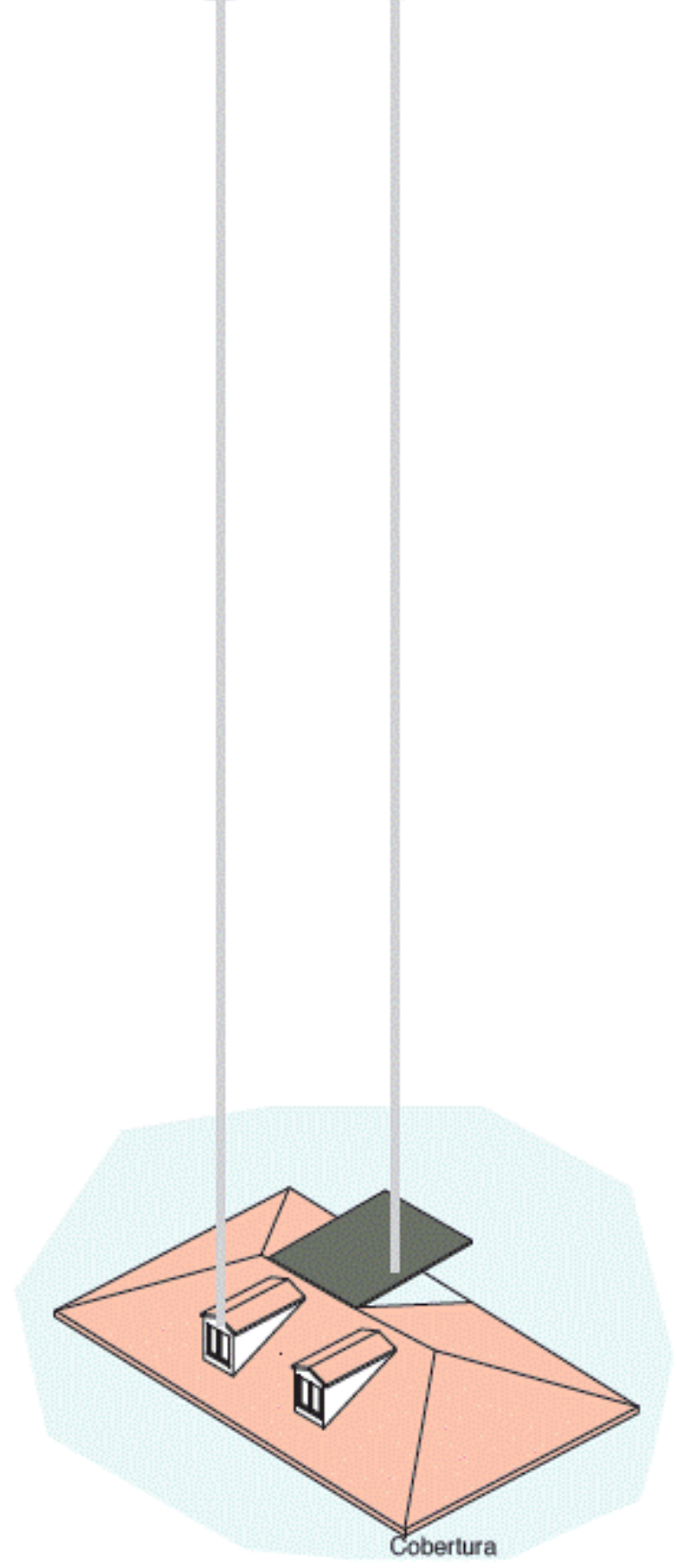
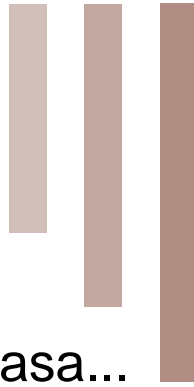


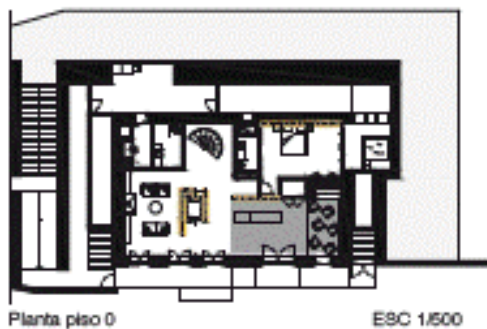
Imagem 73: Ilustração da perspectiva da cobertura.

Os espaços da casa...



Piso 0

- Recepção -



Degraus
da
intimidade

(Zumthor, 2006, p.50)

Na zona da prova dos
vinhos, acrescentou-se
um patamar, criando
assim ao visitante, uma
zona de mais
intimidade, comparada
com o resto do piso.

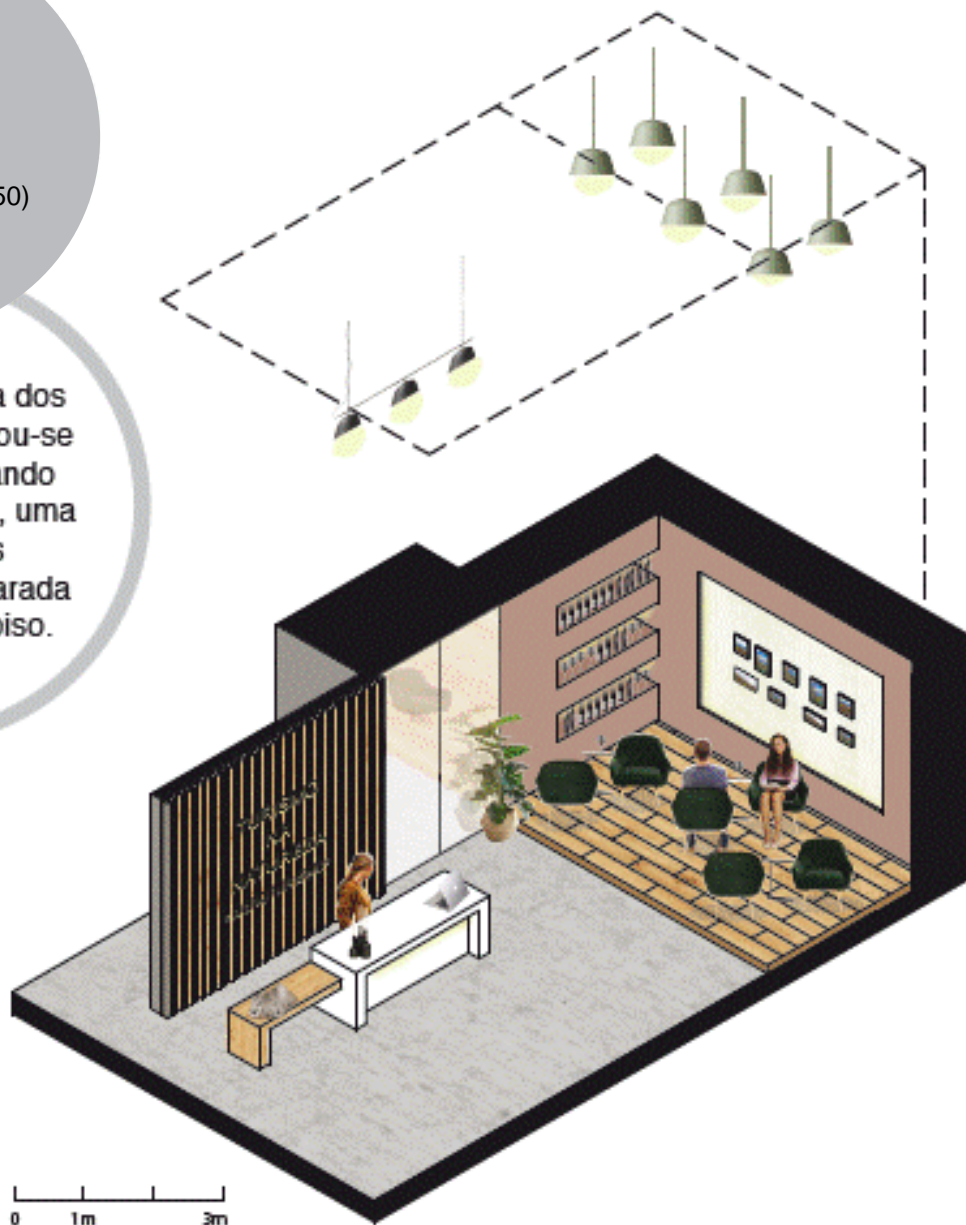


Imagem 74: Ilustração da perspetiva do espaço da receção.

Mapa de mobiliário, materiais e cores

1



Candeeiro "Ambit Rail Lamp" de TAF Studio.
MUUTO. Diâmetro 40cm.
Abajur em alumínio e cordão em borracha. Cor verde empoeirado

2



Candeeiro "Ambit Pendent Lamp" de TAF Studio.
MUUTO. Cor preto

3



Exposição de fotografias e textos explicativos da quinta e envolvente

4



Mesa "Relate Side Table" de Big-Game. MUUTO.
Altura 60,5cm. Comprimento 56,2cm.
Material carvalho e cor preta.

5



Poltrona Mawson. Kinda Home.
Dimensões 78x77x80cm. |
Material veludo verde e metal.

6



Cor parede CIN 22J5

7



Parede preexistente
Pedra pintada a branco

8



Madeira carvalho

9



Microcimento

10



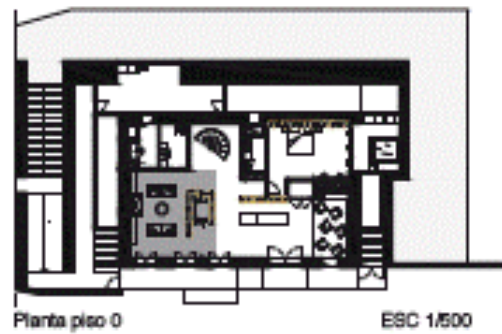
Ripas madeira carvalho
Dimensões 5x5cmxaltura

TURISMO
NA
NATUREZA
- AGROTURISMO -



Imagem 75: Rendering espaço da recepção.

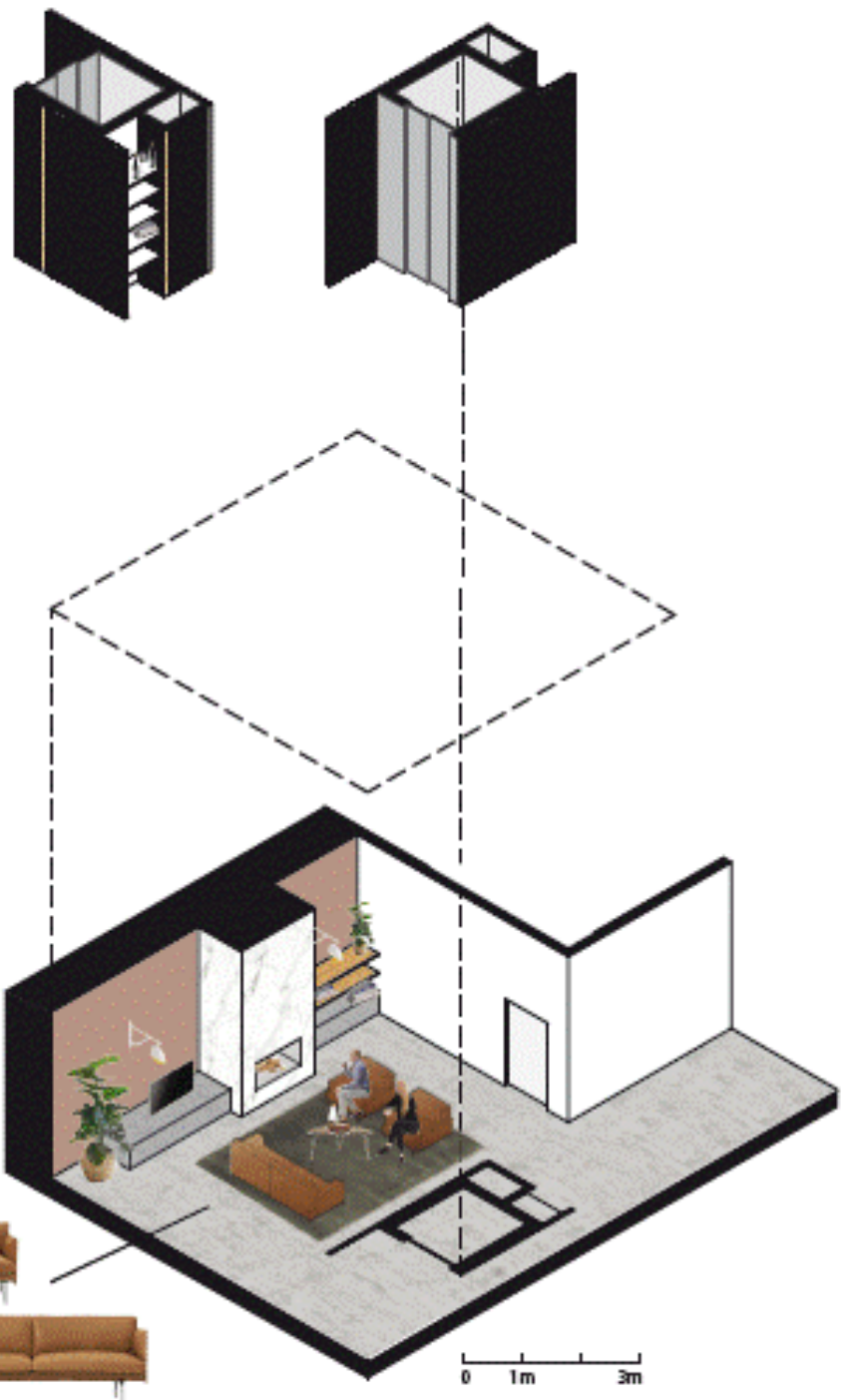
Piso 0
- Sala de estar e elevador -



Consonância
dos
materiais

(Zumthor, 2006, p.22)

Aqui e em todo o empreendimento, é visível a junção de diferentes materiais, neste caso do microcimento na horizontal (no chão) e da madeira na vertical (nas ripas).



Esta sala de estar é destinada aos hóspedes, que aqui podem disfrutar da lareira preexistente.



Imagem 76: Ilustração da perspectiva do espaço da sala de estar.

Mapa de mobiliário, materiais e cores

1



Cor parede CIN 22J5

2



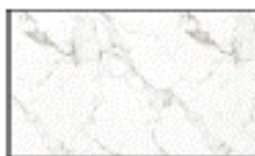
Chão revestido a microcimento

3



Revestimento elevador
Ripas madeira carvalho
Dimensões 5x5cmxaltura

4



Revestimento lareira:
Mármore de Estremoz

5



Prateleiras Madeira carvalho

6



Tapete "Sumit" da Kinda Home.
Cor: verde. Material: viscose e algodão.

7



Sofá "Outline series" de Anderssen & Voll.
Muuto.
Dimensões: comprimento 220x altura 71cm.
Cor: conhaque. Material: couro e pés de alumínio.

8



Poltrona "Outline chair" de Anderssen & Voll.
Muuto.
Dimensões: largura 78cm x altura 71cm.
Cor: conhaque. Material: couro e pés de alumínio.

9



Mesa de centro "Guelma" da Kinda Home.
Dimensões: 100x100x40cm.
Material: madeira de teca.

10



Candeeiro "Ambit Wall Lamp" de TAF Studio.
Muuto.
Cor: branco. Material: alumínio.

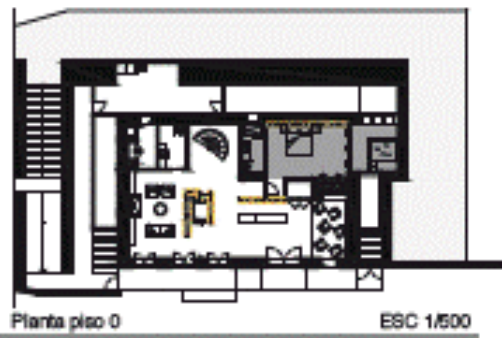


Imagem 77: Rendering espaço do elevador.



Imagem 78: Rendering espaço da sala de estar.

Piso 0
- Quarto com jacuzi -



Tensão entre interior e exterior

(Zumthor, 2006, p.46)

No único quarto do piso 0, há uma relação direta entre o interior do quarto e uma zona exterior privada com jacuzzi para o hóspede.

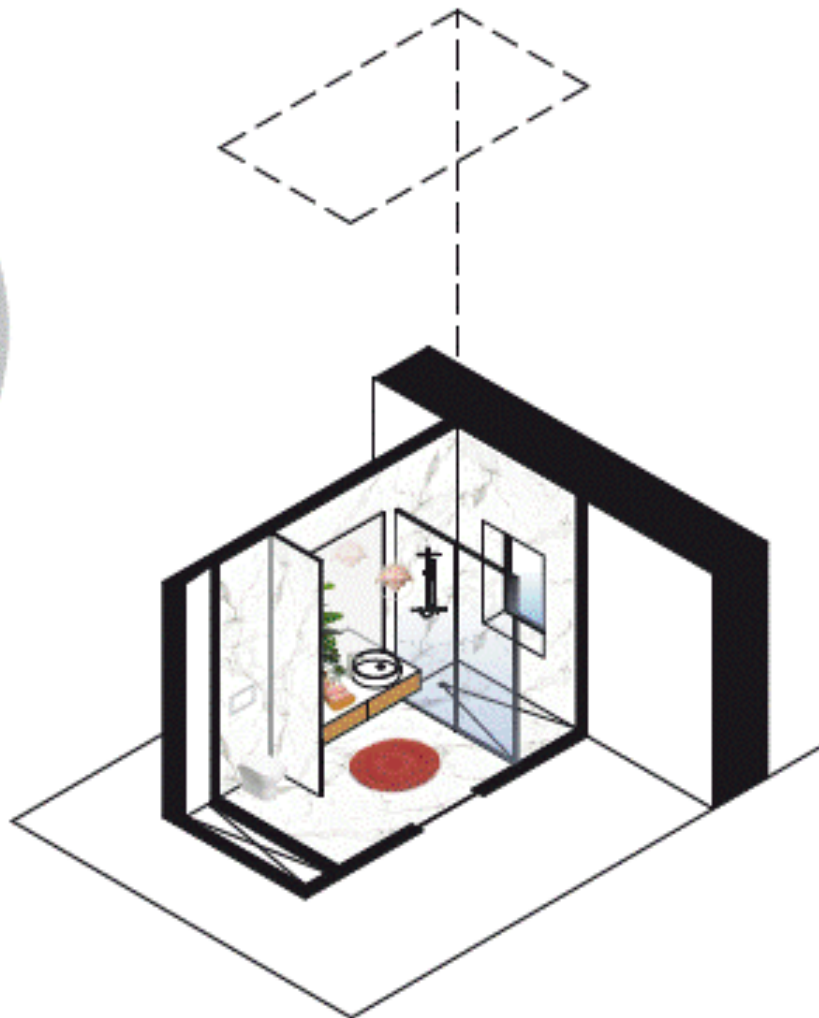


Imagem 79: Ilustração da perspectiva do espaço da casa de banho.

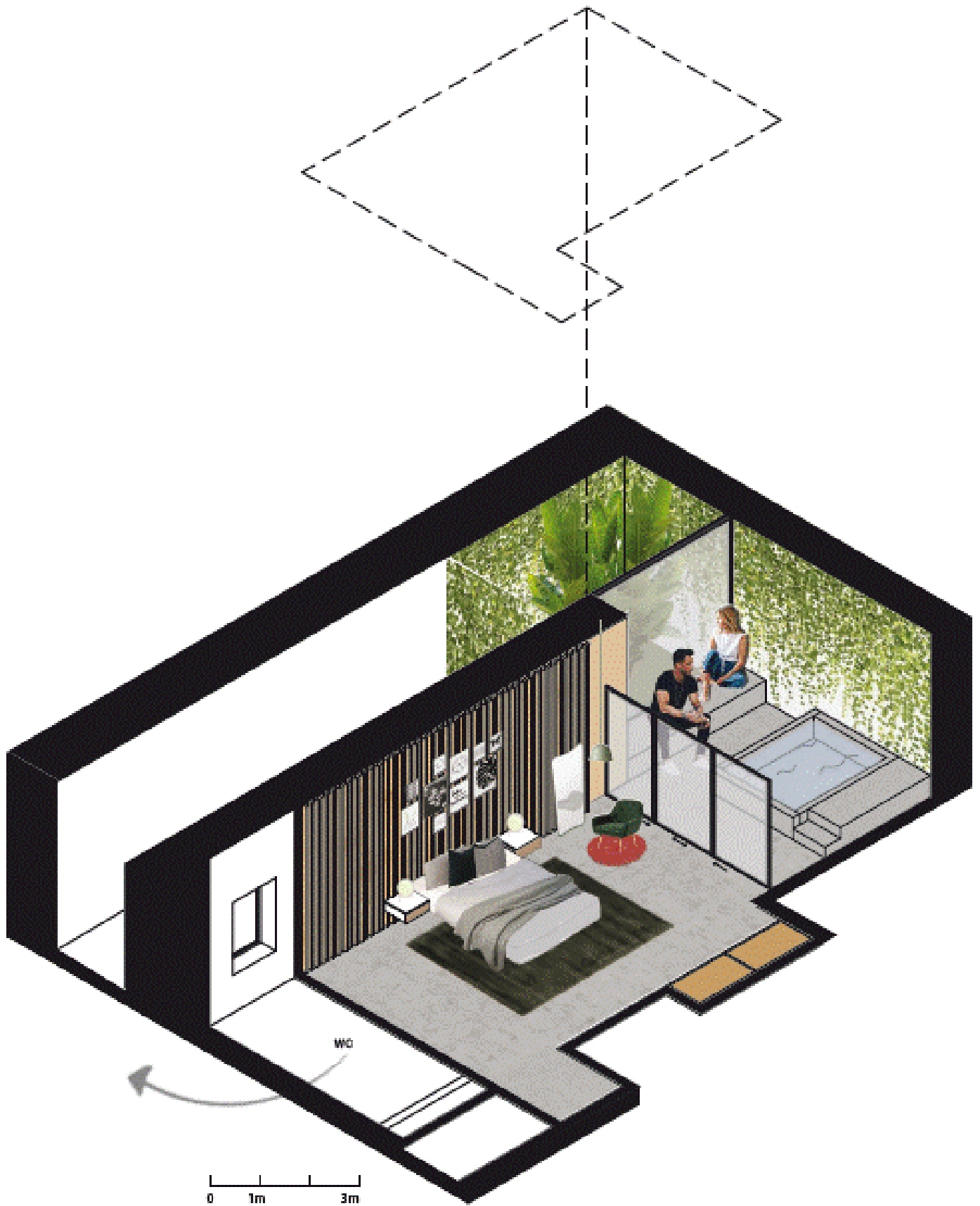
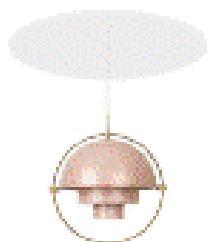


Imagem 80: Ilustração da perspectiva do espaço do quarto.

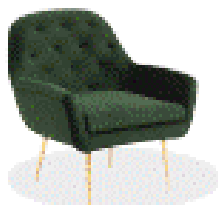
Mapa de mobiliário, materiais e cores

1



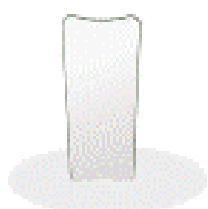
Candeeiro "Multi-Lite Pendant" de Gubi.
Diâmetro: 36cm.
Cor sombra de pó rosa.
Base material: latão.
Material: latão.

2



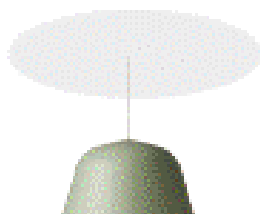
Poltrona Mawson da Kinda Home.
Dimensões: 78x77x80cm.
Material veludo verde e metal.
Veludo verde e metal.

3



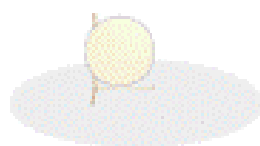
Espelho de parede FA33 da Gubi.
Dimensões: 69x146cm.
Cor: preto. material: latão.
M

4



Candeeiro "Ambit Rail Lamp" de TAF Studio.
MUUTO. Diâmetro 40cm.
Abajur em alumínio e cordão em borracha.
Cor: verde empoeirado.

5



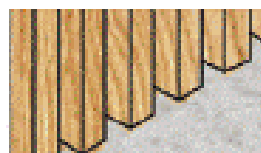
Candeeiro de mesa "Ic lights T2" da Flos.
Designer: Michael Anastassiades.
Dimensões: 38cm altura.

6



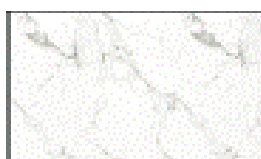
Revestimento chão: microcimento

7



Ripas de madeira carvalho
Dimensões: 5x5cmxaltura

8



Revestimento wc:
Mármore de Estremoz

9



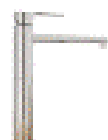
Coluna de duche da Vogue da Sanitana.
Dimensões 138,5x27,2x55cm

10



Lavatório de pousar Urban da Sanitana.
Diâmetro: 45cm

11



Torneira lavatório cano alto com bica longa
"Balance" da Sanitana.

12



Base de chuveiro "Julia" da Sanitana.
Material: acrílico.

13



Sanita série Nexo da Sanitana.



Imagem 81: Rendering espaço do quarto.



Imagem 82: Rendering espaço do jacuzzi.

Piso 1
- Quarto -

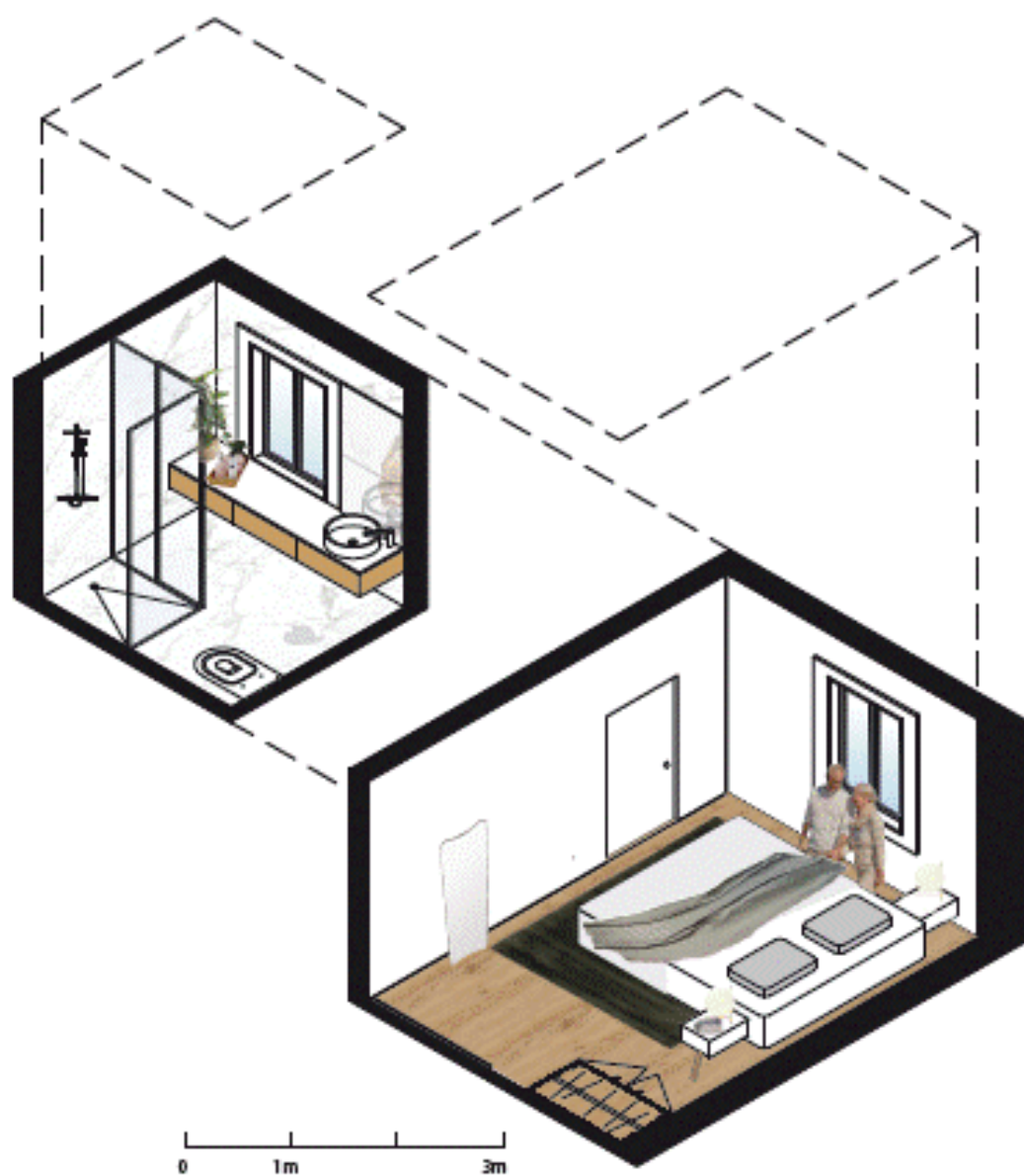
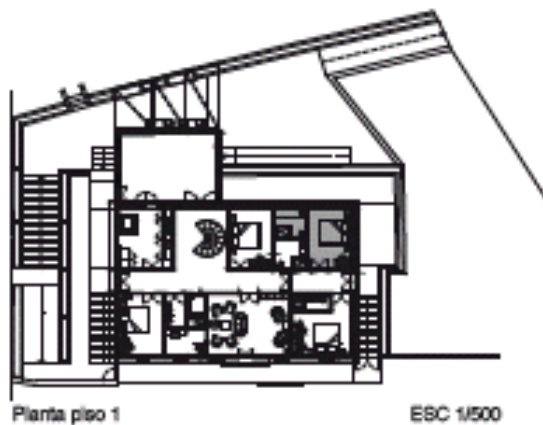


Imagem 83: Ilustração da perspectiva do espaço do quarto e casa de banho.

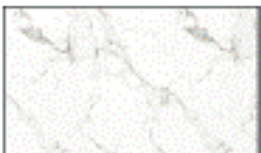
Mapa de mobiliário, materiais e cores

1



Parede pintada CIN 01W4

2



Revestimento wc:
Mármore de Estremoz

3



Chão e armário: Madeira carvalho

4



Coluna de duche da Vogue da Sanitana.
Dimensões 138,5x27,2x55cm

5



Lavatório de pousar Urban da Sanitana.
Diâmetro: 45cm

6



Torneira lavatório cano alto com bica longa
"Balance" da Sanitana.

7



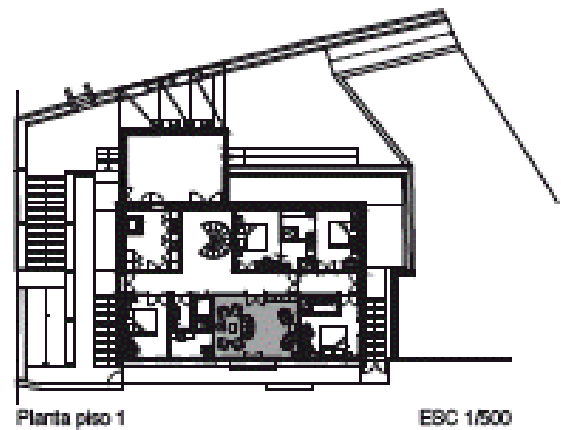
Sanita série Nexo da Sanitana.



Imagem 84: Rendering espaço do quarto.

Piso 1

- Sala de estar -



A temperatura do espaço

(Zumthor, 2006, p.32)

Nesta sala, decidiu-se escolher materiais e tecidos que tornassem o espaço quente, criando uma atmosfera de conforto, em volta da salamandra existente.

As coisas que nos rodeiam

(Zumthor, 2008, p. 34)

Há nesta sala uma estante com objetos. Em cada habitação, há sempre objetos que completam o espaço e contam a história de um habitante.

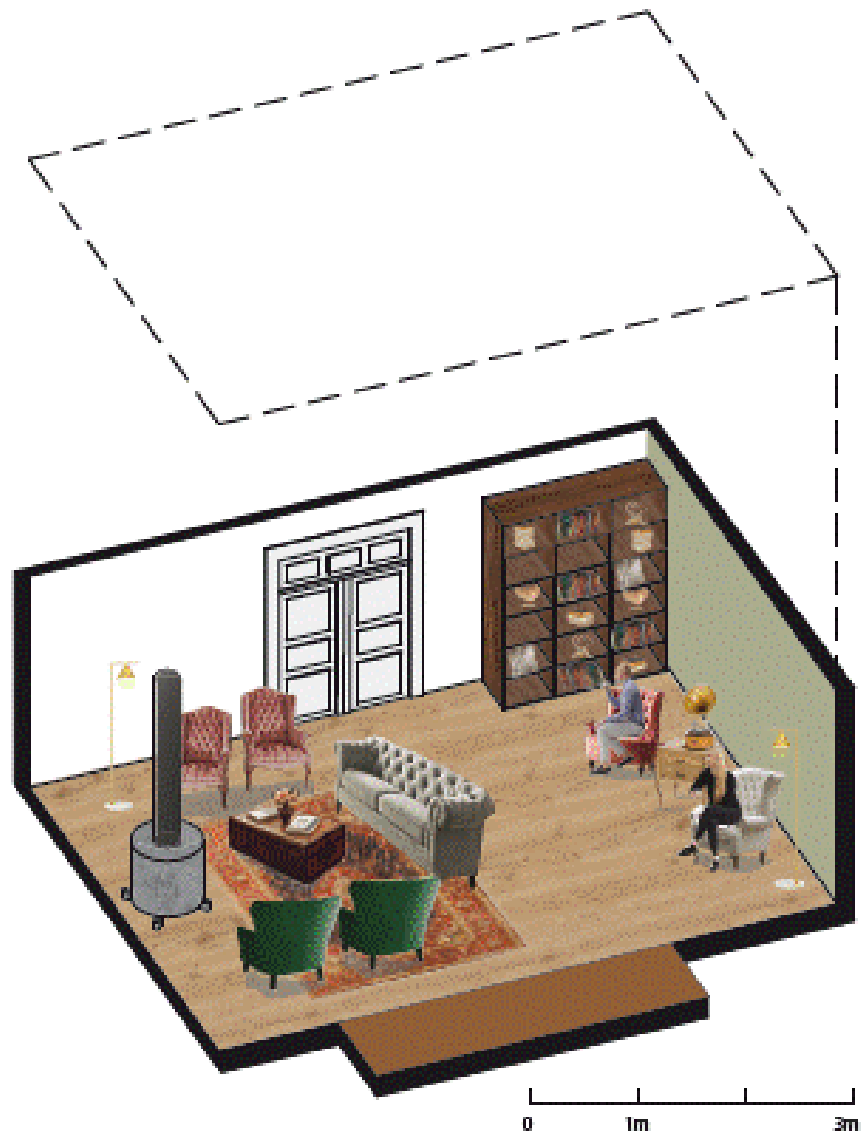


Imagem 85: Ilustração da perspectiva do espaço da sala de estar.

Mapa de mobiliário, materiais e cores





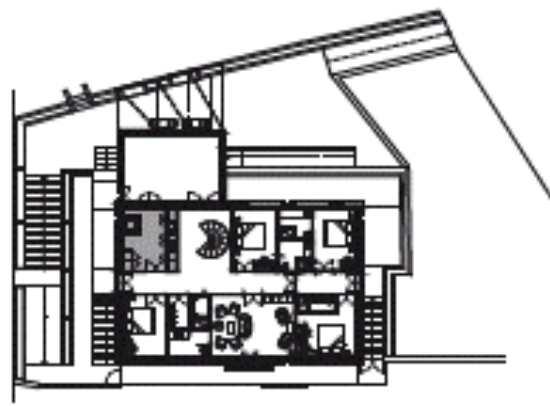
1		Pavimento Madeira carvalho
2		Cor parede CIN 23A4
3		Mesa cabeceira "Maury" da Kinda Home. Dimensões: 58x43x65cm Cor: castanho. Material: madeira.
4		Candeeiro "Captain Flint" da Flos. Designer: Michael Anastassiades Dimensões: altura 153cm Cor: dourado. Material: alumínio e base em mármore.



Imagem 86: Rendering do espaço da sala.

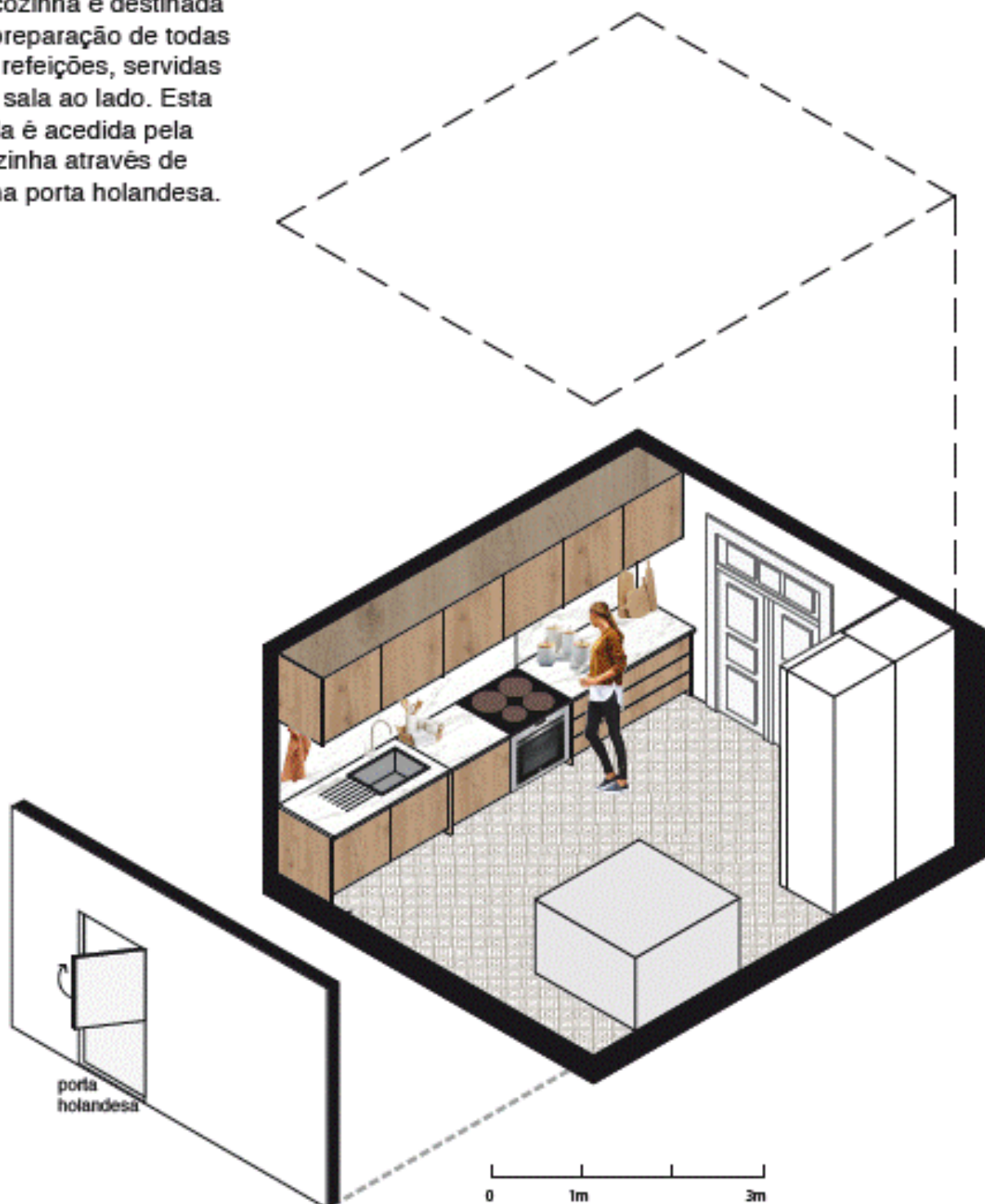
Piso 1 - Cozinha -



Planta piso 1

ESB 1/500

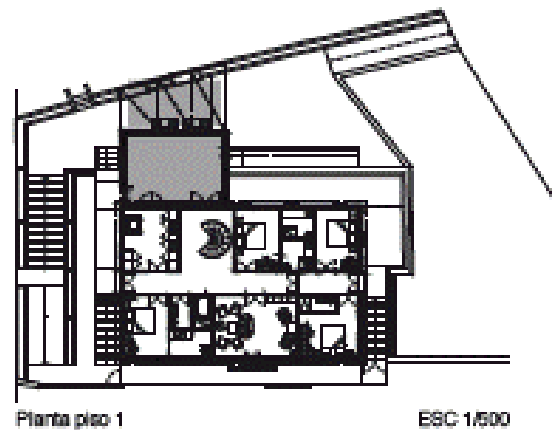
A cozinha é destinada à preparação de todas as refeições, servidas na sala ao lado. Esta sala é acedida pela cozinha através de uma porta holandesa.



Mapa de mobiliário, materiais e cores

1		Revestimento de parede e tampo da banca: Mármore de Estremoz
2		Armários madeira carvalho
3		Pavimento: Décor Classic B Graphite. Neocin Classic. Módulo 20x20cm
4		Torneira de cozinha "Brasil" da Sanitana

Piso 1
- Sala de refeições
e zona exterior -



Esta sala de refeições
é uma nova divisão
do empreendimento.
O edifício recebeu
este novo corpo.

O corpo da
Arquitectura

(Zumthor, 2006, p.22)

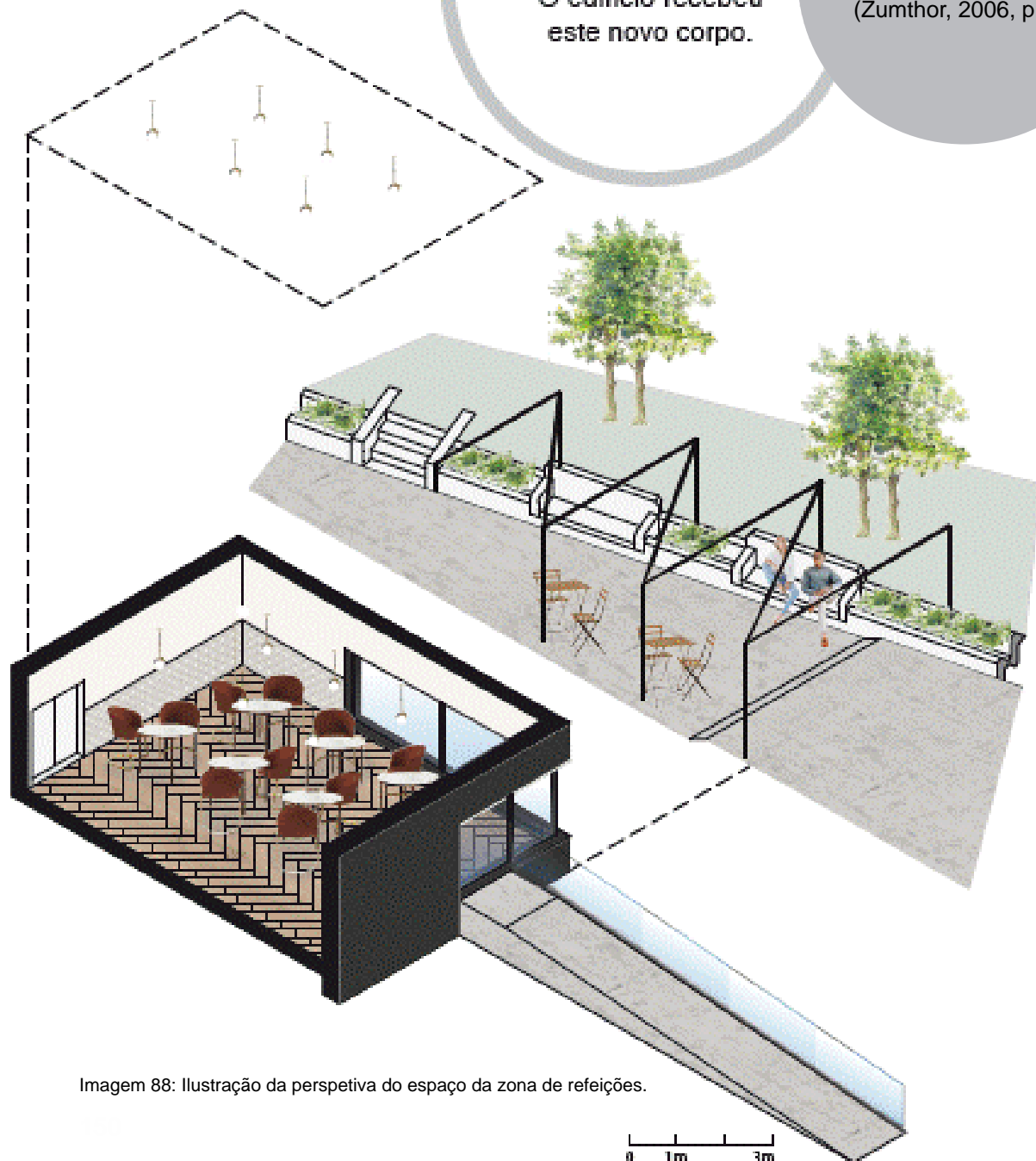


Imagem 88: Ilustração da perspectiva do espaço da zona de refeições.

Mapa de mobiliário, materiais e cores

1



Ardósia formato escama de peixe.
Cor: cinza. antracite.

2



Chão de madeira "Coolwood Honey" da Pavigrés.
Dimensão: 22,2x89,7cm.

3



Revestimento parede:
Dêcor Classic B Graphite.
Neocin Classic. Módulo 20x20cm

4



Parede pintada CIN 01W4

5



Mesa e duas cadeiras exterior "Tarno" do Ikea.
Velatura castanha e aço preto.

6



Mesa (pernas em madeira e
tampo mármore Estremoz)
Diâmetro 90cm. Altura 73cm.

Cadeira "Copa" base Cantilever.
Tecido castanho escuro / estrutura
em aço pintado a dourado.

7



Candeeiro pendente IC light S1
de Michael Anastassiades, Flos.
Material: latão

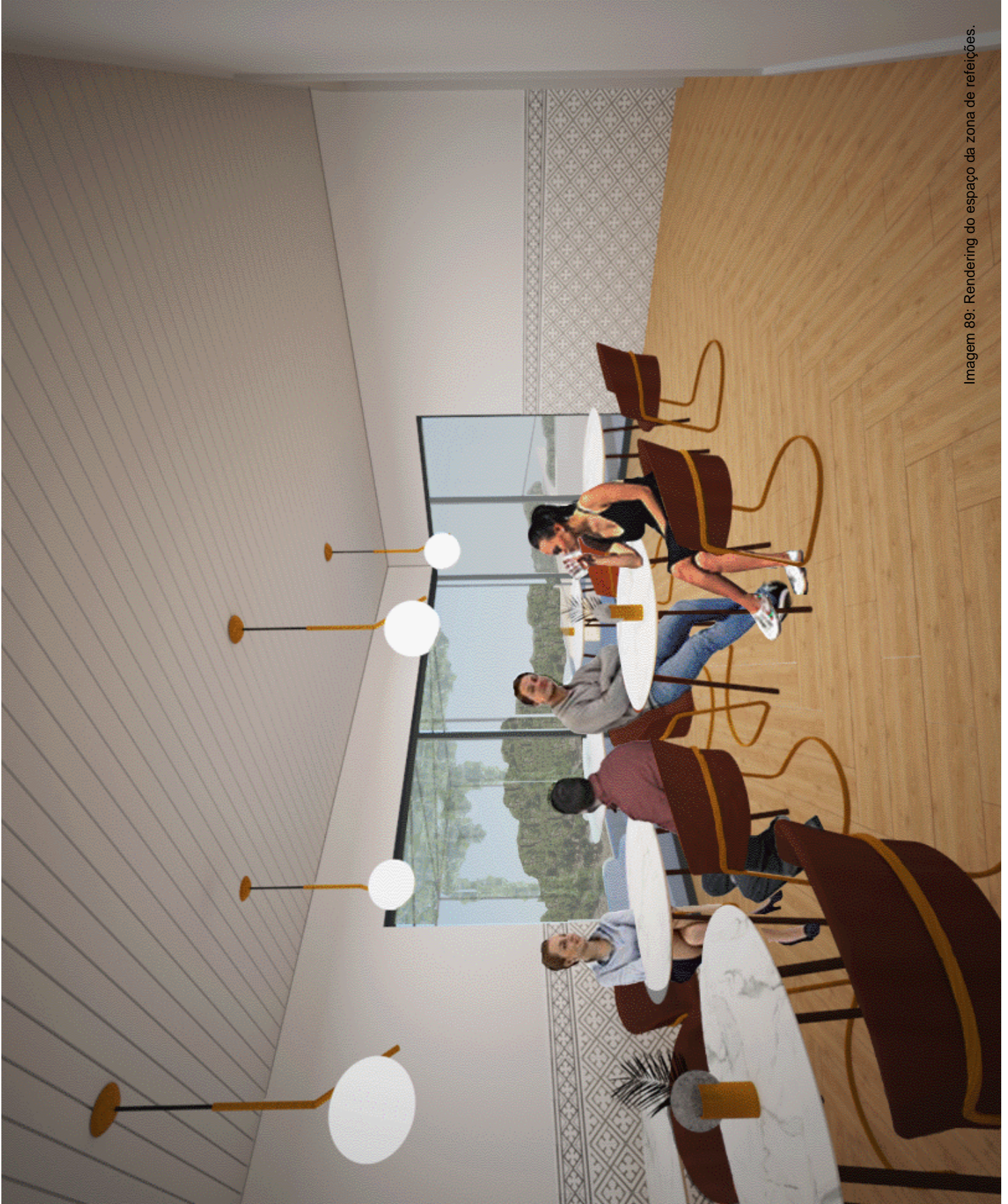
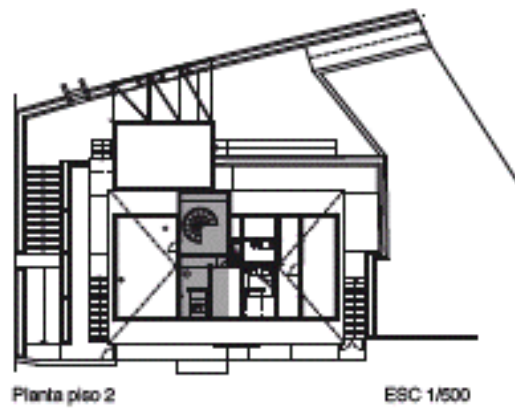


Imagem 89: Rendering do espaço da zona de refeições.

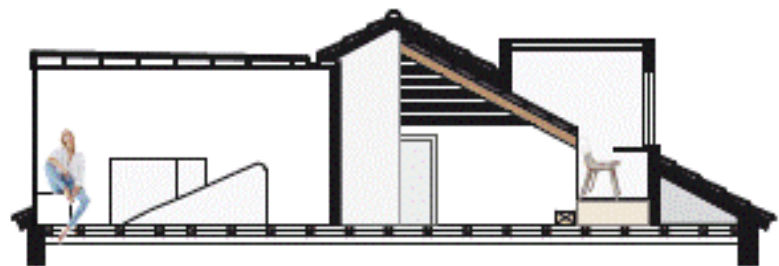
- Miradouro e mansardas -



A forma

(Zumthor, 2006, p.70)

A forma dada a este novo elemento, o miradouro, desenvolveu-se pela necessidade em aumentar a altura à chegada do piso 2.



A luz sobre as coisas

(Zumthor, 2006, p.56)

Este espaço da casa, recebe luz indireta, devido as duas mansardas presentes, com vista para o rio Douro.

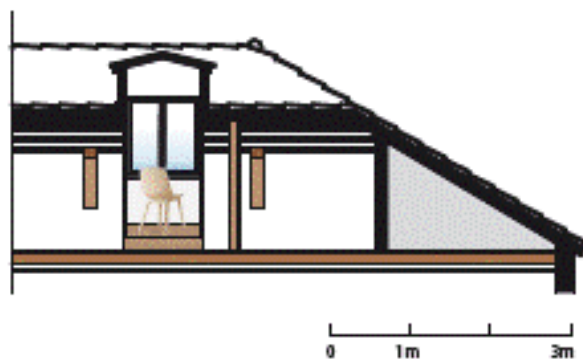


Imagem 90: Ilustrações cortes miradouro e marsarda.

Espaço envolvente

(Zumthor, 2008, p. 64)

Cada habitação
tem a sua envolvente.
Neste caso,
o empreendimento é
rodeado pelo meio rural.



Imagem 91: Imagem preexistente da envolvente da casa principal.

Serenidade e Sedução

(Zumthor, 2008, p. 4)

No piso 1, o corredor comprido e estreito, leva o hóspede a percorrê-lo até ao ponto de chegada.



Imagem 92: Imagem preexistente do corredor no piso 1.

Harmonia

(Zumthor, 2008, p. 66)

Todas as atmosferas atribuídas aos espaços, foram pensadas de modo a harmonizar a relação do hóspede com o empreendimento.

Som do espaço

(Zumthor, 2008, p. 28)

Devido à sua localização, quem habita os espaços da quinta, tem contacto direto com os sons provenientes da natureza.

Considerações finais

Adaptar a um novo programa um edifício que se encontra parcialmente ao abandono, através de uma intervenção atenta ao contexto com parcimónia no uso de recursos, significa valorizar a capacidade de transformação de um designer de interiores. Passa por ser capaz de melhorar as características da região onde este se insere, enquanto se respeita a preexistência.

Assim, o papel fundamental de um designer de interiores é afetado e moldado na realização de cada trabalho, por várias questões referentes às necessidades do cliente, ao estado de conservação, à cultura e ao local onde se encontra. Se houver uma ligação prévia entre o designer e o cliente, será mais provável que o resultado corresponda aos seus ideais e necessidades. As escolhas tomadas pelo designer são um reflexo das suas exigências, expectativas e considerações de viabilidade, levando em conta questões de praticidade e custo.

Existem formas, materiais e maneiras de viver, perceber e organizar um espaço que variam com cada pessoa. “Os materiais são as ferramentas mais importantes do designer de interiores (...). Os materiais têm relação direta com as questões de cor, luz, texturas e padrões que é preciso abordar em cada projeto”. (G. Chris & M. Love, 2017, p.154).

É-se da opinião, que nas questões dos materiais, da luz e das cores, é importante o trabalho feito pelo designer de interiores, na medida em que, com a interação entre cores e materiais, este acaba por criar atmosferas de intimismo ou frescor, e pode, inclusive, afetar a experiência sensorial.

O designer de interiores, ocupasse da última camada da arquitetura, da experiência que conecta o volume arquitetónico ao cliente, através da criação de uma atmosfera que se adapte a cada público-alvo, que é diferenciada pelas cores, texturas, materiais e mobiliário introduzido.

Bibliografia

- Albrecht, D. & Johnson, E. (2002). *New hotel for global nomads*. New York: Merrel, Cooper-Hewitt, National Design Museum;
- Amantes de Viagens (2016). *Região demarcada do douro*. Retirado em novembro, 2018 de <http://amantesdeviagens.com/conhecer-portugal/distrito-braganca/regiao-demarcada-do-douro/>;
- Anes, N. (2012). *Hotel: a importância e o valor diferenciador da arquitetura*. Dissertação de mestrado. FCTUC, Coimbra;
- Anterronde agroturismo (2019). *A Quinta de Anterronde*. Retirado em novembro, 2019 de http://www.quintadeanterronde.pt/_home.
- Aproplan (2018). *Projecto de turismo rural sustentável*. Retirado em novembro, 2018 de <https://aproplan.pt/projecto-turismo-rural-sustentavel/>;
- Archdaily (2017). *Quinta do Fortunato*. Retirado em novembro, 2019 de <https://www.archdaily.com.br/br/805206/quinta-do-fortunato-jose-luis-veloso>;
- Associação das Mulheres Agricultoras Portuguesas (2004). *Qualidade do turismo em espaço rural*. Projeto. AMAP Rural, Medida 10 do Programa AGRO;
- Ateliers Jean Nouvel (s.d.). *The hotel*. Retirado em julho, 2019 de <http://www.jeannouvel.com/en/projects/the-hotel>.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes;
- Cabral, T. (2017). *O papel do design emocional na reabilitação hoteleira*. Projeto de mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Porto;
- Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph;
- Cândido, Í., VIEIRA, Elenara Vieira. (2003). *Gestão de hotéis: técnicas, operações e serviços*. Caxias do Sul: Educs;
- Carvalho, M. (2016). *Turismo rural: tudo o que precisa saber*. Retirado em novembro, 2019 <https://www.e-konomista.pt/artigo/turismo-rural>;
- Casa de Trigueira (2019). *A Casa de Trigueira*. Retirado em novembro, 2019 de <https://www.casadatrigueira.pt/a-casa-da-trigueira/>;
- Casa da Trigueira (2018). *Casa da Trigueira*. Retirado em novembro, 2020 de <https://casadatrigueira.pt/>;
- Castelli, G. (2010). *Hospitalidade: a inovação na gestão nas organizações prestadoras de serviços*. São Paulo: Saraiva;
- Charismatic Planet (2016). *Hotel subaquático Hydropolis*. Retirado em julho, 2019 de <https://charismaticplanet.com/hydropolis-underwater-hotel-dubai/>;
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (s.d.). *Valores fundamentais do alto douro vinhateiro património mundial*. Retirado em novembro, 2018 de http://www.ccdrn.pt/sites/default/files/ficheiros_ccdrn/missaodouro/valores_adv.pdf;
- Comissão Nacional da Unesco (s.d.). *Alto Douro Vinhateiro*. Retirado em novembro, 2018

- de <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/alto-douro-vinhateiro>;
- Cordeiro, T. (2010). *Turismo em espaço rural*. Projeto de mestrado. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Cascais;
 - Correia, F. (2012-13). *Hotéis como casas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto;
 - Coutinho, A. (2012). *Reabilitação de quintas no douro - manual de boas práticas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto;
 - Decreto-Lei n.º 15/2002 de 11 março. *Diário da República n.º59/2002*. Série I-A. Ministério da Economia. Lisboa;
 - Decreto-Lei n.º 55/2004 de 14 janeiro. *Diário da República n.º11/2004*. Série I-A. Ministério da Economia. Lisboa;
 - Decreto Lei n.º 186/2015 de 03 setembro. *Diário da República n.º 172/2015*. Série I. Ministério da Economia. Lisboa;
 - Decreto-Lei n.º 937/2008 de 20 agosto. *Diário da República n.º160/2008*. Série I. Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios da Economia e da Inovação e da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas;
 - Dicionário da Língua Portuguesa (2009). *Dicionários académicos*. Acordo Ortográfico. Porto Editora, Porto.
 - Direção de serviços da agricultura, territórios e agentes rurais (2009). *Observação do Património Rural*. Retirado em novembro, 2018 de https://www.dgadr.gov.pt/images/docs/div_meiorural/i010464.pdf;
 - Direção geral de agricultura e desenvolvimento rural (s.d.). *Turismo no espaço rural*. Retirado em novembro, 2018 de <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural>;
 - Direção geral do património cultural (2018). *Alto douro vinhateiro*. Retirado em novembro, 2018 de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/alto-douro-vinhateiro/>;
 - Douro Vinhateiro (2018). *Turismo rural*. Retirado em novembro, 2018 de <http://dourovinhateiro.com/category/pontos-de-interesse/turismo-rural/>;
 - Fernandes, R. (2015). *Reabilitação sustentável de arquitetura vernácula*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa;
 - Freshome (2011). *Doze andares diferenciados por design interligados no hotel Puerta América*. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
 - Garrett, F. (2017). *O que é AirBnb?* Retirado em fevereiro de 2019 de <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2017/01/o-que-e-airbnb.html>;
 - Godinho, C. (2004). *O turismo em espaço rural (TER) em Portugal*. RT&D: Território, empresas e organizações. Nº1, Volume 1;
 - Gomes, A. (2015). *O turismo rural e o desenvolvimento da região centro*. Dissertação de mestrado. Universidade do Algarve, Algarve;
 - Gomes, S. (2017). *Design do lobby de hotel*. Dissertação de mestrado. Universidade de

Lisboa, Lisboa;

- Guia Viajar melhor (s.d.). *Hotéis oferecem experiências únicas ao redor do mundo*. Retirado em julho, 2019 de <https://www.guiaviajarmelhor.com.br/hoteis-oferecem-experiencias-unicas-ao-redor-do-mundo/>;
- Hertzberger, H. (1999). Tradução Carlos Machado. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes;
- Icehotel (s.d.). *Icehotel* (traduzido). Retirado em julho, 2019 de <https://www.icehotel.com/about-icehotel/how-it-works/>;
- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (s.d.). *Áreas protegidas*. Retirado em dezembro, 2018 de <http://www2.icnf.pt/portal/ap>;
- Instituto Nacional de Estatística, I. P. (2016). *Estatísticas do Turismo 2016*. Lisboa;
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2018). *Estatísticas do Turismo 2018*. Lisboa. Edição 2019. ISSN: 0377-2306.
- Jocelyn Silver (2018). *Dentro de uma caixa de emoção de vidro: conheça as "Box girls" do Standard* (traduzido). Retirado em julho, 2019 de <http://www.papermag.com/the-standard-hollywood-box-girls-2547465361.html>;
- Lary-Bonvin, J. (2003). *Hospitalitynet. Hotels: a brief history*. Retirado em janeiro, 2019 de <https://www.hospitalitynet.org/opinion/4017990.html>;
- Marcel Vincenti (2018). *Roteiros de luxo*. Retirado em julho 2019, de <https://viagem.uol.com.br/noticias/2018/11/02/veja-servicos-exclusivos-incriveis-que-hoteis-oferecem-para-seus-hospedes.htm>;
- Martins, C. (2012). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Dissertação de mestrado. Universidade da Beira Interior, Covilhã;
- Martins, N. (2010). *Reabilitação de edifícios para turismo rural*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto;
- Museu do Douro (s.d.). *Região Demarcada do Douro*. Retirado em novembro, 2018 de <http://www.museudodouro.pt/regiao-demarcada-do-douro>;
- Natura Vive (s.d.). *Skylodge adventure suítes*. Retirado em dezembro, 2019 de <https://naturavive.com/web/skylodge-adventure-suites/>;
- Oliveira, C. (2016). *Vila Calma, turismo em espaço rural, S. Brás de Alportel*. Dissertação de mestrado. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa;
- Oliveira, S. (2010). *A gastronomia e o vinho como fatores potenciadores de turismo*. Investigação de doutoramento. Universidade de Extremadura, Badajoz, Espanha;
- Palma, A. (2014). *Turismo em espaço rural no centro de Portugal*. Relatório de mestrado. Instituto politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo;
- Pedras Salgadas. Spa&Nature park (s.d.). *Tree Houses – casas da árvore*. Retirado em julho, 2019 de <https://www.pedrassalgadapark.com/pt/alojamento/tree-houses>;
- Quinta Santo António (2011). *Agroturismo*. Retirado em novembro, 2018 de <https://www.quintasantoantonio.pt/agroturismo/>;
- Revisores Auditores (s.d.). *Douro património da humanidade*. Retirado em novembro, 2018 de <http://www.oroc.pt/fotos/editor2/Revista/53/Lazer.pdf>;

- Riewoldt, O. (2002). *Novo Design de Hotéis*. Madrid: Polígono Industrial Santa Ana;
- Santos, A. (2016). *Hotelaria e a sua história*. Retirado em fevereiro de 2019 de <https://www.linkedin.com/pulse/hotelaria-sua-historia-e-detalhes-entre-hospitalidade-santos>;
- Saraiva, A. (2016). *Montenegro - Hotel Rural - Uma proposta de requalificação de uma unidade hoteleira*. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Cascais;
- Sobral, K. (2014). *Habitar a paisagem: análise, conceitos e soluções*. Relatório de mestrado. Universidade Católica Portuguesa, Beira;
- Standardhotels (2015). *Dentro da caixa: poetisa Jacqueline Suskin* (traduzido). Retirado em julho, 2019 de <https://stnd-2015-prod.herokuapp.com/culture/Poet-Jacqueline-Suskin-The-Box-Hollywood-Poem-Store>;
- Teixeira, E. (2018). *Do não lugar à experiência*. Relatório de mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Porto;
- Viagem (2019). *Hotel inusitado: já pensou em ficar hospedado dentro de um barril de vinho?* Retirado em julho, 2019 de <https://viagem.uol.com.br/noticias/2019/06/17/hotel-inusitado-ja-pensou-em-ficar-hospedado-dentro-de-um-barril-de-vinho.htm?foto=1>;
- Walker, John R. (2002). *Introdução à hospitalidade*. Tradução: Élcio de Gusmão Verçosa Filho. Barueri: Manole;
- Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Lista de Imagens

- **Imagem 1:** Pessoas hospedadas numa caverna. Jan Steen (1660). Local desconhecido. Retirado em novembro, 2019 de <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/como-faziamos-sem-hoteis-historia-medieval-mundo-civilizacoes.phtml>;
- **Imagem 2:** Os mochileiros do século XVII. Autor desconhecido (século XVII). Retirado em fevereiro, 2019 de <http://www.nextdoorpublishers.com/2016/10/el-grand-tour-viajar-para-conocer-mundo-viajar-para-conocerse-a-uno-mismo/>;
- **Imagem 3:** Exterior Tremont House. “Tremont House”. Isaiah Rogers (1829). Boston. Retirado em fevereiro, 2019 de [https://en.wikipedia.org/wiki/Tremont_House_\(Boston\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Tremont_House_(Boston));
- **Imagem 4:** Interior Tremont House. “Tremont House”. Isaiah Rogers (1829). Boston. Retirado em fevereiro, 2019 de [https://en.wikipedia.org/wiki/Tremont_House_\(Boston\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Tremont_House_(Boston));
- **Imagem 5:** Exterior Le Grand Hotel. “Le Grand Hotel”. Alfred Armand (1862). Paris. Retirado em fevereiro, 2019 de <http://vergue.com/post/289/Le-Grand-Hotel-Paris>;
- **Imagem 6:** Exterior do hotel. “Hotel Palace La Mamounia”. Al Mamoun (1923). Marrocos. Retirado em fevereiro, 2019 de https://www.google.com/search?q=La+Mamounia+marrakech&rlz=1C1GCEA_enPT764PT764&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwikld_ei6rgAhVq5OAKHXkmANoQ_AUIDigB&biw=2048&bih=1038#imgrc=DDI6mnHT7ZDr4M;
- **Imagem 7:** Interior do hotel. “Hotel Palace La Mamounia”. Al Mamoun (1923). Marrocos. Retirado em fevereiro, 2019 de https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEA_enPT764PT764&biw=1229&bih=539&tbn=isch&sa=1&ei=jPFtXM_FAZacjLsPn_guA-M&q=hotel+palace+la+mamounia&oq=hotel+palace+la+mamounia&gs_l=img.3...224917.228877..228945...0.0..0.117.2315.14j9.....1....1..gws-wizimg.....0j0i67j0i30j0i8i30j0i19j0i30i19j0i8i30i19.dbAyxX4W0OQ#imgrc=1Lqa12zJLDUPkM;
- **Imagem 8:** Primeiro motel. “Milestone Motel”. Autor desconhecido (1950). Califórnia. Retirado em fevereiro, 2019 de https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEA_enPT764PT764&tbn=isch&q=Milestone+Motel+1950+california&spell=1&sa=X&ved=0ahUKEwio9b6g-83gAhUHvxokHT0FB3UQBQg2KAA&biw=1229&bih=578&dpr=1.56;
- **Imagem 9:** Exterior do hotel. “Jumeirah Beach Hotels”. Atkins (1997). Dubai. Retirado em fevereiro, 2019 de https://www.google.com/search?q=Jumeirah+Beach+Hotels&rlz=1C1GCEA_enPT764PT764&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjhiprknq-jgAhUU4OAKHbZTDHcQ_AUIDigB&biw=1229&bih=576#imgrc=OtFXIY2Uz4wu6M;
- **Imagem 10:** Interior de um quarto do hotel. “Jumeirah Beach Hotels”. Atkins (1997). Dubai. Retirado em fevereiro, 2019 de https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEA_enPT764PT764&biw=1229&bih=539&tbn=isch&sa=1&ei=0_JtXInKLpCuUrTsrOgK&q=jumeirah+beach+hotel+inside+room&oq=jumeirah+beach+hotel+inside+room&gs_l=img.3...8685.10670..10808...0.0..0.103.486.4j1.....1....1..gws-wizimg.....0i30.mbHUBnvS-fYg#imgrc=F0sf5Q52umu9sM;
- **Imagem 11:** Pousada. “Pousada de Ofir”. A.d. (s.d.). Esposende. Retirado em fevereiro, 2020 de <https://pousadasjuventude.pt/pt/pousadas/ofir/>;

- **Imagem 12:** Aldeamento turístico. “Casas da Comporta”. A.d. (s.d.). Alcácer do Sal. Retirado em fevereiro, 2020 de <http://www.casasdacomporta.net/o-aldeamento>;
- **Imagem 13:** Apartamento turístico. “Domum”. A.d. (s.d.). Porto. Retirado em fevereiro, 2020 de <https://www.domum-pt.com/edificios/d1-apartamento-turistico-t1-groundfloor>;
- **Imagem 14:** Resort. “Douro Cister Hotel Resort”. A.d. (s.d.). Ucanha. Retirado em fevereiro, 2020 de https://www.booking.com/hotel/pt/douro-cister-resort.pt-pt.html?aid=318615;label=New_Portuguese_PT_PT_21463006945-kV8Nx7dkKuzD49NQEhC-9BAS217290528886%3Apl%3Aata%3Ap1%3Ap2%3Aac%3Aap%3Aneg;sid=e2acd99bbe-aa5906075e49e71d157f7c;
- **Imagem 15:** Turismo de habitação. “Casa do Outeiro”. A.d. (século XVIII). Arcozelo. Retirado em fevereiro, 2020 de <https://www.visitepontedelima.pt/pt/turismo/casa-do-outeiro>;
- **Imagem 16:** Casa de campo. “Riba Rio”. A.d. (s.d.). Viana do Castelo. Retirado em fevereiro, 2020 de <https://casasdeportugalproperties.com/imoveis/casas-de-campo-riba-rio-turismo-em-espaco-rural>;
- **Imagem 17:** Parque de campismo e caravanismo. “Parque Cerdeira”. A.d. (s.d.). Gerês. Retirado em fevereiro, 2020 de https://www.tripadvisor.pt/Hotel_Review-g1514529-d2516745-Reviews-Parque_Cerdeira-Geres_Braga_District_Northern_Portugal.html;
- **Imagem 18:** Piso -1 do hotel, o parque de estacionamento. “Silken Puerta América”. Teresa Sapey (2005). Espanha. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
- **Imagem 19:** Piso 0 do hotel, receção e sala de reuniões. “Silken Puerta América”. John Pawson (2005). Espanha. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
- **Imagem 20:** Piso 1 do hotel, quarto como espaço fluído. “Silken Puerta América”. Zaha Hadid (2005). Espanha. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
- **Imagem 21:** Piso 2 do hotel, quarto elegante. “Silken Puerta América”. Norman Foster (2005). Espanha. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
- **Imagem 22:** Piso 3 do hotel, quarto intimista. “Silken Puerta América”. David Chipperfield (2005). Espanha. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
- **Imagem 23:** Piso 4 do hotel, quarto geométrico. “Silken Puerta América”. Plasma Studio (2005). Espanha. Retirado em julho, 2019 de: <https://freshome.com/2011/11/08/12-design-differentiated-floors-linked-together-in-hotel-puerta-america/>;
- **Imagem 24:** Fachada, visão sobre as imagens dos tetos. “The hotel”. Jean Nouvel (2000) Suíça. Retirado do livro Novo Design de Hotéis. Madrid: Polígono Industrial Santa Ana, página 13;
- **Imagem 25:** Interior do quarto. Riewoldt, O. (2002). Retirado do livro Novo Design de Hotéis. Madrid: Polígono Industrial Santa Ana, página 13;
- **Imagem 26:** Receção com performance. “The Standard hotel”. Hausmann (1999). Los An-

gels. Retirado do livro Novo Design Hotéis. Madrid: Polígono Industrial Santa Ana, página39;

- **Imagem 27:** Performance por Jacqueline Suskin. “The Standard hotel”. Hausmann (1999). Los Angeles. Retirado em julho, 2019 de <https://stnd-2015-prod.herokuapp.com/culture/Poet-Jacqueline-Suskin-The-Box-Hollywood-Poem-Store>;

- **Imagem 28:** Exterior da cápsula. “Slylodge Adventure Suítes”. Autor desconhecido (2013). Perú. Retirado em dezembro, 2019 de <https://naturavive.com/web/skylodge-adventure-suítes/>;

- **Imagem 29:** Interior da cápsula. “Slylodge Adventure Suítes”. Autor desconhecido (2013). Perú. Retirado em dezembro, 2019 de <https://naturavive.com/web/skylodge-adventure-suítes/>;

- **Imagem 30:** Exterior do hotel. “Hydropolis Underwater Hotel”. Joachim Hauser & Roland Dieterle (2010) Dubai. Retirado em julho, 2019 de <https://charismaticplanet.com/hydropolis-underwater-hotel-dubai/>;

- **Imagem 31:** Um dos quartos do hotel. “Hydropolis Underwater Hotel”. Joachim Hauser & Roland Dieterle (2010). Dubai. Retirado em julho, 2019 de <https://charismaticplanet.com/hydropolis-underwater-hotel-dubai/>;

- **Imagem 32:** “Art Suíte 365” – Dreamscape, cama do quarto. “Icehotel”. Alex Haw & Aditya Bhatt (s.d.). Suécia. Retirado em julho, 2019 de <https://www.icehotel.com/about-icehotel/how-it-works/>;

- **Imagem 33:** “Art Suíte 365” – Dreamscape, escadaria do quarto. “Icehotel”. Alex Haw & Aditya Bhatt (s.d.). Suécia. Retirado em julho, 2019 de <https://www.icehotel.com/about-icehotel/how-it-works/>;

- **Imagem 34:** Icebar, interior do bar em gelo. “Icehotel”. Jens Thoms Ivarsson, Elin Julin, Kalle Ekertoth & Hakan Jutblad (s.d.). Suécia. Retirado em julho, 2019 de <https://www.icehotel.com/about-icehotel/how-it-works/>;

- **Imagem 35:** Exterior dos iglus. “Kakslauttanen Arctic Resort”. A.d. (s.d.). Finlândia. Retirado em julho, 2019 de <https://www.guiaviajarmelhor.com.br/hoteis-oferecem-experiências-unicas-ao-redor-do-mundo/>;

- **Imagem 36:** Interior de um dos iglus. “Kakslauttanen Arctic Resort”. A.d. (s.d.). Finlândia. Retirado em julho, 2019 de <https://www.guiaviajarmelhor.com.br/hoteis-oferecem-experiências-unicas-ao-redor-do-mundo/>;

- **Imagem 37:** Casa na árvore. “Pedras Salgadas. Spa&Nature park”. A.d. (s.d.). Bornes de Aguiar. Retirado em julho, 2019 de <https://www.pedrassalgadaspark.com/pt/alojamento/tree-houses>;

- **Imagem 38:** Oportunidade de almoçar com uma girafa. “Giraffe Manor”. A.d. (1930). Quênia. Retirada em julho, 2019 de <https://viagem.uol.com.br/noticias/2018/11/02/veja-servicos-exclusivos-incriveis-que-hoteis-oferecem-para-seus-hóspedes.html>;

- **Imagem 39:** Os hóspedes dormem entre as montanhas. “Zero Real Estate”. A.d. (s.d.). Suíça. Retirado em julho, 2019 de <https://uncrate.com/zero-real-estate>;

- **Imagem 40:** Exterior das habitações em forma de barril. “The Wine House Hotel”, A.d. (2009). Lamego. Retirado em julho, 2019 de <https://www.tafixe.com/em-portugal-podes-pas>

sar-a-noite-numa-pipa-e-beber-vinho-todo-o-dia/;

- **Imagem 41:** Interior das habitações. “The Wine House Hotel”. A.d. (2009). Lamego. Retirado em julho, 2019 de <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/escapar/2018-10-25-No-The-Wine-House-da-Quinta-da-Pacheca-em-Lamego-dorme-se-dentro-de-pipas/>;

- **Imagem 42:** Quadro de dados de números de estabelecimentos. Instituto Nacional de Estatística (2018). Retirado em dezembro, 2019 de Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2018). Estatísticas do Turismo 2018. Lisboa. Edição 2019. ISSN: 0377-2306;

- **Imagem 43:** Quadro de dados de números de quartos. Instituto Nacional de Estatística (2018). Retirado em dezembro, 2019 de Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2018). Estatísticas do Turismo 2018. Lisboa. Edição 2019. ISSN: 0377-2306;

- **Imagem 44:** Quadro de dados de capacidade (camas). Instituto Nacional de Estatística (2018). Retirado em dezembro, 2019 de Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2018). Estatísticas do Turismo 2018. Lisboa. Edição 2019. ISSN: 0377-2306;

- **Imagem 45:** Quadro de dados de estada média. Instituto Nacional de Estatística (2018). Retirado em dezembro, 2019 de Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2018). Estatísticas do Turismo 2018. Lisboa. Edição 2019. ISSN: 0377-2306;

- **Imagem 46:** Conjunto de imagens do antes e depois. Casa da Trigueira. Reabilitação Arquitecto Eugénio de Sousa (2014). Santa Eugénia. Retirado em fevereiro, 2020 de <https://www.casadatrigueira.pt/>;

- **Imagem 47:** Conjunto de imagens da atualidade. Quinta do Fortunato. Reabilitação Arquitecto José Luís Veloso (2015). Meixedo. Retirado em novembro, 2019 de <http://www.quintadofortunato.pt/quinta/index.html>;

- **Imagem 48:** Conjunto de imagens da atualidade. A Quinta de Anterronde. Reabilitação Arquitecto Nuno Noronha (2014). Arouca. Retirado em novembro, 2019 de http://www.quintadeanterronde.pt/_home;

- **Imagem 49:** Mapa de Portugal. Localização do distrito de Viseu. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 50:** Localização da quinta do Bernardo. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 51:** Levantamento topográfico do local. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 52:** Conjunto de fotografias da preexistência. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 53:** Plantas da distribuição esquemática dos espaços da preexistência. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 54:** Conjunto de imagens de referência para o projeto. Renata Laranjeira (2020);

- **Imagem 55:** Conjunto de imagens de caracterização do público-alvo. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 56:** Plantas da distribuição esquemática dos espaços. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 57:** Conjunto de imagens da maquete virtual _ vista frente. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 58:** Conjunto de imagens da maquete virtual _ vista trás. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 59:** Perspetiva explodida dos pisos da casa principal. Renata Laranjeira (2019);

- **Imagem 60:** Ilustração planta do piso 0. Renata Laranjeira (2020);

- **Imagem 61:** Ilustração planta do piso 1. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 62:** Ilustração planta do piso 2. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 63:** Ilustração cobertura. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 64:** Ilustração Alçado Oeste. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 65:** Ilustração Alçado Norte. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 66:** Ilustração Alçado Este. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 67:** Ilustração Alçado Sul. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 68:** Rendering Alçado Oeste. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 69:** Rendering Alçado Este. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 70:** Ilustração da perspetiva do piso 0. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 71:** Ilustração da perspetiva do piso 1. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 72:** Ilustração da perspetiva do piso 2. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 73:** Ilustração da perspetiva da cobertura. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 74:** Ilustração da perspetiva do espaço da receção. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 75:** Rendering espaço da receção. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 76:** Ilustração da perspetiva do espaço da sala de estar. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 77:** Rendering espaço do elevador. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 78:** Rendering espaço da sala de estar. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 79:** Ilustração da perspetiva do espaço casa de banho. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 80:** Ilustração da perspetiva do espaço do quarto. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 81:** Rendering espaço do quarto. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 82:** Rendering espaço do jacuzzi. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 83:** Ilustração da perspetiva do espaço do quarto e casa de banho. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 84:** Rendering espaço do quarto. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 85:** Ilustração da perspetiva do espaço da sala de estar. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 86:** Rendering do espaço da sala. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 87:** Ilustração da perspetiva do espaço da cozinha. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 88:** Ilustração da perspetiva do espaço da zona de refeições. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 89:** Rendering do espaço da zona de refeições. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 90:** Ilustrações cortes miradouro e mansardas. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 91:** Imagem preexistente da envolvente da casa principal. Renata Laranjeira (2020);
- **Imagem 92:** Imagem preexistente do corredor no piso 1. Renata Laranjeira (2020).



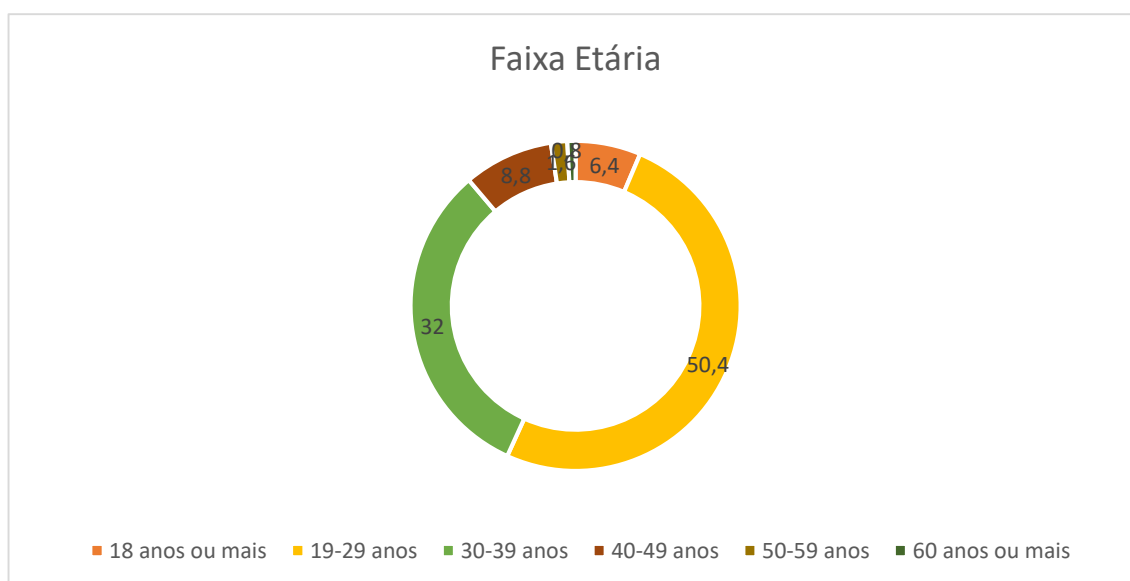
ANEXOS

Relatório do questionário

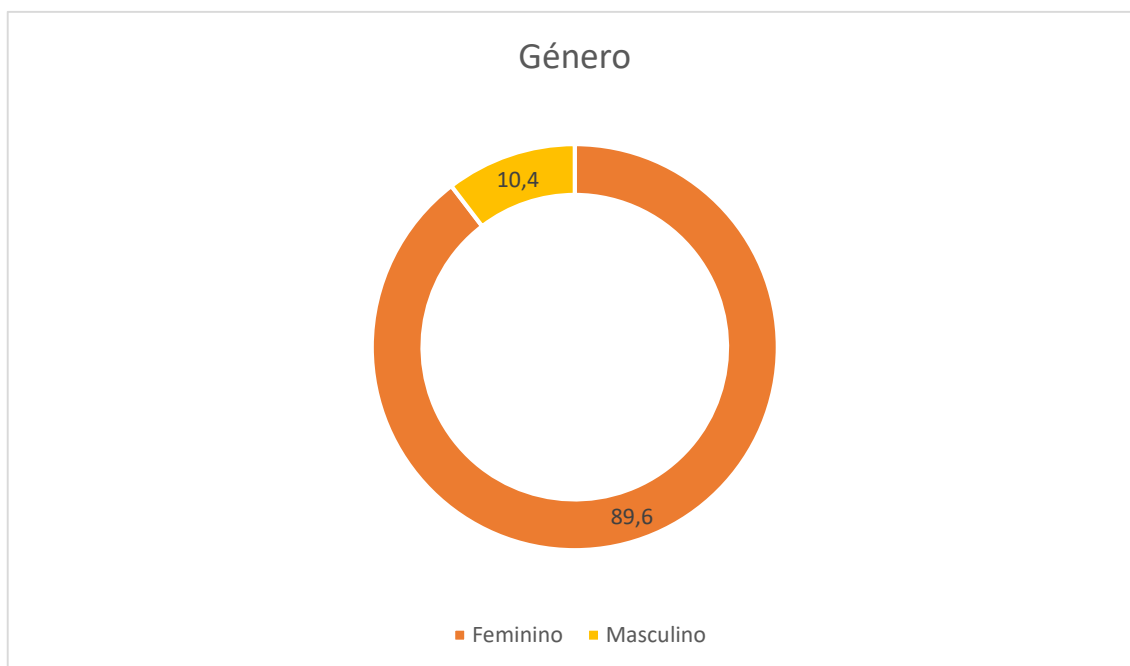
Título: Reabilitação de uma propriedade agrícola adaptando-a ao turismo rural.

O presente questionário foi realizado no âmbito do Mestrado em Design de Interiores e foi feito a fim de ajudar na elaboração do projeto de tese. Este projeto consiste na reabilitação e adaptação de uma quinta familiar vitivinícola ao Turismo no Espaço Rural, mais propriamente Agroturismo.

Com este questionário, foram obtidas 125 respostas, que serviram de base para o desenvolvimento deste projeto pois tiraram-se diversas conclusões **pertinentes**.



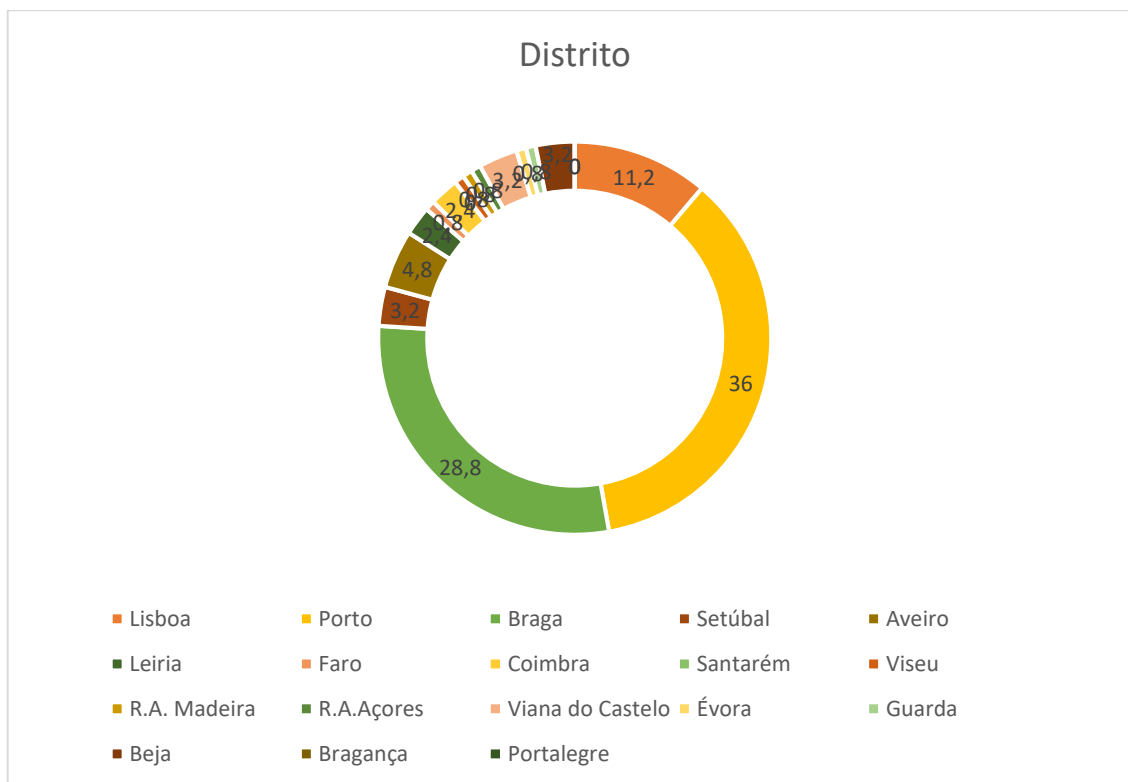
Quanto à faixa etária dos indivíduos que responderam a este questionário, **concluiu-se** que a maior percentagem a responder foram indivíduos entre os 19-29 anos com 50,4%. Seguiram-se os indivíduos com 30-39 anos com 32%, de seguida de 40-49 anos 8,8%, 18 anos ou mais cerca de 6,4%, de 50-59 anos 1,6% e por último a menor percentagem é de 0,8 para os indivíduos com 60 anos ou mais.



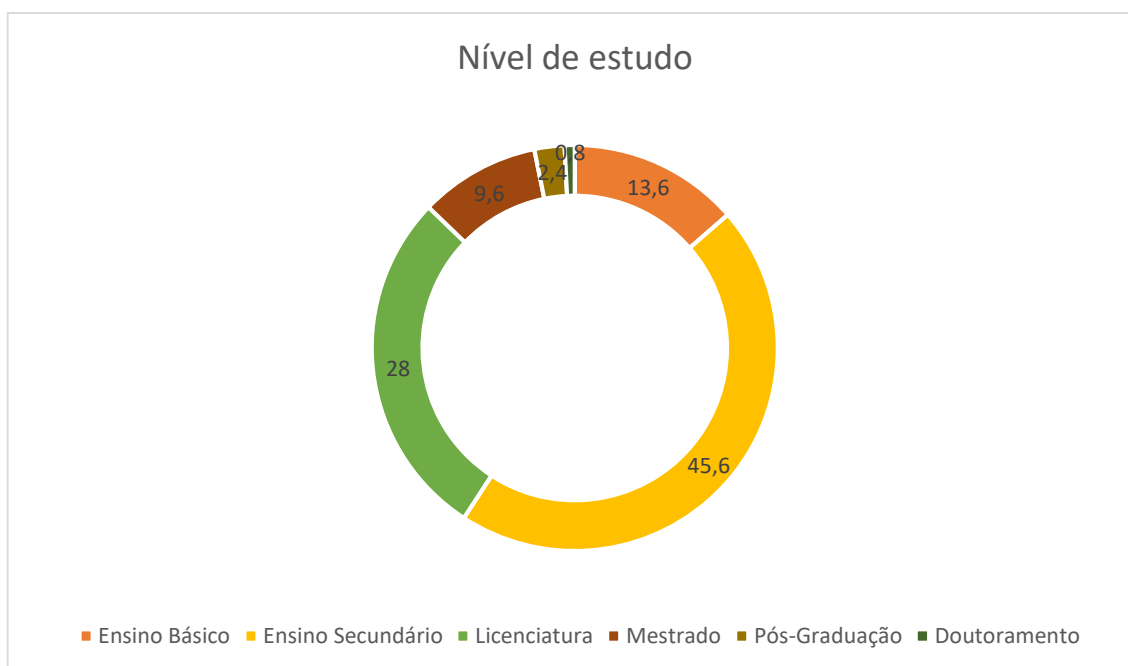
Em relação ao género de pessoas que responderam a este questionário, conclui-se que mais de metade são do sexo feminino, 89,6%, e o resto da percentagem masculino, 10,4%.



Relativamente à nacionalidade dos indivíduos quase 100% é portuguesa. Apenas 0,8 da percentagem é de nacionalidade Sueca, ou seja, apenas uma pessoa.



Quanto ao distrito, as respostas foram bastantes díspares. A maior percentagem foi o distrito do Porto, com uma percentagem de 36%. De seguida Braga com 28,8%, Lisboa 11,2%, Aveiro 4,8%, Beja, Viana do Castelo e Setúbal com 3,2%, Leiria e Coimbra com 2,4%, R.A. Madeira, Faro, R.A. Açores, Évora, Viseu e Guarda com 0,8%, Bragança e Portalegre e Santarém não se obteve nenhuma resposta. Note-se que Viseu, com 0,8% de respostas, ou seja, apenas uma pessoa de Viseu respondeu, é o distrito onde está localizado o objeto de estudo deste projeto, a Quinta do Bernardo.

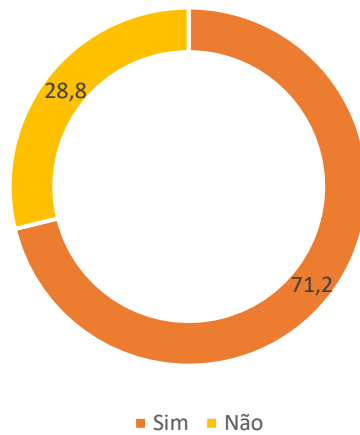


O nível de estudo das pessoas que responderam ao questionário com maior percentagem é o Ensino Secundário, com 45,6%. De seguida Licenciatura 28%, Ensino Básico 13,6%, Mestrado 9,6%, Pós-Graduação 2,4 e apenas 0,8% tem Doutoramento.



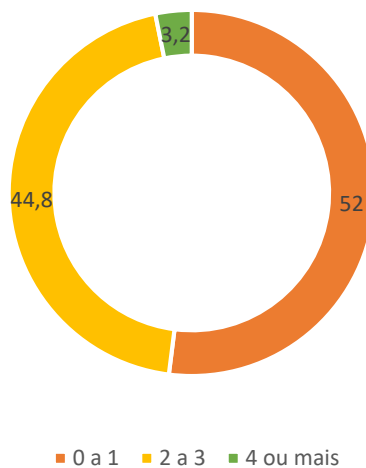
A profissão das pessoas que responderam, que obteve maior percentagem foram trabalhadores por conta de outrem: 54,4%. De seguida trabalhadores por conta de própria e estudantes com 14,4%, com 9,6 pessoas desempregadas e reformadas, e por último, com menor percentagem, cerca de 7,2 pessoas trabalhadores/estudantes.

Tem por hábito realizar mini férias (1 a 7 noites fora de casa)?



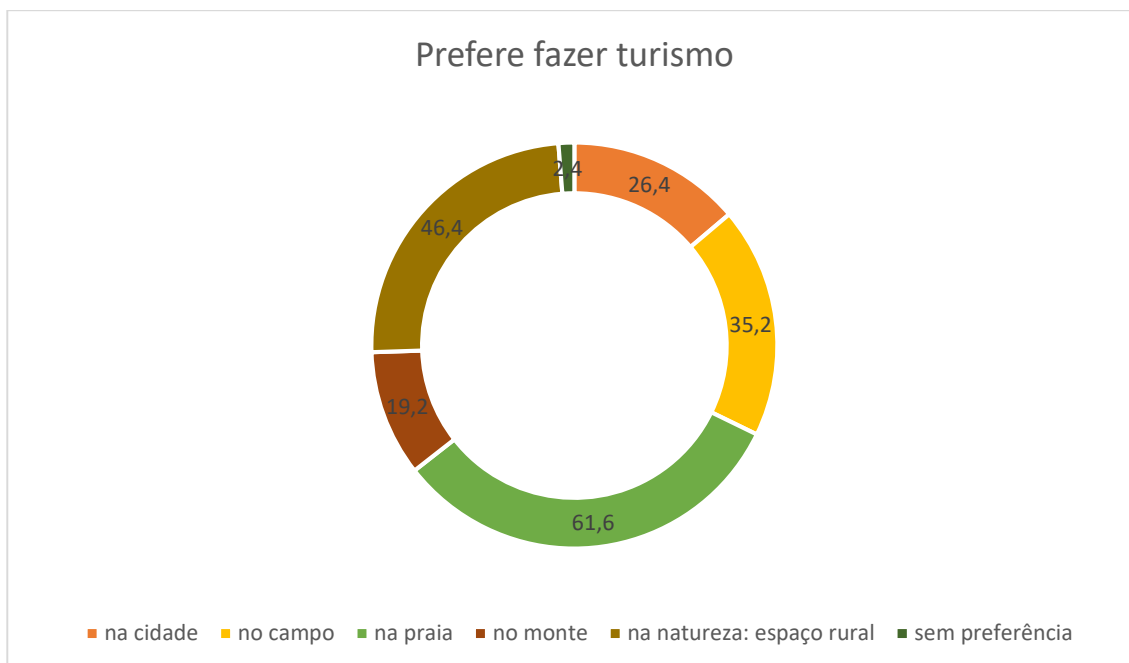
Quanto ao hábito de realizar mini férias fora de casa, mais de metade das pessoas, 71,2% passa 1 a 7 noites fora de casa, ao contrário das restantes 28,8%.

Quantas vezes no ano realiza mini férias (1 a 7 noites) ou férias (mais de 7 noites)?



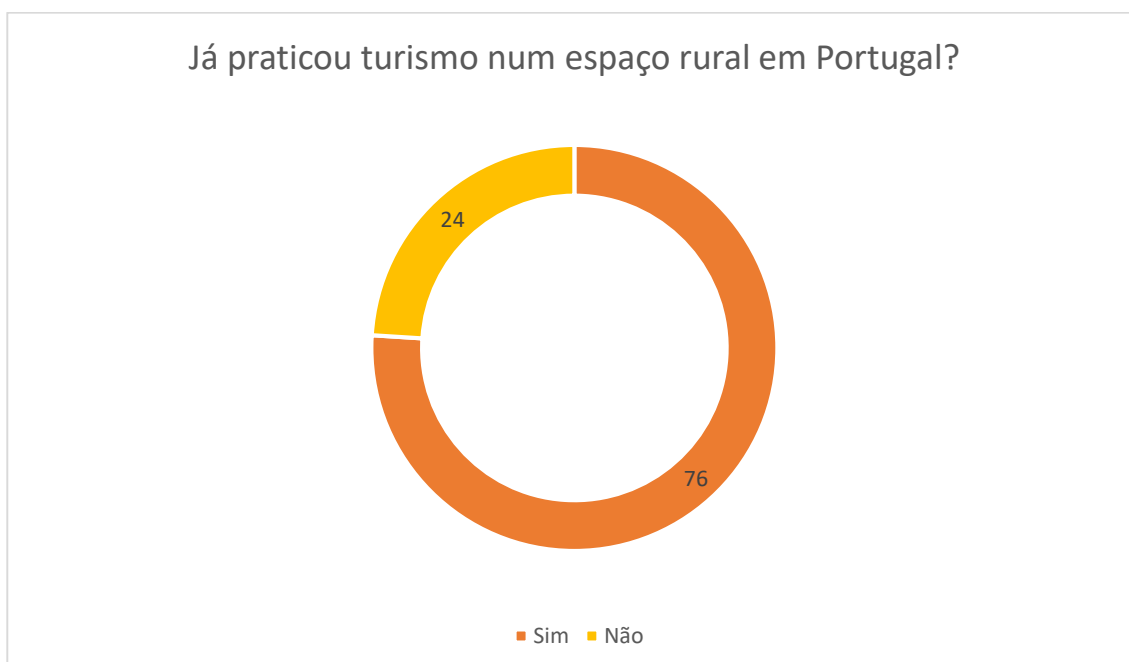
Com este gráfico, concluiu-se que 52% dos indivíduos realiza 0 ou 1 vez mini férias ou férias no ano, 44,8% realiza 2 a 3 vezes no ano e em menor percentagem 4 ou mais vezes, 3,2%.

Prefere fazer turismo



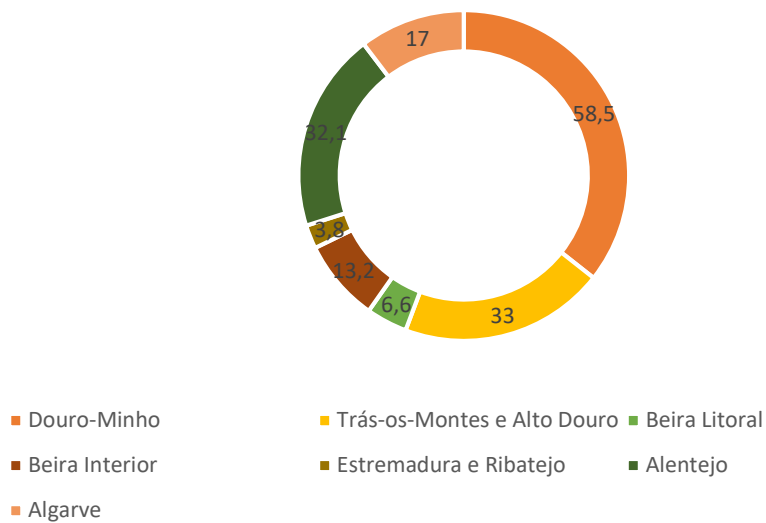
Quanto a preferência das pessoas que responderam, mais de metade destas prefere fazer turismo na praia, 61,6%. Logo em seguida preferem a natureza: o espaço rural, 46,4%. Segue-se a referência pelo campo 35,2%, pela cidade 26,4%, pelo monte 19,2 e por último 2,4% dos indivíduos não tem qualquer preferência. Conclui-se que grande parte das pessoas (46,4%) tem preferência por eleger um sítio num espaço rural. Este facto é bastante motivador pois no caso deste projeto de tese, o objetivo foi transformar o objeto de estudo e adaptá-lo ao turismo rural.

Já praticou turismo num espaço rural em Portugal?



Dos indivíduos questionados constatou-se que 76% já praticou turismo num espaço rural, ao contrário dos restantes 24%.

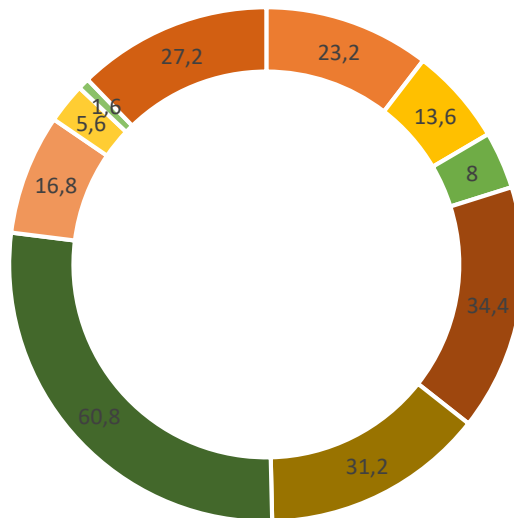
Se sim, em que região do país?



Com este gráfico constatou-se que a maior parte das pessoas que fazem turismo é na região do Douro-Minho, 58,5%. Em seguida é em Trás-os-Montes e Alto Douro 33%, Alentejo 32,1%, Algarve 17%, Beira Interior 13,2%, Beira Litoral 6,6% e por último a região de Estremadura e Ribatejo com menor percentagem 3,8.

O local do empreendimento de turismo do projeto de tese é no Alto Douro. Posto isto, estes são dados favoráveis, pois 33% das pessoas que responderam ao questionário, já fizeram turismo nesta zona.

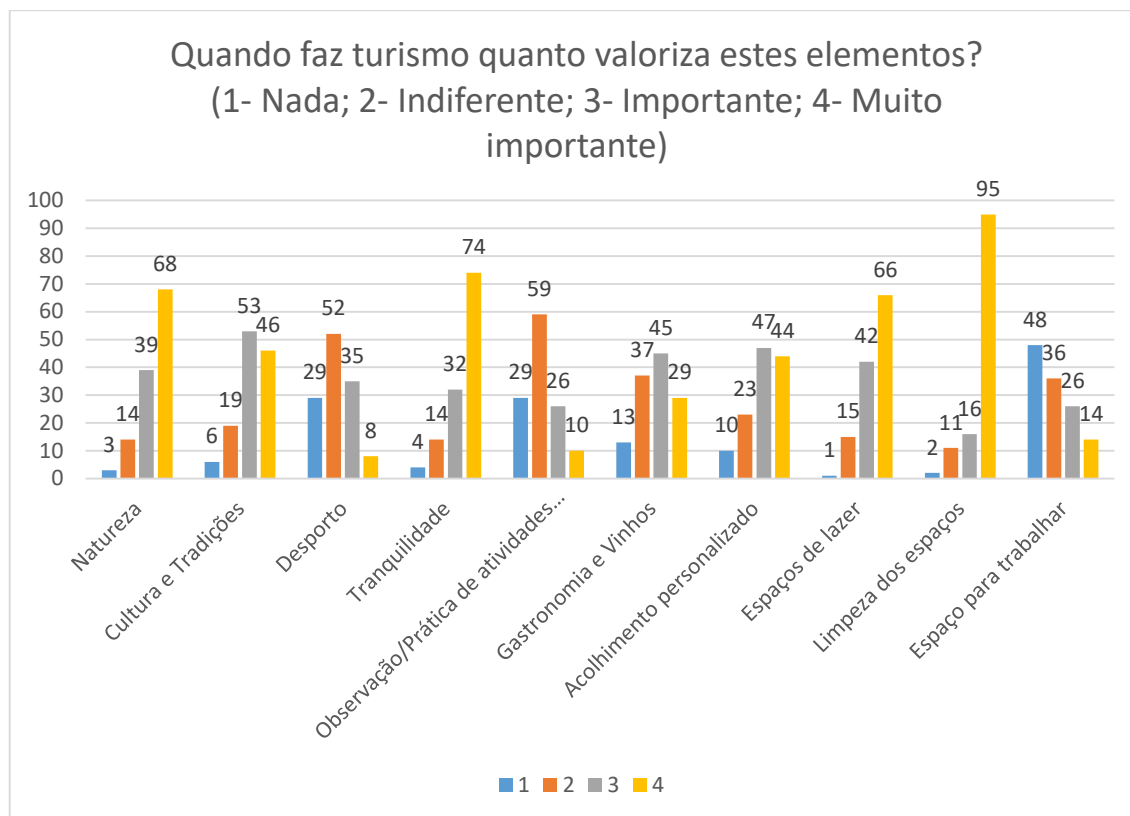
Que tipo de alojamento prefere quando faz turismo



- Parque de campismo
- Casa de familiares/amigos
- Residência
- Turismo em espaço Rural
- Alojamento local
- Hotel
- Pousada
- Agro-turismo
- Auto caravanas
- Bungalows

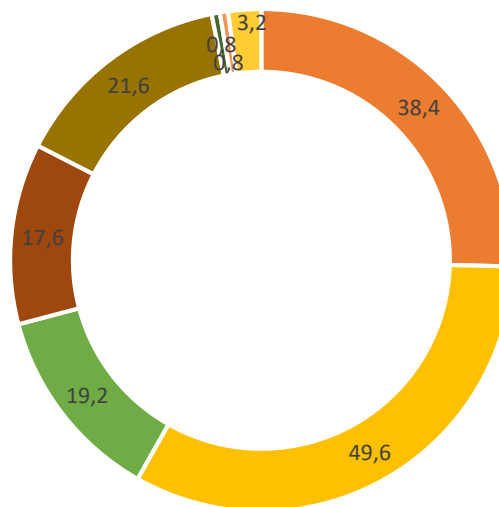
Quanto ao tipo de alojamento preferido o que tem maior percentagem é o hotel, com 60,8%. Em seguida o Turismo em espaço rural 34,4%, alojamento local com 31,2%, bungalows com 27,2%, parque de campismo com 23,2%, Pousada com 16,8%, casa de familiares/amigos 13,6%, residência 8%, agroturismo 5,6 e por último autocaravanas com 1,6%.

No caso do projeto falamos em turismo em espaço rural, mais propriamente de agroturismo. Segundo os dados do gráfico grande parte das pessoas tem preferência pelo turismo em espaço rural (34,4%) mas apenas 5,6% das pessoas prefere o agroturismo.



Quanto a este gráfico tiraram-se conclusões sobre elementos que as pessoas mais valorizam. Notou-se que a maior parte das pessoas valorizam a natureza nível 4, a cultura e tradições nível 3, o desporto nível 2, a observação/prática de atividades agrícolas nível 2, gastronomia e vinhos nível 3, acolhimento personalizado nível 3, espaços de lazer nível 4, limpeza dos espaços nível 4 e espaço para trabalhar nível 1.

Nas suas experiências de turista qual o serviço que já sentiu falta?



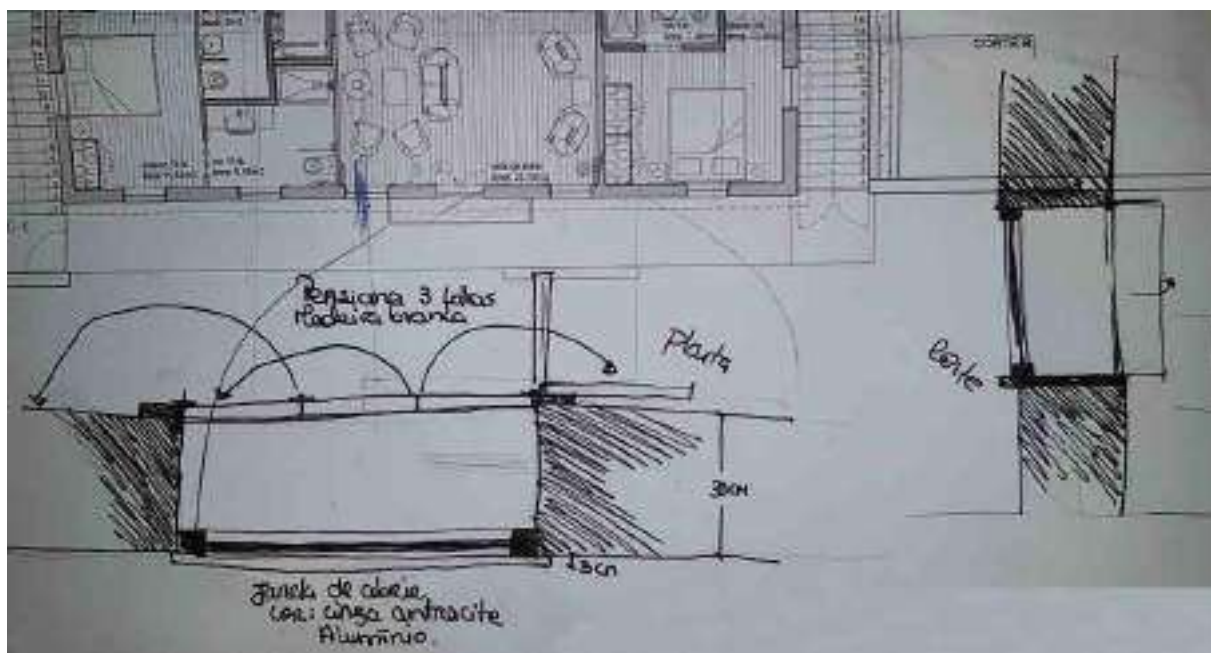
- Estacionamento
- Restaurante
- Wc privado
- Condições básicas (p.e. limpeza)
- Wi-fi
- Lavandaria
- Comida caseira
- Nenhuma

Na análise deste gráfico concluiu-se que o serviço que as pessoas mais sentiram falta foi wi-fi, 49,6%. De seguida foi parque de estacionamento, 38,4%, wc privado, 21,6%, lavandaria 17,6%, 3,2% não sentiu falta de nada, e 0,8% das pessoas sentiram falta de condições básicas (p.e. limpeza) e comida caseira. De alguns destes tópicos, os turistas do empreendimento deste projeto não sentirão falta. Por exemplo, este empreendimento terá parque de estacionamento, terá restaurante para os turistas clientes, onde poderão deliciar-se com comida caseira típica da região. Quanto à falta de wc privado, também não será problema neste empreendimento, pois cada quarto terá o seu wc privado. Também o serviço de lavandaria será prestado mediante condições do dono.

Assim, conclui-se que a elaboração e posteriores respostas a este questionário foram bastantes úteis e ajudaram no desenvolvimento do projeto, pois permitiram perceber quais as necessidades das pessoas que fazem turismo e também de possíveis zonas e serviços que podem ser acrescentados.

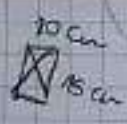
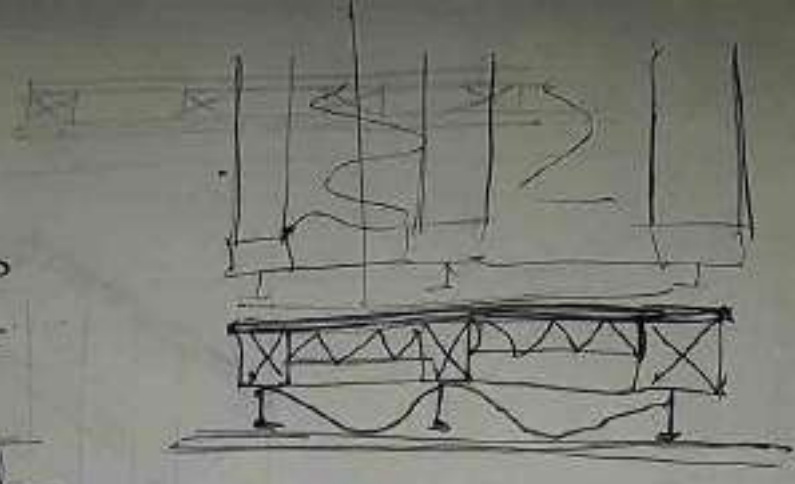
Anexo II

Desenvolvimento do projeto (esquissos)

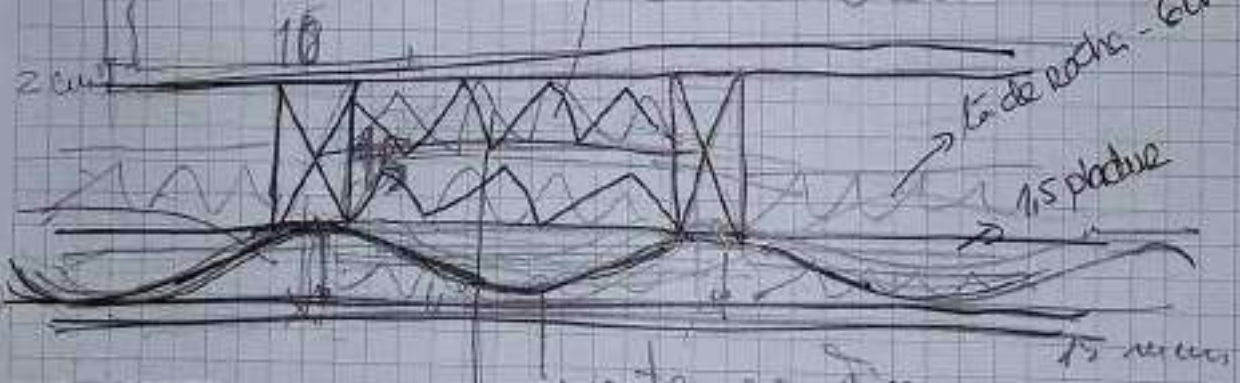


CHÃO MADEIRA

Estudo Isolamento teto



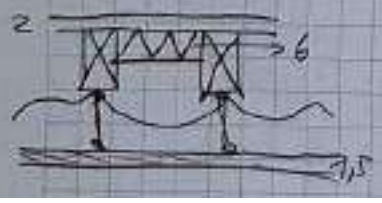
laje de rocha

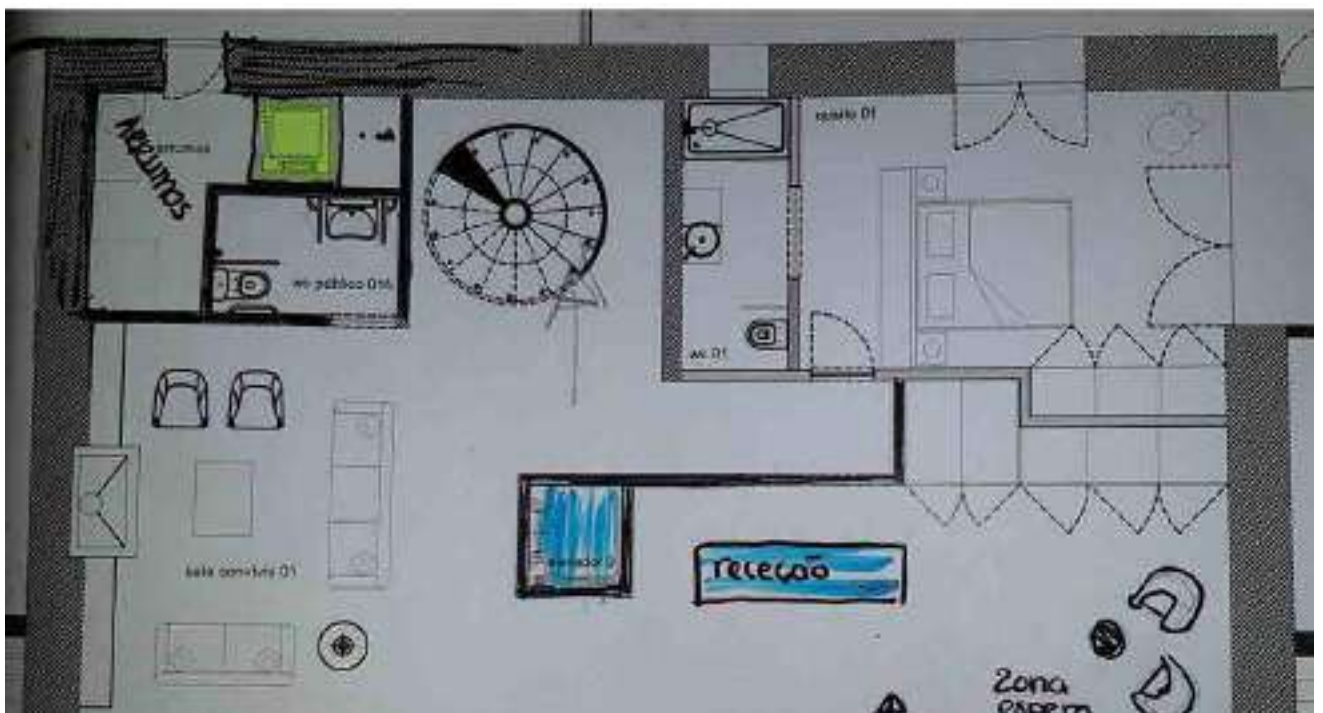
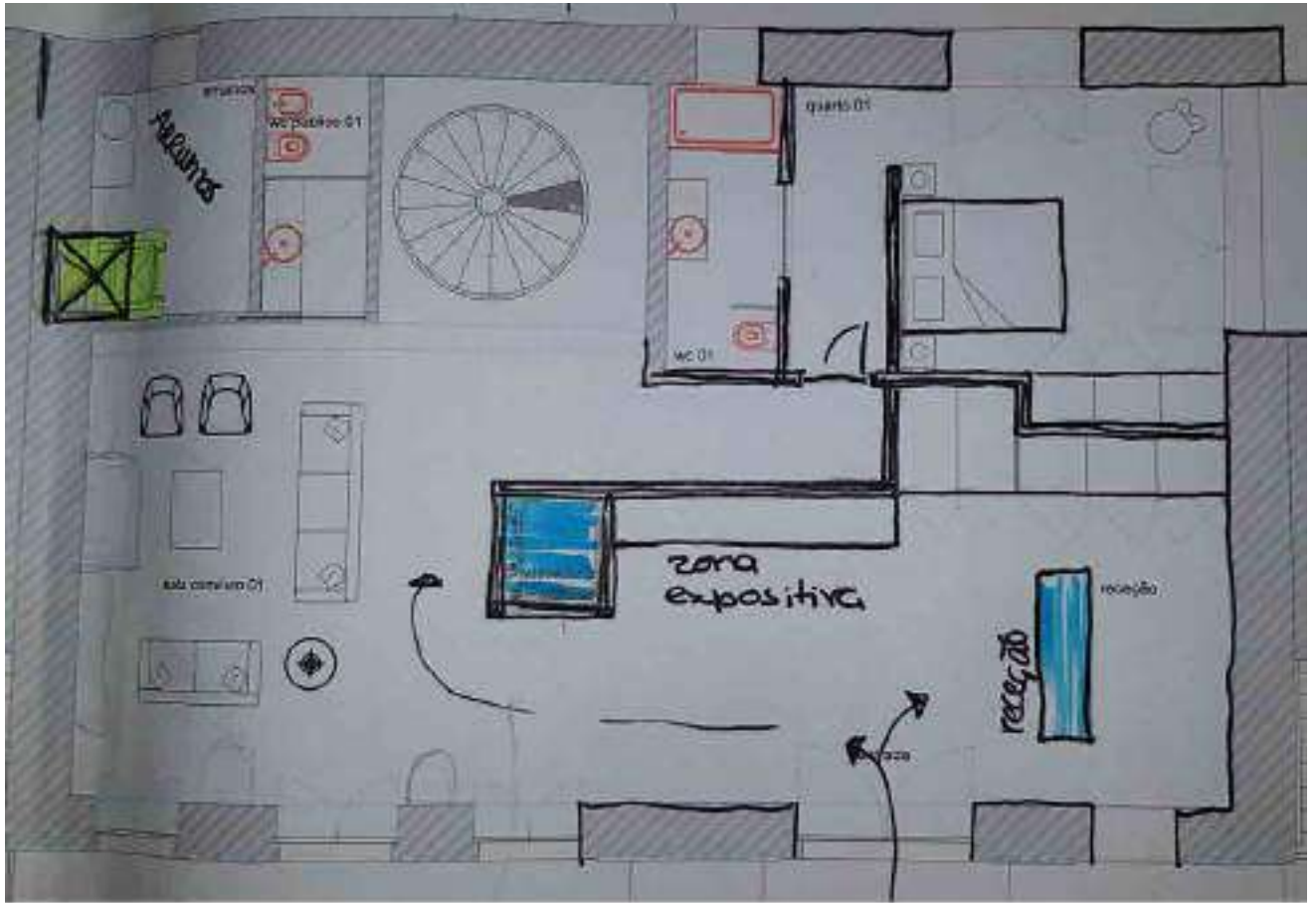


mantã acustica

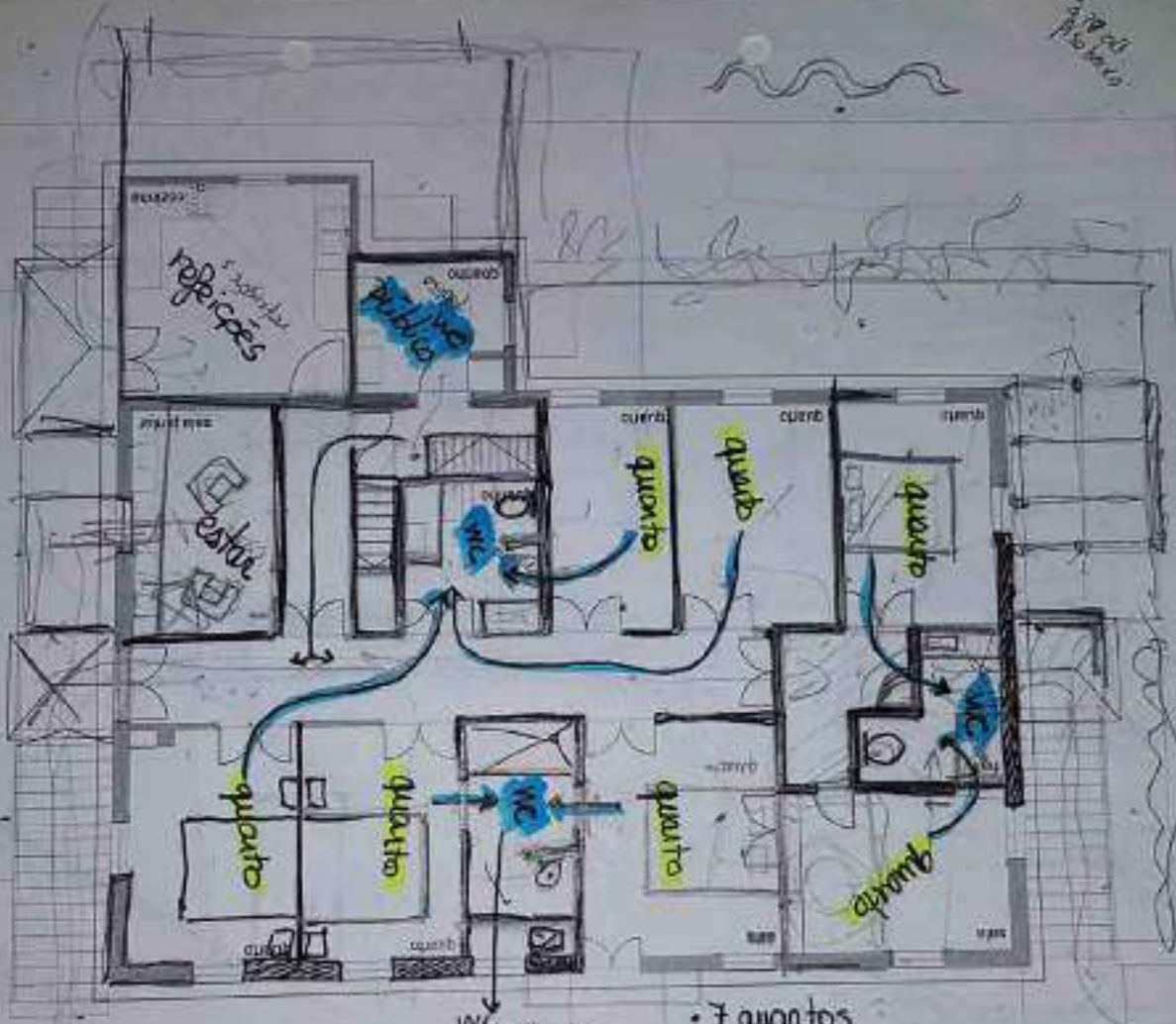
→ não permeáveis

→ não alveos



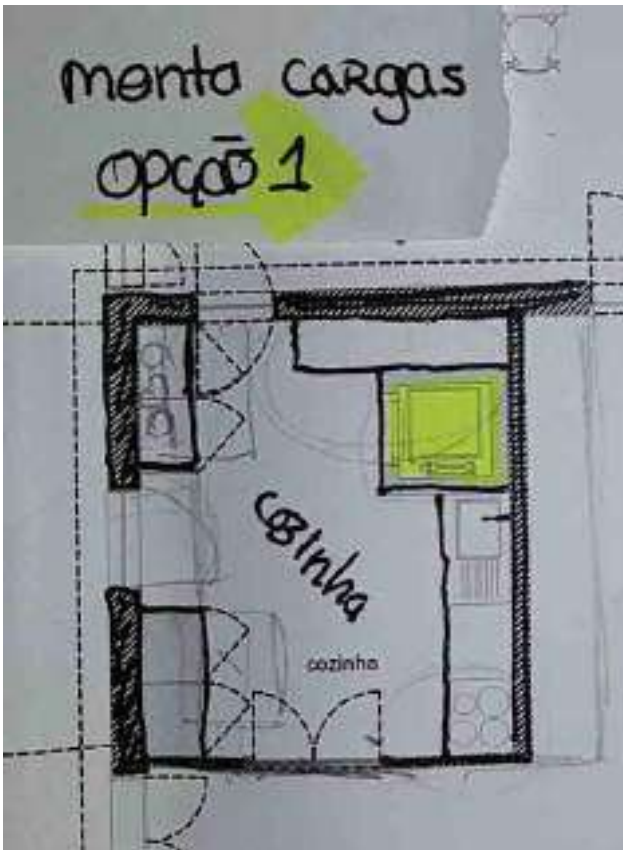
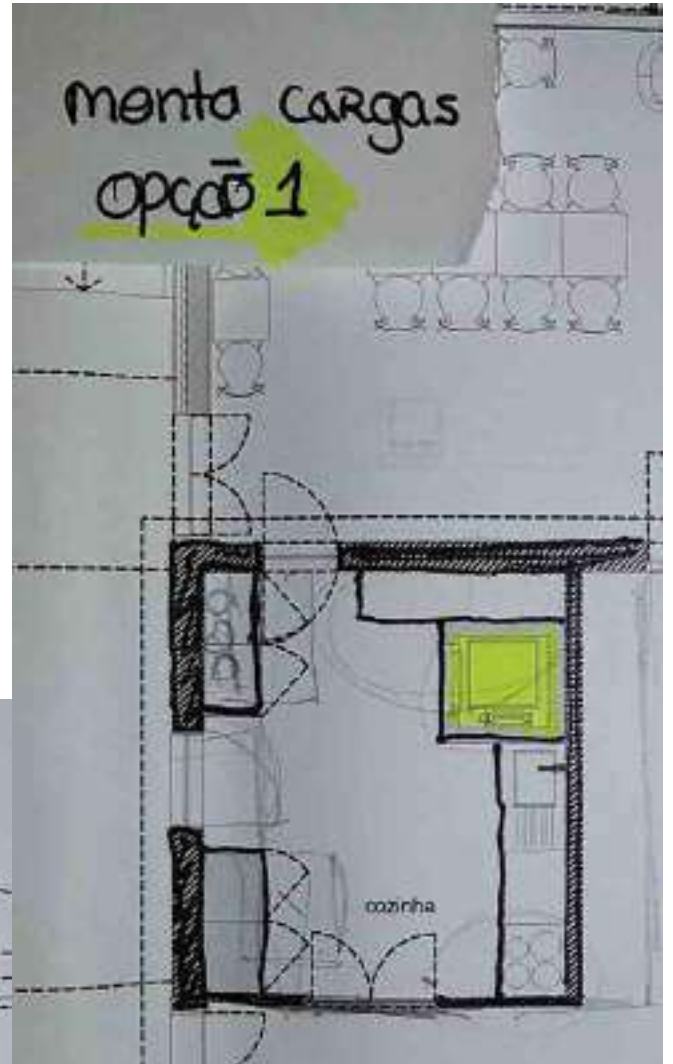
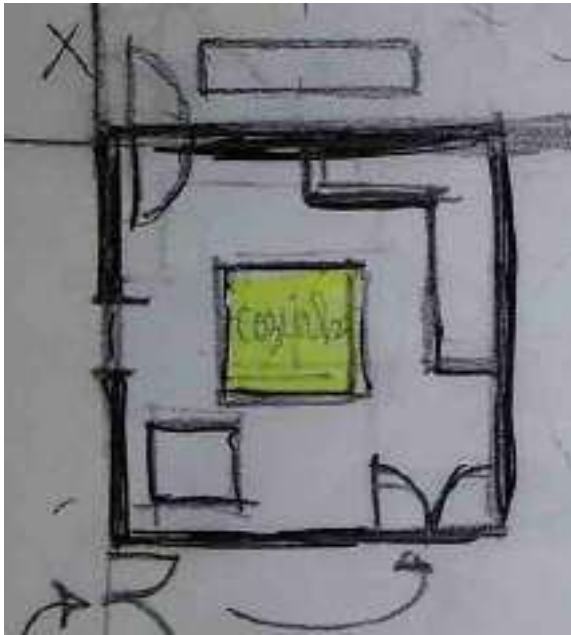


2º andar
11/10/2010

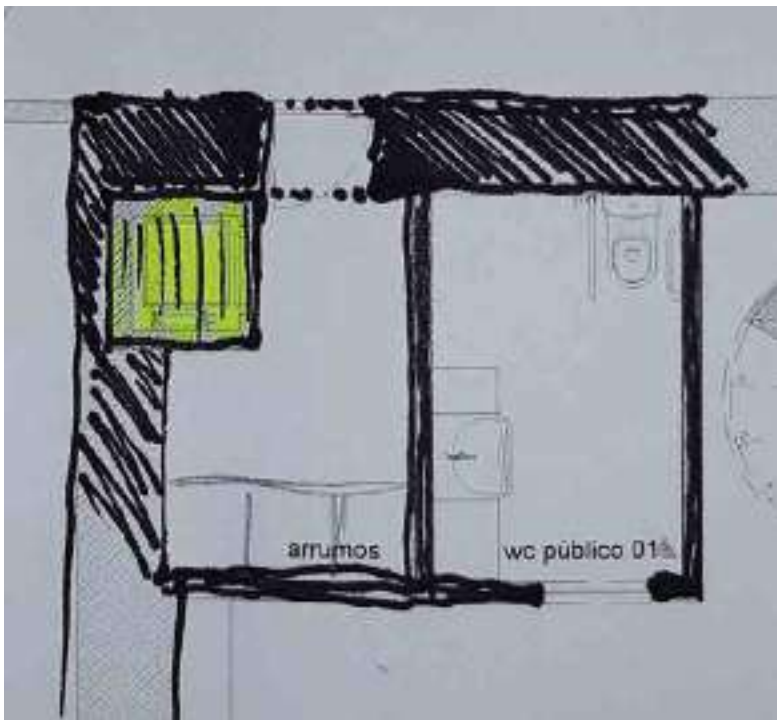
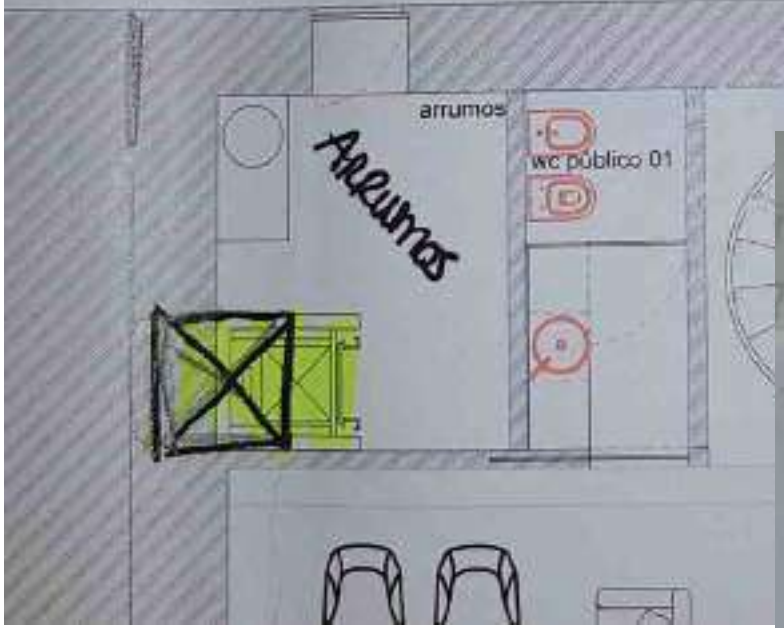


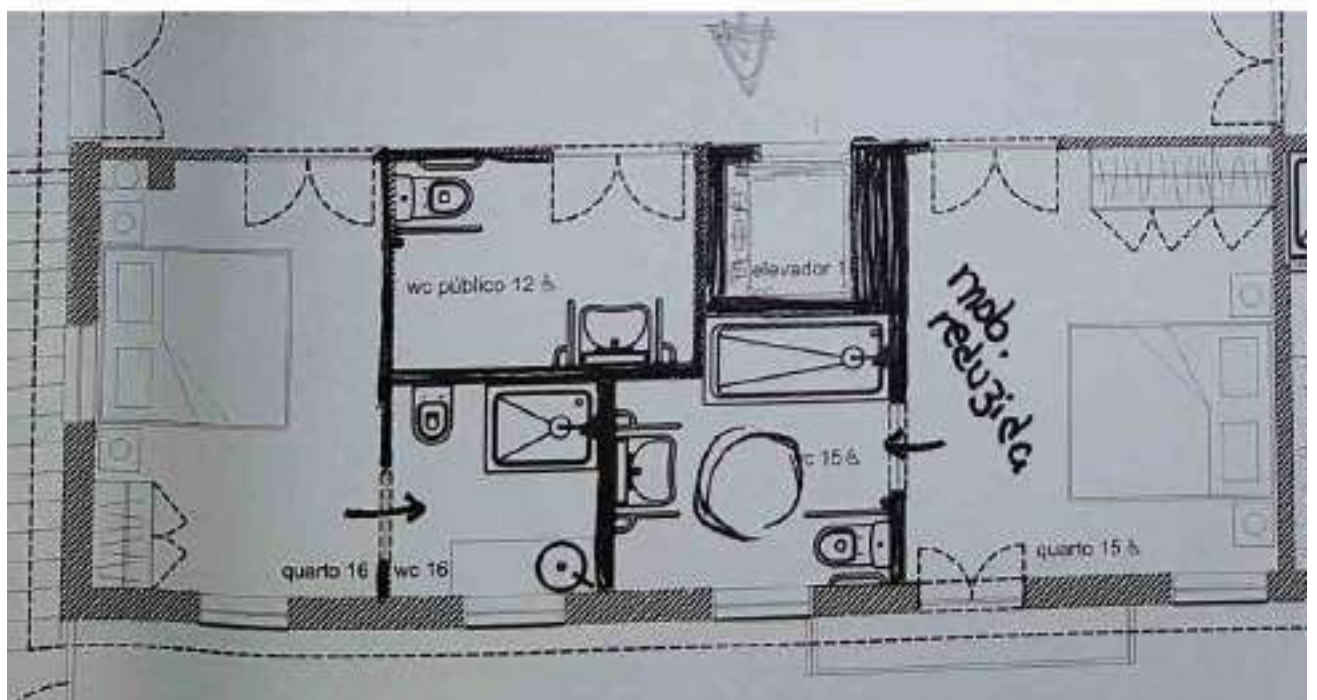
wc partilhado

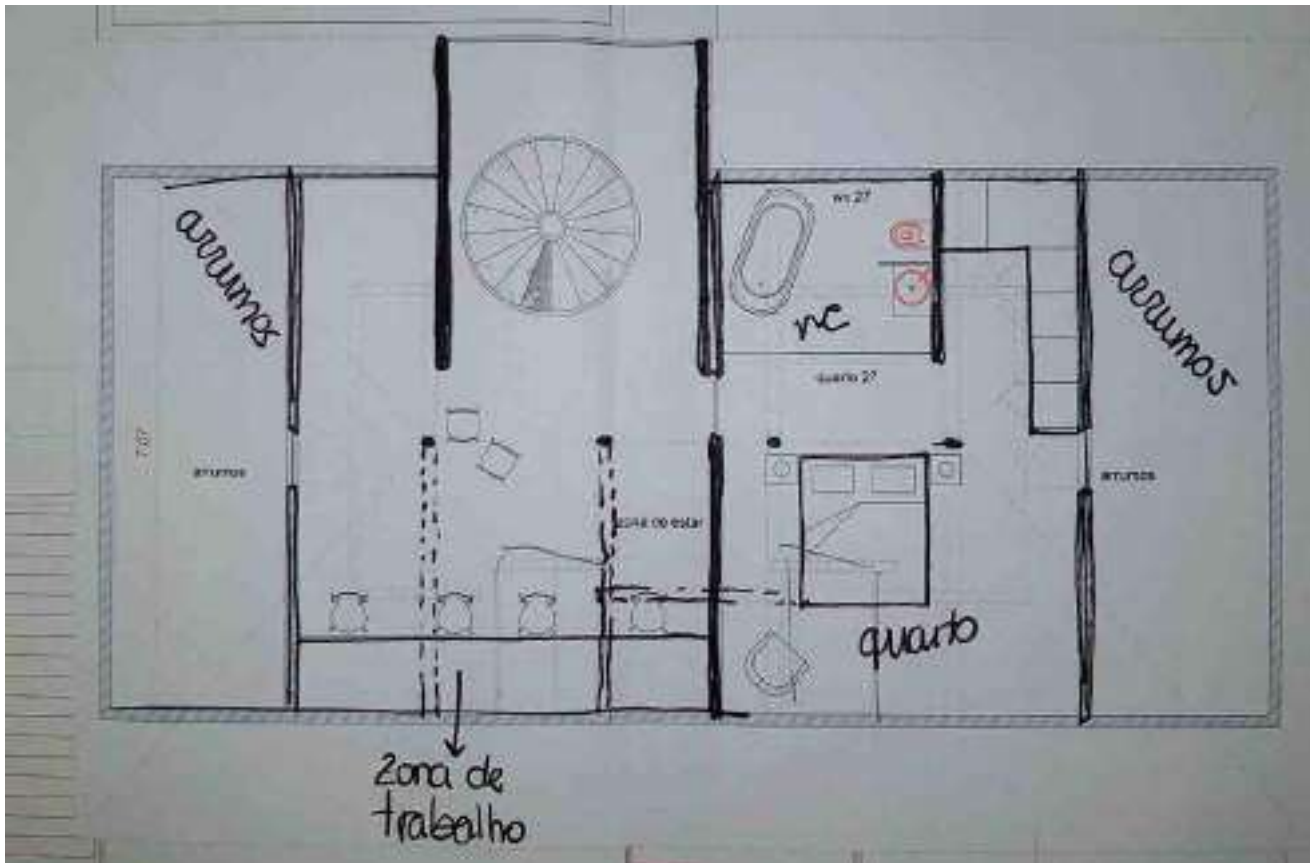
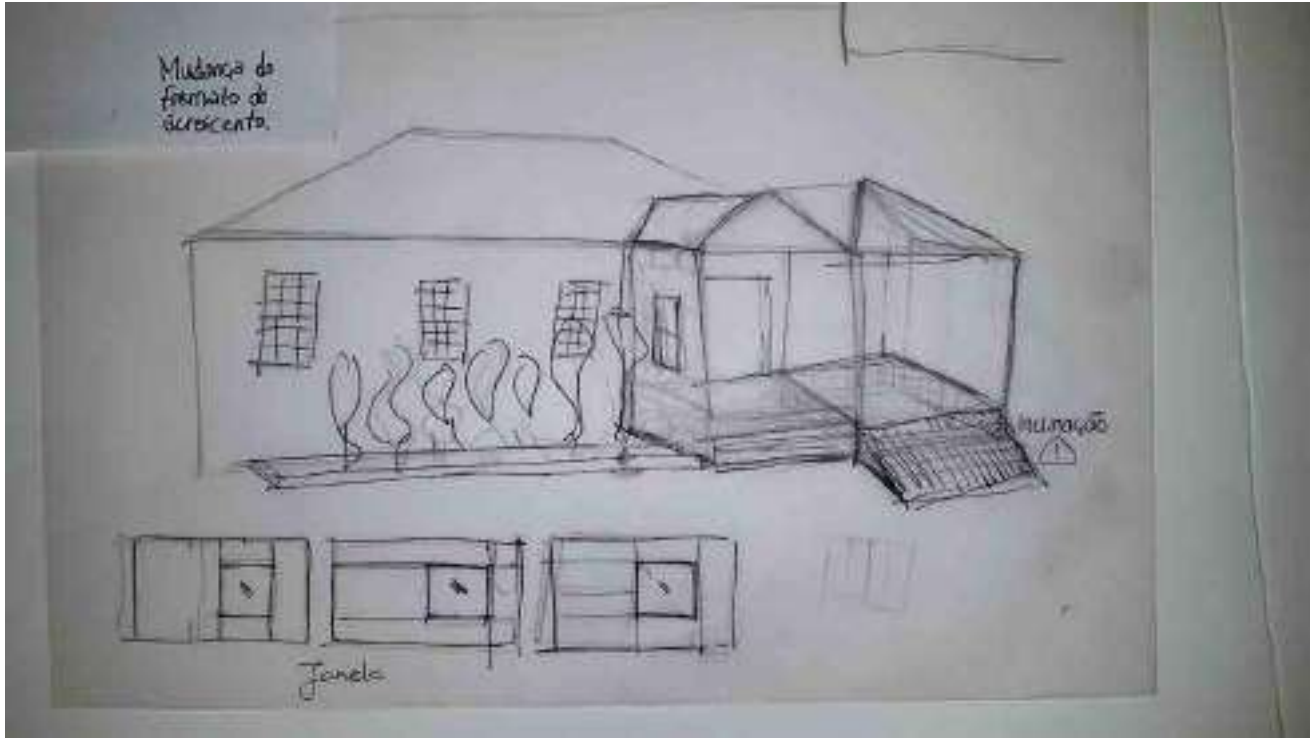
- 7 quartos
- 2 casas de banho para 1 + 1 wc para 3
- sem elevador
- sem sala

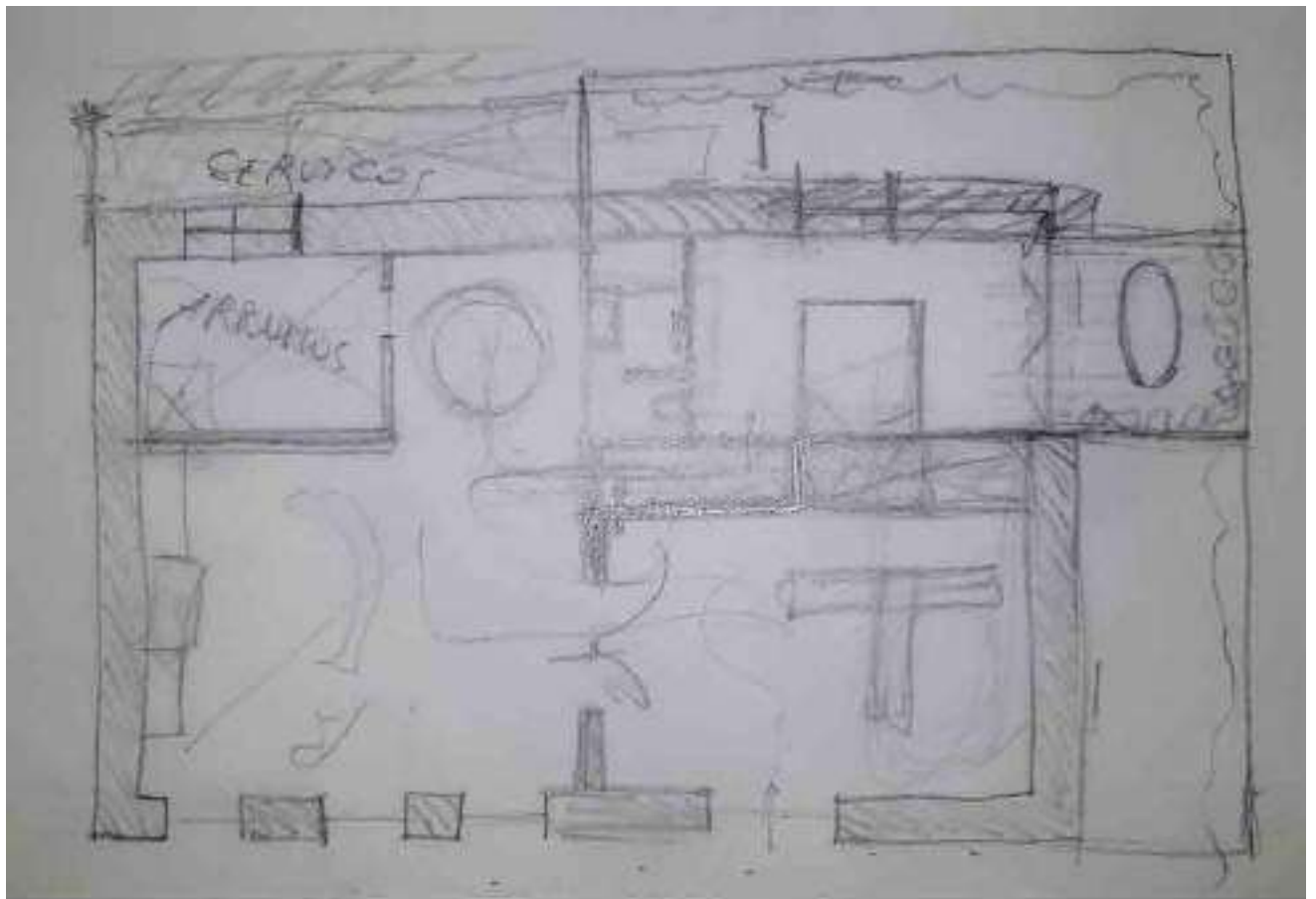


monta cargas
opção 2









Anexo III

Maquete





Turismo
na Natureza



Matosinhos
2020